



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

GLEICE KELLY CAMPOS BARBOSA DA SILVA

**ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E INDISCIPLINA:
a perspectiva de adolescentes da cidade de Várzea Grande, Mato Grosso**

**Cuiabá-MT
2020**

GLEICE KELLY CAMPOS BARBOSA DA SILVA

**ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E INDISCIPLINA:
a perspectiva de adolescentes da cidade de Várzea Grande, Mato Grosso**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso como exigência parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Linha de Pesquisa: Processos de desenvolvimento e suas interfaces com a saúde psíquica.

Orientadora: Prof^a Dra. Jane Teresinha Domingues Cotrin.

Cuiabá-MT

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S586a Silva, Gleice Kelly Campos Barbosa da.
Adolescência, escola e indisciplina: A perspectiva de
adolescentes da cidade de Várzea Grande, Mato Grosso / Gleice
Kelly Campos Barbosa da Silva. -- 2020
159 f. ; 30 cm.

Orientadora: Jane Teresinha Domingues Cotrin.
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Mato Grosso,
Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
Cuiabá, 2020.
Inclui bibliografia.

1. Adolescência. 2. Indisciplina escolar. 3. Psicologia Histórico-
Cultural. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
 Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - Cuiabá/MT
 Tel : (65) 3615-8424 - Email : ppgpsi.ufmt@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "A PERSPECTIVA DE ADOLESCENTES DA CIDADE DE VÁRZEA GRANDE-MATO GROSSO SOBRE, ADOLESCÊNCIA, ESCOLA E INDISCIPLINA"

AUTORA : Mestranda Gleice Kelly Campos Barbosa da Silva

Dissertação defendida e aprovada em 10/03/2020.

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientadora	Doutora	Jane Teresinha Domingues Cotrin	
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO			
Examinadora Interna	Doutora	Camila Turati Pessoa	
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO			
Examinadora Externa	Doutora	Ana Karina Amorim Checchia	
Instituição : UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO			
Examinadora Suplente	Doutora	Sandra Pavoeiro Tavares Carvalho	
Instituição : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO			

CUIABÁ, 10/03/2020.

AGRADECIMENTOS

À querida Jane Teresinha Domingues Cotrin que me orientou durante esses anos na pós-graduação, com a qual construí uma relação de ensino-aprendizagem com muito afeto e, para além disso, uma amizade.

À professora Ana Karina Amorim Checchia, titular externa na banca da qualificação e defesa; à professora Sandra Pavoeiro Tavares Carvalho, titular interna na banca na qualificação e defesa; à professora Camila Turati Pessoa, suplente na banca de qualificação e defesa; à professora Daniela Barros da Silva Freire Andrade, titular interna na banca da pré-qualificação e à professora Renata Rodrigues Vilela, titular externa na banca da pré-qualificação - imensa gratidão pelas relevantes contribuições para este trabalho. Saibam que todas têm minha admiração, pois, desde a graduação até o final do mestrado, sempre recebi incentivo e apoio para iniciar uma trajetória enquanto pesquisadora.

Aos coordenadores, diretores da escola pública e privada que me deram a oportunidade de adentrar no espaço escolar, assim como aos adolescentes que se propuseram a participar e falar sobre temas que dizem respeito aos outros e a si mesmos. Gratidão pela disposição de cada um.

À CAPES/FAPEMAT que subsidiou minha permanência na Pós-Graduação, foi mais um sonho realizado.

À professora Geniana dos Santos pela revisão do texto. É uma honra tê-la como participante desta conquista.

À minha família sendo eles, meu pai Roni, minha mãe Domingas, minha irmã Gislaine e minha tia Rosalina que sempre me apoiaram, cuidaram de mim nas minhas fragilidades, me proporcionaram momentos de alegrias, compreenderam minhas ausências.

À minha psicoterapeuta Thaís Piovezan, pelo acolhimento e cuidado com a minha saúde mental neste percurso de tantas mudanças.

Ao meu esposo Ivan, que por diversas vezes auxiliou e acompanhou-me na minha formação, suportou minhas ausências com paciência e amor.

Aos meus amigos de longa data, especialmente Adriely Rompate, e aos novos que conquistei durante a Pós-Graduação, pois cada um de vocês me deram apoio quando necessário: Principalmente Cintia Abreu, Pamela Delmondes, Guilherme Junior, Jackeline Mendonça, Andreia Dembinski e Daniele Brito.

A todos, muito obrigada!

Sobre ser adolescente.

“Pra mim, eu penso isso. O povo pensa isso, que aborrecente é aquele que faz tudo errado. Pra mim não, o aborrecente é aquela criança que tá tendo que se reinventar, tá tendo que se achar na sociedade, tá lá caçando pra ver quem que ela é no meio de tudo e todos. Quando ela achar e ver aquilo, que ela pode ser melhor do que ela tá sendo. É que nem passar da adolescência pra fase adulta, mas tem adolescentes que já faz isso na fase da adolescência, igual eu, eu achei, eu me achei na adolescência e é isso eu tô conseguindo me dar bem comigo e com a minha família, agora tem adolescentes que não consegue”.

(Icaro, adolescente da escola pública)

RESUMO

A presente dissertação é produto da pesquisa realizada por meio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e teve como objetivo compreender a perspectiva de estudantes adolescentes sobre a escola, a adolescência e a indisciplina em um contexto de uma escola pública e outra privada. Para isso foi realizada uma pesquisa qualitativa cuja abordagem teórica de referência é a perspectiva crítica em Psicologia Escolar e a Psicologia Histórico-Cultural. Iniciamos com estudo teórico sobre a adolescência e em seguida foi realizada uma revisão bibliográfica sobre adolescência e indisciplina escolar. Foi desenvolvida uma pesquisa de campo em que foi utilizada a técnica do grupo focal para a produção de dados para análise. Foram formados dois grupos, sendo um de uma escola pública com sete estudantes e outro de uma escola privada com dez estudantes, todos do nono ano do ensino fundamental, sendo os dados registrados por meio de filmagem e gravação de áudio e transcrição. Ambas as escolas estão localizadas na cidade de Várzea Grande, estado de Mato Grosso. A análise dos dados foi feita considerando-se os pressupostos da Análise Temática. Os resultados revelam as perspectivas que os adolescentes têm de si e da sua condição nas relações familiares, escolares e na sociedade. Apontam críticas sobre como vem sendo tratados pelos adultos e sugerem propostas sobre a melhor forma de se relacionarem. Evidenciam, com isto, a relevância das relações no desenvolvimento de sua identidade bem como no modo que se apropriam da vida adulta. Os resultados também possibilitaram compreender as perspectivas que alunos adolescentes têm sobre o processo de escolarização e como nesse processo se produz a indisciplina escolar. A análise ressalta que tanto adolescência quanto a indisciplina é uma produção histórica e cultural que perpassa relações construídas institucionalmente. Depreende-se com esta pesquisa que não se trata de algo inerente à adolescência, massim construída socialmente.

Palavras-chave: Adolescência. Indisciplina escolar. Psicologia Histórico-Cultural.

ABSTRACT

This dissertation is the product of research carried out in the Graduate Program in Psychology (PPGpsi) at the Federal University of Mato Grosso - UFMT and aimed to understand the perspective of adolescent students about school, adolescence and indiscipline in a context of public and private schools. For this, a qualitative research was carried out whose theoretical approach of reference is the critical perspective in Psychology and Historical-Cultural Psychology. We started with a theoretical study on adolescence and then a bibliographic review on adolescence and school indiscipline was carried out. A field research was developed in which the focus group technique was used to produce data for analysis. Two groups were formed, one from a public school with seven students and the other from a private school with ten students, all from the ninth grade of elementary school. Both schools are located in the city of Várzea Grande, state of Mato Grosso. Data analysis was performed considering the assumptions of Thematic Analysis. The results reveal the perspectives that adolescents have of themselves and their condition in family, school and society relationships. They point out criticisms about how they have been treated by adults and suggest proposals on the best way to relate. With this, they show the relevance of relationships in the development of their identity as well as in the way they appropriate adult life. The results also made it possible to understand the perspectives that adolescent students have about the schooling process and how school indiscipline is produced in this process. The analysis highlights that both adolescence and the indiscipline is a historical and cultural production that runs through institutionally built relationships. It appears from this research that it is not something inherent to adolescence, but socially constructed.

Keywords: Adolescence. School indiscipline. Historical-Cultural Psychology.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Artigos selecionados a partir das palavras-chave: indisciplina escolar, adolescência e psicologia _____	30
Tabela 2. Modelo de codificação fase 2 da técnica de Análise Temática _____	54
Tabela 3. Trecho do processo de definição dos temas da técnica de Análise Temática. ____	54
Tabela 4. Trecho do processo de revisão de temas _____	54
Tabela 5. Temas e subtemas abordados na análise de dados _____	55
Tabela 6. Diferenças entre ser adulto e ser adolescente _____	71

LISTA DE SIGLAS

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CRAS- Centro de Referência de Assistência Social

CREAS- Centro de Referência Especializada da Assistência Social

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

FAPEMAT- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Desenvolvimento da estruturação do grupo focal nos grupos focais, 2019.	45
Figura 2. Procedimentos da Análise Temática	53
Figura 3. Perspectiva de adolescente sobre a adolescência, 2019.	141

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I. PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	7
1.1. A Psicologia Escolar e Educacional: legitimando práticas disciplinares	11
1.2. A construção social da adolescência	15
CAPÍTULO II. A PRODUÇÃO DA INDISCIPLINA ESCOLAR	23
2.1. Revisão bibliográfica.....	30
2.1.1. Definição do termo indisciplina escolar.....	35
2.1.2. Adolescência e a relação causal da indisciplina	36
2.1.3. Concepções atribuídas adolescência	38
CAPÍTULO III - A PESQUISA DE CAMPO: PERCURSO METODOLÓGICO	42
3.1. Caracterização das escolas.....	45
3.2. Planejamento dos grupos	46
3.3. Ambientação	47
3.4. Recrutamento	48
3.5. Roteiro de temas.....	48
3.6. A composição do grupo.....	50
3.7. Encontros grupais.....	51
CAPÍTULO IV –ANÁLISE.....	53
4.1. Tornar-se adolescente: perspectivas de adolescentes de uma escola pública e privada	56
4.2. Perspectivas sobre temáticas transversais.....	89
4.3. A produção da indisciplina na escola: A perspectiva sobre escola e indisciplina escolar	98
4.4. A relação professor-aluno e a implicações no processo de ensino-aprendizagem	108
4.5. Os alunos considerados indisciplinados, quem são?	112
4.6. Como se produz a indisciplina? Considerações, críticas e propostas	119
4.7. Adolescência e indisciplina, tem alguma relação?.....	131

4.8. Democracia na escola: perspectivas dos alunos para as relações escolares.	133
CAPÍTULO V – DISCUSSÃO	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS.....	153

INTRODUÇÃO

A presente dissertação é produto da pesquisa realizada por meio do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGpsi) da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT e faz parte da linha de pesquisa: processos de desenvolvimento e suas interfaces com a saúde psíquica. A pesquisadora é membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação de Mato Grosso, coordenado pela Jane Teresinha Domingues Cotrin.

Também foi desenvolvida como parte das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação de Mato Grosso, coordenado pela Profa. Dra. Jane Teresinha Domingues Cotrin.

O entusiasmo pelo campo da Educação se deu durante o percurso da graduação em Psicologia, especificamente no contato com a disciplina de Psicologia Escolar e Educacional, em que nos foi apresentada a perspectiva crítica em Psicologia Escolar. As leituras e discussões realizadas durante as aulas proporcionaram um novo modo de compreender as demandas escolares a partir de uma perspectiva crítica de compreensão dos fenômenos, comprometida com a realidade educacional de diferentes classes sociais, bem como, com o enfrentamento da lógica contraditória que opera em nosso país, ao considerar a Educação ofertada pelas escolas de iniciativa pública e privada. Com isso, foi possível compreender as desigualdades sociais nas histórias denominadas queixas escolares, no sofrimento dos atores das escolas, nos direitos humanos negligenciados, na lógica capitalista e medicalizante da Educação e da sociedade, o que despertou, em mim, grande interesse pela Psicologia Educacional e Escolar.

As produções dos debates em sala de aula fomentavam a necessidade da formação de pesquisadores nesse campo, assim como, o compromisso social e profissional com o saber e o fazer da Psicologia no contexto escolar enquanto prática. Isto me despertou o interesse por ingressar ao campo da pesquisa e, especialmente, para a docência.

Outro fato que contribuiu para essa escolha foi que, ao final da graduação, recebi um convite do coordenador do curso de graduação em Psicologia para substituí-lo em um encontro de professores em uma escola pública na capital mato-grossense, Cuiabá. A princípio, o encontro visava abordar temas acerca do relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho. No entanto, durante este encontro, os professores e demais funcionários da escola se deram conta que o maior problema que eles enfrentavam era a indisciplina dos alunos do 5º ao 9º ano, ou seja, com alunos adolescentes. Alguns professores relatavam o seu modo particular de lidar com os alunos considerados indisciplinados, pois não havia uma normativa de conduta para

abordar tais desafios. Algumas intervenções foram citadas, no entanto, não obtinham sucesso por um tempo prolongado, como desejavam, e o que me chamou a atenção era a demonstração de desesperança e desespero nas narrativas.

Os professores apresentaram explicações para a causa da indisciplina e desordem que viam manifestadas nas salas de aulas, elas iam de atitudes individuais de poucos alunos a uma generalização para a turma toda, sendo motivados pela convivência com a violência na vida cotidiana, relações no ambiente familiar, condição socioeconômica, envolvimento com drogas ilícitas, falta de perspectiva para o futuro e, principalmente, por estarem no período da adolescência, algo que, em si, já acarretaria tais problemas.

Ao término do encontro, os profissionais ressaltaram a importância da parceria entre a Educação e a Psicologia Escolar como dois campos de saber, que, juntos, contribuiriam para que fosse possível a participação efetiva de cada sujeito no processo de escolarização. Os professores ressaltaram que, durante a formação não receberam orientação de como intervir nos casos de indisciplina escolar. Em suma, o encontro foi encerrado de forma satisfatória, contudo, os professores ressaltaram a necessidade de se ter orientações mais específicas sobre como lidar com a indisciplina.

A demanda desse grupo me provocou indagações e inquietações, pois a intervenção realizada considerou apenas as queixas dos professores. Nesse sentido, não foi possível ouvir a versão dos alunos sobre a indisciplina escolar a eles atribuída e as estratégias então, foram pensadas para os alunos e não com os alunos. Diante disso, destaco a relevância de ouvi-los diante de um fenômeno que os implica diretamente, ou seja, o aluno em sua relação com a escola.

Tal preocupação se transformou em questionamentos: o que era considerado indisciplina? Qual era a causa da indisciplina? Por que a indisciplina acontecia em determinadas aulas e não em outras? Por que algumas turmas eram consideradas mais disciplinadas do que outras? Qual a melhor forma de lidar com a indisciplina? Quais os fatores que levavam os adolescentes a comportamentos considerados disciplinados ou indisciplinados? Como era ser adolescentes naquela realidade? O que pensavam sobre indisciplina? Esses questionamentos me impulsionaram para concorrer a uma vaga no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso.

O ingresso no mestrado proporcionou a leitura e o conhecimento de textos sobre a adolescência em uma perspectiva crítica em Psicologia. A pesquisa da autora Ana Karina Amorim Checchia e que resultou no livro “Adolescência e Escolarização numa Perspectiva

Crítica em Psicologia Escolar” (2010) me inspirou sobremaneira na elaboração do projeto desta pesquisa.

De acordo com Checchia (2010) até a realização de sua pesquisa eram escassos os estudos que considerassem a adolescência como construção social e histórica. Para a autora, os estudos realizados até aquele momento, privilegiavam vertentes que rotulavam e patologizavam a adolescência. Os dados de sua pesquisa apontaram que estas perspectivas teóricas desconsideravam o contexto, a cultura, as reais demandas, dificuldades e necessidades que eram vivenciadas pelos adolescentes na escola e na vida cotidiana. Tais perspectivas contribuíram para a naturalização da adolescência e as diversas formas de vivenciá-la. A autora ainda aponta que outros aspectos como a condição socioeconômica em que os adolescentes vivem são negligenciados, o que favorece a padronização de um tipo de adolescência e sua estigmatização, contribuindo para uma relação demarcada por atribuições pejorativas pela própria sociedade. Além disso, aponta para a necessidade de termos mais pesquisas que venham romper com essas perspectivas cristalizadas no âmbito da Psicologia.

A autora ainda aponta que outros aspectos, como a condição socioeconômica em que os adolescentes vivem, são negligenciados, o que favorece a padronização da concepção de adolescência e estigmatização. Isso contribui para uma relação demarcada por atribuições pejorativas pela própria sociedade. Além disso, aponta a necessidade de mais produção teórica e pesquisas que venham romper com essas perspectivas cristalizadas no âmbito da Psicologia.

Dessas considerações e questionamentos nasceu esta pesquisa, de natureza qualitativa, que tem como objetivo compreender a perspectiva de alunos adolescentes sobre a adolescência, a escola, e a indisciplina a partir da dinâmica de uma escola pública e outra privada na cidade de Várzea Grande, estado de Mato Grosso. Para além disso, busca compreender as causas da indisciplina na escola, na versão dos próprios alunos, comparando as perspectivas atribuídas pelos adolescentes, alunos de ambas escolas. O referencial teórico adotado é a perspectiva crítica em Psicologia e a Psicologia Histórico-Cultural de L.S. Vygotsky.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, o desenvolvimento humano se dá pelas relações sociais estabelecidas em um processo histórico mediado por produções culturais. Isso significa que, pelas relações estabelecidas entre os seres humanos, em determinado período da história que são produzidos e apropriados os bens materiais e culturais que promovem a humanização dos sujeitos (REGO, 2013). Assim, o desenvolvimento humano não depende puramente de uma maturação biológica, mas se trata de um processo de humanização, por meio da apropriação e produção de conhecimentos em sociedade.

Vale mencionar que os estudos de Vygotsky não abordam diretamente a questão da indisciplina escolar. No entanto, fornecem elementos teóricos que nos permitem compreender a adolescência e a indisciplina como uma produção social e histórica. Desse modo, contrastam com teorias naturalizantes que desprezam aspectos históricos e culturais da constituição subjetiva do desenvolvimento humano. Sob esse ponto de vista teórico, aponta-se uma crítica às teorias naturalizantes, pois estas assumem um caráter reducionista ao explicar o fenômeno da indisciplina escolar, envolvendo adolescentes, como um problema comportamental inerente ao próprio período da adolescência.

Sob o ponto de vista teórico da Psicologia Histórico-Cultural, a indisciplina na escola pode ser compreendida como uma produção das relações estabelecidas no contexto escolar perpassada em um processo histórico do próprio sistema educacional, determinada pelos aspectos culturais produzidos nela. Portanto, não há relação causal se considerarmos a adolescência como um período demarcado por comportamentos indisciplinados decorrentes da puberdade.

Sendo assim, esta pesquisa se propôs ouvir os alunos adolescentes, a partir de alguns eixos temáticos tais como: a) A perspectiva de adolescentes sobre adolescência; b) O processo de tornar-se adolescente nos dias atuais; c) As perspectivas que os adultos têm sobre o adolescente; d) A produção da indisciplina escolar na perspectiva de adolescentes; e) Como, onde e por que acontece a indisciplina escolar; f) A vida escolar de alunos considerados indisciplinados; g) Críticas e propostas de adolescentes sobre a indisciplina escolar.

A partir dessas considerações, foi construído um percurso metodológico que partiu de um estudo sobre a adolescência numa perspectiva crítica e histórico-cultural em que retomamos aspectos históricos e sociais que culminaram no surgimento da adolescência e, assim, defendendo o pressuposto de que é um fenômeno produzido historicamente nas classes sociais após a ascensão do capitalismo.

Assim, no primeiro capítulo são introduzidas questões pertinentes à adolescência e suas implicações teóricas produzidas ao longo da história humana, isto é, sobre a inserção da adolescência como fase específica do desenvolvimento humano. Primeiramente, enfatiza-se um referencial que aborda a adolescência a partir de uma concepção hegemônica na área da Psicologia, posteriormente destacam-se as contradições que nelas se apoiam e por fim, apresenta-se o contraste de uma perspectiva crítica que privilegia a sua construção histórica e cultural. Para esta discussão, utilizamos autores como: Martins, Abrantes e Facci, (2016); Meira, (2000); Meira (2012); Rego, (2013); MOLON, (1996); Checchia (2010); Turatti (2018);

Barbosa e Souza (2015); Meira e Antunes (2003); Bock (2007); Antunes (2008); Freller (2001); Xavier e Cotrin (2018) e Dazzani et al (2014).

No segundo capítulo discorremos teoricamente sobre a questão da indisciplina escolar a fim de compreender o seu modo de produção, considerando a sua complexidade. Para isso, apresentamos uma discussão inicial com os autores Rego (1996), Dazzani et. al (2014), Freller (2001), Xavier e Cotrin (2018), Saviani (2011), dentre outros, e, em seguida, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre o tema para compreendermos o estado em que se encontram as pesquisas atuais sobre o assunto. Destacam-se, nesta revisão, as contribuições da perspectiva crítica em Psicologia Escolar as quais subsidiaram nossa pesquisa em sua hipótese mais proeminente que consistiu em considerar que, a indisciplina escolar não se trata de um fenômeno inerente à adolescência, mas produzida no contexto escolar a partir da dinâmica das relações estabelecidas nas situações de contradições que atravessam o cotidiano da escola, resultando em atos de resistência, rupturas e reproduções das relações sociais, interpretados como rebeldia ou indisciplina escolar.

No terceiro capítulo, descrevemos o percurso metodológico realizado para a produção de dados e a análise dos dados. No que concerne aos procedimentos adotados para a construção de dados, foram formados dois grupos focais nos quais participaram 16 adolescentes com idade de 14 anos cursando o nono ano do ensino fundamental. Quanto à análise da produção de dados nos fundamentamos na Análise Temática proposta por Souza (2018). Por fim, no último capítulo são apresentados os resultados e considerações finais da presente pesquisa.

Evidencia-se que os adolescentes desejam dialogar sobre assuntos mais complexos da realidade vivenciada por eles nesse processo de intregação ao sistema de relações no mundo que engendram a constituição de sua identidade.

Os resultados expostos no quarto capítulo apontam para as transformações ocorridas neste processo de tornar-se adolescente, como por exemplo: as mudanças no campo do pensamento, no modo de se relacionar com os outros, e de como é afetado a partir do lugar que ocupa em tais relações.

Destacou-se a relevância do processo de escolarização, sendo ele um dos principais eventos realizados nesse momento da vida. Permitiu-nos assim, compreender o modo de produção da indisciplina escolar, como se relacionam nesse contexto de relações e como se apropriam do conhecimento sistematizado.

No quinto capítulo apresentamos uma discussão sobre os temas que emergiram da análise temática e assim apresentar articulação dos temas que foram abordados luz da perspectiva crítica em Psicologia Escolar.

Por fim, consideramos que há necessidade de desconstruir as concepções naturalizantes, patologizantes e preconceituosas referentes à adolescência visto há uma predominância nos estudos que abordam a adolescência sob esta perspectiva. Ressaltamos a relevância da construção de novas práticas no contexto escolar a fim de resgatar os saberes pedagógicos e construir reflexões e uma práxis com todos os profissionais da educação, incluindo psicólogos, com os alunos e não para os alunos pois assim é possível acompanhar o movimento dos alunos em contínua transformação.

CAPÍTULO I. PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A concepção de adolescência descrita neste capítulo, está fundamentada na Psicologia Histórico-cultural, que tem sua base epistemológica no materialismo histórico-dialético proposto por Karl Marx. Tem como precursor, Lev Semenovitch Vygotsky¹ (1896-1934). Após estudar direito, pedagogia, medicina, filosofia e psicologia, Vygotsky articula seus estudos sobre a gênese do comportamento humano à luz da teoria do próprio Marx (MARTINS, ABRANTES e FACCI, 2016).

Ao analisar as condições de vida humana no sistema capitalista, Marx depreende que no capitalismo há um aumento significativo de miséria, desemprego, submetendo as pessoas a sobreviverem em condições desumanas. Diante disto, Marx propunha quatro pilares de sua teoria, visando uma práxis transformadora da realidade no sistema capitalista, sendo elas: a reflexão dialética; a crítica dos conhecimentos tradicionais hegemônicos, que desconsideram os aspectos históricos e culturais; a denúncia da degradação humana, advinda do modo de relação contraditória no sistema capitalista e, por fim, a proposta de uma metodologia com vistas a transformação social diante do sistema (MEIRA, 2000).

Sob o ponto de vista filosófico e metodológico, Marx propunha a superação dos conhecimentos tradicionais que, em sua perspectiva, apenas descreveria os fenômenos aparentes. O método proposto por Marx consistia em apreender a essência dos fenômenos, analisando historicamente o que está posto sobre os fenômenos. De acordo com Meira (2000, p. 40). Marx explicitava que era necessário “[...] situar os dados no quadro histórico articulando os dois momentos fundamentais da atividade do conhecer: o momento da aparência, trazido pelos dados, e o da essência, construído através do pensamento teórico”. Para ele, o método científico, a reflexão e a tomada de consciência da própria realidade possibilitariam construir uma práxis de transformação social. Em outras palavras, Marx propunha que a classe dos trabalhadores deveria desenvolver a consciência das contradições existentes nas relações de trabalho e pela ação humana pôr em prática a tomada da consciência de si em tais relações.

Para ele, os sujeitos sociais seriam capazes de transformar a própria realidade se valendo da concepção de que estas relações foram desenvolvidas em um processo histórico no qual se configurariam como produtos da atividade humana. Diante disto, Meira (2000) destaca a

¹ O nome Vygotsky é encontrado na literatura com uma escrita diversa, como por exemplo Vigotski, Vygotski e Vygotski. Optou-se aqui por adotar a grafia Vygotsky como padrão, exceto em obras que tem a grafia que se difere desta.

contribuição de Marx para a construção de um pensamento crítico em psicologia ao considerar como base epistemológica o materialismo histórico dialético, potencializando a condição humana diante das diversas desigualdades produzidas pelo sistema capitalista.

A autora acima explica que há diversas teorias filosóficas que são consideradas críticas. No entanto, Meira (2012, p.16) aponta que no Materialismo Histórico Dialético uma teoria crítica é aquela que apresenta “[...] reflexão dialética; crítica do conhecimento; denúncia da degradação, da alienação e da heteronomia humana nas condições postas pelo capitalismo e a possibilidade de ser utilizado como um instrumento no processo de transformação social”.

Vygotsky se inspirou nessa perspectiva ao perceber que a psicologia passava por um momento de crise no que se referia ao método de investigação sobre a gênese da constituição da subjetividade humana. As matrizes do pensamento científico vigentes naquele período, em sua concepção, não respondiam questões inerentes à ampla constituição da subjetividade humana. As matrizes teóricas, em sua perspectiva, defendiam a constituição da personalidade humana de uma forma dicotômizada, isto é, por meio de uma divisão entre homem-sociedade, mente e corpo, consciência e afeto (REGO, 2013).

O que Vygotsky buscava compreender era a formação da pessoa, propondo-se a investigar para além do que se mostravam as teorias de sua época. Nesse sentido, o autor passa a estudar a constituição da subjetividade pelo princípio de que toda atividade humana é mediada, ora pela linguagem, pelos instrumentos, pelos signos e, inevitavelmente, pelo outro nas relações sociais. Portanto, as relações humanas são essenciais para a humanização das pessoas (MARTINS, ABRANTES e FACCI, 2016).

O autor postulava que, apesar de termos um aparato biológico em potencial, este só se desenvolveria caso estivesse inserido em uma relação com um outro e este outro social. As atividades cerebrais podem ser compreendidas como sendo Elementares e Superiores. Vygotsky percebeu que eram as Funções Psicológicas Superiores que nos distinguem dos animais. A capacidade de planejar, lembrar voluntariamente, imaginar, criar, adaptar, inovar seu ambiente, transmitir, por meio de sua atividade intencional só era desenvolvida à medida que há um relacionamento entre as pessoas. (REGO, 2013).

Seus postulados demonstravam a importância das relações para o desenvolvimento das potencialidades humanas. Esta premissa introduz o que Vygotsky denomina de conhecimento mediado. Em outras palavras, é nas relações sociais que o homem se torna humano e desenvolve suas potencialidades. Logo, toda a produção de conhecimento é cumulativa, isto é, histórica e cultural, e é nessas relações que são apropriadas. Consequentemente, propicia a produção de

novos conhecimentos que garantem sua subsistência em sociedade e a sua manutenção na condição biológica em um processo histórico e cultural (MOLON, 1996).

O conhecimento produzido em sociedade pode ser dividido em: conhecimento cotidiano e sistematizado. O primeiro se refere há conceitos do cotidiano em sociedade (tradições, crenças, rituais, modos de vida, valores morais). Apesar disso, Rego (2013, p. 41) explica que “[...] a cultura é, parte constitutiva da natureza humana já que sua característica psicológica se dá através da internalização dos modos historicamente determinados e culturalmente organizados de operar com informação”.

Já o segundo se refere aos conhecimentos ou conceitos acumulados na história, que é o conhecimento científico. A apropriação do conhecimento cotidiano ou sistematizado só se torna possível mediante o uso da linguagem. A linguagem é compreendida, como uma produção humana que permite apropriar, internalizar, preservar, controlar e modificar os ambientes, produzir relações que organizam, estruturam e mantêm a existência. Para além de sua funcionalidade, a linguagem é um sistema de signos (palavra, sistema de números, escrita) que permite ao ser humano representar a realidade e se expressar. Isto culmina nas possibilidades de relação e comunicação, bem como, no manuseio de instrumentos (são os bens materiais produzidos culturalmente) que permitem sua atividade interventiva na natureza. Estes, por sua vez, se internalizados de maneira ativa, provocam mudanças no comportamento humano (REGO, 2013).

A relação com o outro, em sociedade, é complexa, posto que está configurada em um movimento histórico-dialético. Dessa forma, a expressão humana por meio da fala, especificamente, é permeada por esses constructos. Isto significa que ela é dotada de significados e sentidos que não são apenas individuais, mas sociais. Em outras palavras, é na relação com o outro social que o sujeito experimenta e vivencia situações que lhe proporcionam o desenvolvimento e a internalização dos elementos culturais que os desenvolvem enquanto humanos. A exemplo disto, a escola é um espaço que permite a vivência de significados sociais, implicando então na formação da identidade (CHECCHIA, 2010).

O ser humano atribui sentidos pessoais aos significados sociais vivenciados no cotidiano, o que lhes permite sua particularidade, subjetividade diferente dos demais. O termo aqui empregado para significado, é compreendido por meio da “[...] incorporação dos objetos do mundo concreto em uma forma abstrata, na qual é possível comunicar-se e referir-se às coisas e aos objetos sem necessitá-los presencialmente” (TURATTI, 2018, p. 51). Ainda de acordo com a autora, “[...] as significações são elaboradas pelos homens e constituem-se em

formas linguísticas, carregando consigo as formas de ação dos homens sobre o mundo dos objetos”. (TURATTI, 2018, p. 52).

Em concordância, Molon (1996) explica que, ao realizar estudo sobre a linguagem como fator de constituição da subjetividade humana, Vygotsky afirmava que na palavra estão veiculados os significados, que recebem novos atributos de sentidos. Estes são conferidos pelo sujeito, conforme suas necessidades, motivações e emoções. Os sentidos que atribuímos no uso da palavra são construídos ao longo da vida por intermédio de eventos sociais.

Os significados são desenvolvidos à medida que o ser humano entra em contato com outro ser humano mais experiente e com os elementos constituintes da cultura em que estiver inserido. Para isso, Rego (2013, p. 41) explica que “[...] o desenvolvimento mental não é dado a priori, não é imutável e universal não é passivo nem tão pouco independente do desenvolvimento histórico e social”. Sendo assim, toda produção humana é histórica e cultural e produz subjetividade constantemente.

Em concordância, Barbosa e Souza (2015) esclarecem que a construção do sentido se refere ao “[...] caráter mais privado, envolve a internalização das experiências sociais, que inclui os outros da relação e é configurado de acordo com as experiências do sujeito, sendo, portanto, único e singular”. Para finalizar esta compreensão neste capítulo, as autoras explicitam que o sentido se aproxima da singularidade, é o que melhor representa o sujeito, seus afetos e emoções. Apesar de o sentido ser da ordem do privado ou particular, este é configurado a partir do contexto em que o sujeito está inserido, o que possibilita afirmar que a realidade é apropriada de forma singular, em outras palavras, está para cada sujeito, a partir da atribuição de sentidos e da configuração de significados.

Com estas reflexões concluímos este capítulo, que a noção de adolescência foi construída em um dado período da história e que ao longo do tempo foi se transformando, implicando em um modo de ser para cada sociedade conforme a cultura. Checchia (2010); Meira e Antunes (2003) e Bock (2007) corroboram com tal compreensão destacando que isto significa que não há como dissociar essa constituição da estrutura social em que o sujeito estiver inserido. Em outras palavras, a adolescência é, nesse sentido, construída historicamente nas relações sociais, que passa a fazer parte de uma cultura enquanto significado social implicando, então, a formação de referenciais para a constituição de sua identidade.

1.1. A Psicologia Escolar e Educacional: legitimando práticas disciplinares

A história da Psicologia está intrinsecamente ligada à história da Educação no Brasil. Ela surge no período Colonial como disciplinas nos primeiros cursos de nível superior no Brasil como, por exemplo, nos cursos de filosofia, moral, educação e medicina. De acordo com essa autora, sua emancipação se deu a partir do século XIX devido a mudanças de perspectivas econômicas no País. (ANTUNES, 2008).

De acordo com a autora acima, o Brasil começava a desenvolver um sistema voltado para a industrialização que se pautava no liberalismo econômico. Nesse contexto, coube à Educação, a formação de mão-de-obra que atendesse ao novo processo. Já no século XX, a psicologia alcança autonomia e estabelece como campo de trabalho: as organizações, as escolas e a clínica.

As práticas dos psicólogos se voltavam para o atendimento de queixas escolares concernentes aos problemas de aprendizagens. A atuação do psicólogo, se pautava pelo atendimento modelo clínico de intervenção, cabia a ele a avaliação psicológica, aplicação de testes descontextualizados, a fim de classificar e separar o normal do anormal (ANTUNES, 2008).

Nessa direção, como supramencionado, os alunos de classe baixa eram os mais afetados, posto que a sua condição socioeconômica era um fator determinante para justificar seu baixo rendimento ou problemas na escola. As avaliações eram descontextualizadas, principalmente no que se refere à aplicação de testes, o que resultava em práticas excludentes que culpabilizavam os alunos e suas famílias pelas dificuldades escolares. De modo geral, o conjunto de ações individualizava o processo educativo sem se ajustar às reais necessidades do processo de escolarização dos alunos.

Por outro lado, à classe elitizada continuava investindo na escolarização de seus filhos, com vistas a formação profissional. Isto demarca a produção capitalista de uma realidade marcada por desigualdades sociais e econômica e no acesso a bens culturais.

Destarte, descontentes com esse cenário, psicólogos e pedagogos desde então, vem questionando e se posicionando contra práticas no campo da Educação que sustentam esse modo de atuação. Tais profissionais perceberam ao longo do tempo que essas práticas eram equivocadas e deveriam ser transformadas, tanto na concepção pedagógica quanto no campo das produções de conhecimento em Psicologia, pois, mediam as práticas do psicólogo escolar (ANTUNES, 2008).

Esta perspectiva crítica se intensificou no Brasil no início da década de 1980 e influenciou as propostas de transformação teórico-prática no campo da Psicologia Escolar. A concepção crítica tem como compromisso a transformação da realidade das classes pobres. O psicólogo que se pauta por essa perspectiva possui uma visão ampliada sobre a realidade e o contexto da educação no Brasil. Essa perspectiva destaca como fundamento a Psicologia-Histórico Cultural (MEIRA; ANTUNES, 2003).

O termo perspectiva crítica se refere ao posicionamento que os profissionais tomam diante das práticas reducionistas em Psicologia Escolar. Nesse sentido, a perspectiva crítica tem como finalidade romper com o modelo tradicional de atuação do psicólogo. O homem é, nesta concepção, um ser ativo, histórico e cultural, que se constitui nas relações que estabelece. Seu objetivo consiste em subsidiar a prática do psicólogo escolar, promover debates que aprofundem nas questões que emergem nesses espaços, orientadas por concepções humanizadoras comprometidas com a transformação social na sua concretude (MEIRA; ANTUNES, 2003).

No que se refere à perspectiva crítica em Psicologia Escolar, Meira e Antunes (2003, p.17) explicam que “[...] uma concepção ou teoria é crítica à medida que transforma o imediato em mediato; nega as aparências ideológicas; apreende a totalidade do concreto em suas múltiplas determinações e compreende a sociedade como um movimento de vir-a-ser”. De acordo com as autoras, a noção de homem e mundo diante dessa perspectiva se articula com postulados marxistas que afirmam que, o homem é um ser que se constitui a partir das relações com os outros e com a natureza. Por isso, a ele é atribuída esta condição de ser social. Assim, a concepção crítica traz em seu bojo a compreensão de que há nessa relação, uma mediação recíproca entre o homem e a sociedade. Vale ressaltar que são nessas relações que se manifestam os fenômenos psicológicos que desenvolvem o homem.

No que se refere à adolescência, à perspectiva crítica é demonstrar que, a noção propagada está ligada há um determinismo biológico e que o fenômeno da indisciplina escolar está associado á questão da idade ou da puberdade, culpabilizando o adolescente e, em algumas circunstâncias, a família. Nesse sentido é necessário se contrapor às teorias hegemônicas que desconsideram os aspectos históricos e culturais que fazem parte da constituição da subjetividade humana.

Freller (2001) afirma que é necessário romper com o modelo tradicional biomédico e clínico ao olhar para os fenômenos escolares. Para ela, nesta perspectiva teórica deve se trabalhar em conjunto com á família e a escola, considerando a história de vida escolar dos alunos, bem como, o contexto cultural em que estiver inserido.

A autora supramencionada, orienta que o psicólogo deve estar disposto a ouvir o que os alunos têm a dizer (não somente o aluno e sim todos os envolvidos) sobre a queixa que os envolvem; propiciar a circulação de informações seguras; promover espaços para expressão, problematizações, simbolização e com isto, a elaboração desta vivência.

Outrossim, Freller (2001), orienta que se faz relevante promover um espaço para diálogo e reflexões com a família, a fim de desconstruir possíveis equívocos ou estigmas em relação ao aluno considerado indisciplinado. Além disso, necessário se faz fomentar discussões e reflexões sobre as potencialidades da escola e na construção de um modo de intervir na produção da indisciplina. Os recursos para operacionalizar a atuação do psicólogo escolar sugerem a utilização de rodas de conversa e formação de grupos. Nesses encontros, o profissional poderá contar com a participação consentida dos atores da escola, com vistas a possibilitar indagações que conduzam a reflexão e compreensão das práticas que vêm sendo reproduzidas, consistindo assim, em um modo consciente de causar rupturas. Para finalizar, a autora explica que, em casos os quais tais estratégias não alcancem o seu objetivo por motivos de não adesão a este modo de abordar a queixa escolar, o acompanhamento individual poderá ser implementado, visando sua integração ao grupo que se sente pertencente.

Nos estudos realizados por Xavier e Cotrin (2018), as autoras afirmam que queixas de indisciplina escolar figuram entre as maiores demandas de atendimento psicológico na rede de Saúde na cidade de Cuiabá, estado de Mato Grosso. Também utilizam o termo queixa escolar para se referirem aos encaminhamentos escolares e que, na perspectiva crítica em Psicologia traduz melhor que o problema não se individualiza na criança.

Para Dazzani et al (2014, p. 422), a queixa escolar pode ser compreendida como sendo “demandas formuladas por pais, professores e coordenadores pedagógicos acerca de dificuldades e problemas enfrentados por estudantes no ambiente escolar”. Historicamente, conforme constatam esses autores, no atendimento a queixa escolar pouco se inclui o cotidiano e as relações estabelecidas na escola, pelo aluno, tampouco sua história escolar.

Dazzani et al (2014) ainda nos apontam que há uma crença, por parte dos profissionais que atuam no contexto escolar, de que os fatores determinantes que causam essas queixas são as características individuais ou inatas, o ambiente familiar, a sua desestruturação, a pobreza, a ausência cultural - sendo essas, as principais causadoras. As escolas não incluem as práticas escolares na avaliação sobre a produção das queixas escolares e o encaminhando para os serviços de Psicologia de forma frequente, sendo a relação entre eles superficial, se valendo de poucas interações e troca de relatórios. As autoras concluem que

Esses elementos devem ser entendidos numa complexa e dialética rede de relações e influências permeada por processos sociais, históricos, culturais, institucionais, políticos e econômicos, a qual, em sua integralidade, constitui a real determinante dos problemas de escolarização e da queixa escolar (DAZANI et al,2014, p. 426).

Por isto, faz-se necessária a contribuição de uma psicologia que não recorra aos métodos, pois que consideravam os fenômenos escolares atributos da condição individuais, produzindo estigmatizações que sustentavam práticas excludentes.

1.2. A construção social da adolescência

A adolescência constitui atualmente um relevante objeto em torno do qual se discutem questões importantes de saúde, educação e segurança pública (SANTOS; CRUZ; BELÉM, 2014, p. 172). De acordo com o dicionário português contemporâneo (BORBA, 2004, p. 26), a palavra adolescência significa uma “fase que sucede a infância, começando com a puberdade e caracterizando-se por mudanças físicas e psicológicas, estendendo-se dos 12 anos aos 18 anos”. Ainda sobre isto, o processo de adolecer neste mesmo dicionário tem como significado “tornar-se adolescente ou desenvolver-se” (BORBA, 2004, p. 26).

Consideramos que esta definição descreve não somente um período do desenvolvimento humano, mas, sobretudo, a forma de lidar com ela, que é histórica. Portanto, neste estudo não adotamos o termo fase, e sim período do desenvolvimento humano.

No que se refere ao surgimento da adolescência como parte do desenvolvimento humano, historicamente ela se consolida no século XIX, sendo a adolescência um termo recente. Anteriormente a essa condição, a criança era percebida como uma pequena versão do adulto e era privada de atividades complexas devido sua estrutura física. À medida em que a criança avançava na idade, variando entre sete e doze anos, era inserida diretamente no cotidiano dos adultos e passavam a exercer as mesmas atividades comuns do dia-a-dia, sob as mesmas condições que o adulto (ARIÉS, 1981).

Em outras palavras, a criança era inserida na condição de adulta sem haver um período intermediário ao qual, gradativamente, fosse se apropriando do modo de vida do adulto. Para Ariés (1981), a adolescência surgiu com a Revolução Industrial quando o mercado de trabalho passou a exigir mão-de-obra qualificada, o que ficou sob a responsabilidade das escolas. Popularizou-se, então, um tipo de educação para a classe pobre e manteve-se uma educação voltada para a formação humana e profissional (em áreas como medicina, direito, entre outros) para os filhos da classe burguesa. Contudo, os filhos da classe trabalhadora permaneciam nas fábricas sob condições insalubres de trabalho.

Para a classe burguesa, as escolas ou internatos mantinham as crianças por um longo período distante da convivência familiar e social, isto é, ficavam reclusos até o término da formação e só depois desse período retornavam para seus lares a fim de ocupar a administração ou os negócios relacionados aos interesses da família. Ao retornarem das escolas, agora jovens, apresentavam pensamentos considerados como sendo revolucionários pela sociedade. Sendo assim, começaram a serem percebidos de forma ameaçadora à ordem social.

Consequentemente, passaram a ser atribuídos de modo pejorativo à juventude. Sendo assim, o termo adolescência, consolidado no século XX, foi uma forma de especificar o predomínio das mudanças biológicas que justificam mudanças comportamentais e sociais (ARIÉS, 1981).

De forma distinta, os jovens de classe pobre, com pouco acesso à educação e voltados para o trabalho por necessidades de sobrevivência, desenvolviam diferentes necessidades, pouco estudadas pelas ciências humanas. Porém, foram os jovens da classe burguesa o alvo principal dos estudos em ciências humanas e suas características consideradas universais. A adolescência foi instituída, então, considerando as mudanças psicológicas e sociais somente nesse contexto.

Os psicanalistas foram os precursores dos primeiros estudos sobre a adolescência. Dentre os autores destacam-se: Stanley Hall, Anna Freud, Knobel, Erik Erikson e Arminda Aberastury. Estes autores definem a adolescência como uma fase semipatológica do desenvolvimento humano, demarcada pelo luto do corpo infantil que se perdera com a chegada dessa nova fase esfervecente do desenvolvimento humano e caracterizado por comportamentos e estados emocionais oscilantes e agressivos (BOCK, 2007; OZELLA, 2002).

Atualmente, no Brasil, o período da adolescência é definido por leis, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que a compreende como ocorrendo entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990). Outra tentativa de definir a adolescência por faixa etária é discriminada pelo Ministério da Saúde na cartilha de orientações sobre a saúde do adolescente que compreende as idades entre 10 e 19 anos (BRASIL, 2010). Nota-se que aqui não há um consenso entre as instituições no que se refere ao início e finalização exata da adolescência.

Em pesquisa realizada sobre a condição da juventude na sociedade brasileira, Abramo (2007) demonstra o quanto é possível notar as mudanças na percepção que há sobre a categoria da juventude em nosso país. Em sua pesquisa, a autora realiza um recorte temporal de 1950 a 1990. Ao se referir à geração da década de 1950, os jovens eram reconhecidos pela sociedade por apresentarem comportamentos desviantes ou delinquentes, algo que passou a ser considerado cultura juvenil, ou seja, algo inerente a própria juventude.

Por cultura juvenil, a autora compreende como um período de transição do desenvolvimento em que é possível notar uma agitação comportamental. Isto é considerado como uma das dificuldades do próprio ciclo dessa transição. No tocante à perspectiva da sociedade, esta agitação é concebida como algo normal da adolescência e se tornou sua principal referência. Essa agitação deve perdurar durante todo o processo da integração até a vida adulta. Ainda de acordo com a autora, apesar de haver essa suposta compreensão do comportamento inerente à adolescência, sempre houve diversas medidas de controle e

contenção realizadas pelas instituições e sociedade, na tentativa de ajustar o comportamento de adolescentes e jovens que, contraditoriamente, são considerados “normais”.

As perspectivas que naturalizam a adolescência resultam em uma generalização do comportamento dos jovens e impedem que estes sejam ouvidos e lhes sejam concedidos o direito e o espaço para expressar suas opiniões e propor intervenções que contemplem suas reais necessidades. Ao perceber a adolescência nestes moldes teóricos, a sociedade desqualifica potencialmente a juventude, por não permitirem que estes expressem reflexões pertinentes à sua realidade e assim se mobilizem para ações em prol da sociedade e de si mesmos, e por fim, os impossibilitam de promover diálogos e ideias de enfrentamento de questões emergentes em nossa sociedade (CHECCHIA, 2010).

Nas décadas de 1960 e 1970, a juventude se apresentava de forma politizada, ativa e comprometida com as questões sociais. As duas gerações tinham um perfil crítico e se propunham a realizar ações que visavam a transformação política, moral e cultural da sociedade. Decorrente dessas ações, vários movimentos emergiram, como por exemplo, o movimento dos estudantes contra a ditadura e o movimento dos Híppies. Para aquela sociedade, a referida geração começava a ameaçar a ordem pública com suas ideologias. Posteriormente, uma reelaboração a nível social ocorreu e esses jovens passaram a ser percebidos de forma positiva, altruísta, idealista, generosa e criativa. Diante disso, vale mencionar que há outras abordagens que se referem à adolescência e a compreendem enquanto categoria geracional (ABRAMO, 2007).

Para a autora, concepção de categoria geracional é adotada pela sociologia funcionalista que se refere tanto à juventude quanto à adolescência como uma transição do ciclo da vida, caracterizada pela aquisição de papéis atribuídos aos adultos e da apropriação cultural. Nessa perspectiva não há como negar que a socialização, integração, adaptação e aquisição de valores da sociedade, seja menos dramática durante essa transição. Nessa perspectiva, os conflitos decorrem da adaptação ou não adaptação às regras, normas de condutas que, em suma, podem trazer prejuízo tanto à condição social quanto à liberdade, afetando assim, a coesão social ou a ordem social. Isso implica afirmar que cada geração reflete a realidade da sociedade em que vive.

Ainda conforme a autora supramencionada, ao se referir aos conflitos causados na sociedade no encontro dessas gerações, vemos evidenciada a década de 1980. Nesse período, a concepção que a sociedade tinha dos jovens era que eles assumiram uma postura bem distinta da anterior, pois se apresentavam de forma contrária à geração da década de 1960 e 1970. Os jovens passaram a ser considerados individualistas, consumistas, conservadores, apáticos ao

compromisso social, já que não deram a continuidade enquanto categoria da geração anterior que era considerada uma juventude promissora e ativa.

A geração seguinte, na década de 1990, foi considerada como portadora de problemas de comportamentos desviantes, apresentavam dificuldades de adaptação às normas e regras sociais, eram antissociais, embora formassem grupos, gangues como eram denominadas, em nada demonstravam compromisso com questões sociais, geralmente eram violentos, consumidores de drogas e envolvidos com a criminalidade. Esta conjuntura nos remete a percepção que a sociedade atribuía aos jovens e adolescentes na década de 1950 (ABRAMO, 2007).

Para Checchia (2010), a noção de adolescência comumente é marcada por perspectivas teóricas que por diversas vezes atribuem estereótipos a esse momento da vida. As concepções teóricas podem ser denominadas de naturalizantes, patologizantes, biologizantes ou estigmatizantes. Desse modo, é imprescindível fomentar discussões sobre a temática, visando uma reelaboração da noção de adolescência e de como o adolescente vem sendo afetado por isso. Compreende-se por uma concepção naturalizante teorias que atribuem um conjunto de determinantes do comportamento humano que serão vivenciados de forma universal sem que possam ser evitados.

Conforme apontado pela autora supracitada, é preciso ressaltar que temos as mudanças biológicas, precisamente hormonais, desencadeando comportamentos que seriam naturais a todos durante essa fase, independente do contexto histórico e cultural no qual o adolescente esteja inserido. Assim, são teorias universalizantes, pois consideram um conjunto de comportamentos – para além dos biológicos - como sendo comum e inerente a qualquer ser humano independente de sua condição histórica e social.

Em consonância, Anjos e Duarte (2016) explicam que, há na psicologia, linhas teóricas que conferem à adolescência uma maturação puramente biológica. Estas teorias reforçam estigmas de que a adolescência é caracterizada pela puberdade (aspectos fisiológicos) e culturalmente a tratam, pejorativamente, como período da “aborrecência”. A puberdade enquanto fator biológico é, de fato, uma das mudanças visivelmente notável na transição da infância para a adolescência. No entanto, não se resume a isto, pois a adolescência não é somente o resultado de transformações fisiológicas. Nota-se que esse fenômeno se tornou o foco de teorias maturacionistas, pois, essas teorias afirmam que em decorrência das transformações fisiológicas, o adolescente passaria a apresentar conflitos emocionais que caracterizam a adolescência.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, compreende-se que o desenvolvimento do comportamento humano não depende apenas de uma maturação biológica. Isso significa afirmar que, sem a interação do sujeito com a cultura não há desenvolvimento. Diante dessa premissa, é impossível que o desenvolvimento humano se dê, em uma linearidade, tampouco em etapas progressivas e contínuas (ANJOS; DUARTE, 2016).

Portanto, as transformações biológicas não são a princípio o seu fator determinante, já que elas, devem ser compreendidas em sua totalidade. Conforme Rego (2013), explica que para Vigotski, a adolescência é um período do desenvolvimento humano que é inaugurado por saltos qualitativos no plano psicológico, por intermédio do desenvolvimento de novas Funções Psicológicas Superiores. A expressão Funções Psicológicas Superiores (linguagem, memória, percepção e atenção volitiva) conferem à capacidade do sujeito em direcionar sua atenção, comparar, planejar assim como, a intencionalidade na memorização, a imaginação e a ação criativa, isto é, são desenvolvidas durante a experiência e vivências cotidianas de cada pessoa. Essas funções se diferem das Funções Psicológicas Elementares que são inatas e tratam de atividades puramente biológicas determinadas pelas atividades cerebrais tais como: a percepção e as reações automáticas que não dependem de serem estimuladas por outros elementos exteriores.

Além disso, destaca-se a escolarização na adolescência como aspecto relevante para o desenvolvimento de formas superiores do pensamento, tendo em vista que isso resulta no desenvolvimento da noção de mundo e autoconsciência. As Funções Psicológicas Superiores que são desenvolvidas na adolescência estão intrinsecamente ligadas ao pensamento por conceitos e sua formação é mediada pela linguagem, além de sistematizada no pensamento que consequentemente determina a atividade do adolescente. Portanto, é por meio da linguagem que os conceitos são apropriados. Na condição de um sujeito ativo, ao mesmo tempo que transforma sua realidade é, igualmente, transformado, o pensamento por conceitos cumpre esta função. Isto implica em um novo modo de pensar que resulta em um novo modo de agir do adolescente. Para esta abordagem, as transformações não são consideradas como algo negativo, problemático ou pejorativo, mas, sobretudo, um avanço intelectual que não gera, necessariamente, conflitos ou desestabilizações emocionais, estas são denominadas por crise (ANJOS, 2017).

Ao desenvolver o pensamento por conceitos, os adolescentes redirecionam as suas necessidades, o que é considerado como salto qualitativo nas funções psicológicas superiores. Isto significa que, neste período, o sujeito deixa de pensar somente por meio dos elementos concretos e da sua experiência visual. O avanço qualitativo acontece quando o sujeito começa

a compreender a complexidade abstrata de sua realidade sem utilizar os recursos da concretude, utilizando os significados conceituais atribuídos acerca do mundo e das relações sistemáticas que os ordena ao ponto de internalizar o seu lugar ocupado nelas (BARBOSA e SOUZA, 2015; VYGOTSKY, 2014).

As crises comparecem neste momento devido as mudanças qualitativas. Ocorrem quando o adolescente deixa de se interessar pelo universo infantil e passa a se interessar por outros elementos da vida adulta. Ocorre então a crise, pois, a necessidade de compreender o mundo que outrora era desconhecido passa então a determinar seu modo de ver e pensar o mundo e sobre si mesmo. O adolescente tende a internalizar inicialmente, por meio da imitação, o modo de vida dos sujeitos adultos e, a partir dele, se constituir enquanto sujeito em transição da saída da infância para adentrar no universo adulto (ANJOS e DUARTE, 2016).

Conforme Anjos (2017), isto é possível devido ao fato de que, nesse período, o adolescente desenvolve maior capacidade de abstrair conteúdos mais complexos que, no período da infância, não conseguiria. Em outras palavras, um novo modo de pensar através dos conceitos se torna possível no seu plano psicológico. Assim, pode-se afirmar que o pensamento por conceitos é um processo de intelectualização do desenvolvimento humano que se divide em dois processos no psiquismo humano: o pensamento por conceitos cotidianos e o pensamento por conceitos científicos. Na infância, o pensamento opera a partir do concreto, ou seja, os conceitos cotidianos articulam-se com o modo de pensar por meio do que é concreto (palpável, direto ou visual). Os conceitos cotidianos são aqueles adquiridos no acúmulo de conhecimentos no dia-a-dia, como nos primeiros anos de escolarização infantil.

Em contrapartida, o autor supracitado explica que esse modo de pensar é superado na adolescência. Os conceitos científicos passam a ser compreendidos mesmo não tendo os elementos visuais ou palpáveis. O adolescente já se torna capaz de operar a partir de conceitos e utilizá-los voluntariamente sem a necessidade de manusear o objeto. Este modo de pensar se desenvolve e o adolescente atinge um nível de maturação dos conceitos cotidianos. Ainda de acordo com o autor, “[...] os conceitos científicos são frutos do que a ciência legitimou e estas correspondem às leis objetivas descobertas pelo gênero humano ao longo do processo sócio-histórico” (ANJOS, 2017 p. 112).

Neste processo, ocorre a produção de significados e sentido que o sujeito passa interpretar e atribuir a sua experiência vivida. Essa nova forma de pensar, permite o avanço da compreensão do conhecimento do mundo externo e interno e isto quer dizer que, o processo de aprendizagem promove o desenvolvimento psíquico e possibilita a formação “[...] dos conceitos científicos no aluno” (ANJOS, 2017 p. 100). Cabe aqui enfatizar que os avanços qualitativos

só se desenvolvem conforme condições propícias. Privilegia-se desse modo, a escola por ser um espaço de maiores veiculações de conceitos complexos. Anjos (2017, p. 114) salienta que “[...] o professor deve mediar o desenvolvimento do que é novo e, para que isto ocorra, este não poderá mediar a partir somente do nível de desenvolvimento existente”. Tal mediação deve ocorrer por meio da linguagem oral e da escrita, entre outras formas. Dessa maneira, compreende-se que o processo de escolarização permite a superação do funcionamento psicológico anterior, pois possibilita a inserção de conceitos mais complexos, que viabilizam uma maior capacidade de reflexão e ampliam a consciência do adolescente. Nestas circunstâncias, o desenvolvimento da capacidade de abstração é alcançado e a escolarização se torna potencializadora do desenvolvimento (BARBOSA; SOUZA, 2015, ANJOS, 2017).

Ainda sobre isso, Anjos (2017) explica que

Tal afirmação explicita o grau de importância que tem a Educação escolar no desenvolvimento do adolescente, pois, se o trabalho educativo for intencional e racionalmente conduzido, levando em consideração as novas estruturas mentais que são elaboradas no período de transição de um estágio ao outro, as crises desta etapa do desenvolvimento poderão não acontecer, ou, em última instância, serem superadas (ANJOS, 2017, p.103).

Diante disso, os adolescentes percebem as possibilidades de sua atuação enquanto sujeitos no mundo em uma rede de relações que é dialética. Compreende-se por relação dialética os “[...] permanentes processos de significação desse corpo-sujeito no mundo e os elementos externos que ele interpreta e modifica”. (SOUZA; SILVA, 2018, p. 26).

Em decorrência dessa nova forma de pensar, Anjos (2017) enfatiza que, se não houver a mediação dos conceitos científicos, considerando estas transformações, o adolescente poderá entrar em crise. Assim, nesta perspectiva, as crises são radicalmente distintas do que afirmam as teorias maturacionistas. Não se trata de conflitos ou de uma perturbação emocional, mas se estabelecem à medida que ocorre o processo de internalização das experiências. Quando isso não ocorre de forma racional, ou seja, passível de compreensão completa, a crise acontece em forma de questionamentos ou resistência ao conhecimento proposto. O mesmo autor ressalta que “[...] estas crises que os adolescentes enfrentam não são totalmente negativas, pois, contribuem para o surgimento da nova forma de pensar” (ANJOS, 2017, p.103).

Isto quer dizer que, quanto menos aprendizagem escolar, menor será o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, impossibilitando não superar os conceitos cotidianos, operando psicologicamente somente a partir deles. O processo educativo desenvolve e amplia a atividade mental, o sujeito adquire interesse pelo conhecimento científico. Nestas circunstâncias, o adolescente passa a ter consciência de sua condição nas relações com o outro,

com mundo e consigo mesmo. Assim, são criadas necessidades culturais ou novos interesses (SOUZA e SILVA, 2018).

Dessa forma, compreendemos que o desenvolvimento humano é atravessado pelo processo de escolarização e que, sendo histórico, ocorrerá de acordo com os instrumentos disponíveis na cultura.

CAPÍTULO II. A PRODUÇÃO DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Neste capítulo abordaremos a questão da indisciplina escolar numa perspectiva crítica em Psicologia e na Psicologia Histórico-Cultural.

Com a finalidade de compreender a produção da indisciplina escolar, faremos uma revisão sobre o processo de apropriação da cultura humana bem como a função do processo educativo como modo de constituição dos indivíduos nas relações sociais. Destacaremos a relevância do papel do professor enquanto mediador do conhecimento sistematizado e a importância de um modelo teórico pedagógico que seja capaz de promover o desenvolvimento humano, considerando os aspectos histórico-cultural que considerem a apreensão do movimento dos fenômenos ocorridos na educação escolar. Para esta discussão serão utilizados autores como Rego (1996), Pimenta (2006) Vigotski (2007), Duarte (2011), Saviani (2011) Dazanni et al (2014),) Rigon, Asbahr e Moretti (2016), Xavier e Cotrin (2018), entre outros. Também será apresentada uma revisão bibliográfica sobre a temática indisciplina na sua relação com a adolescência, educação e a psicologia.

O objetivo de retomar alguns conceitos sobre o desenvolvimento humano, consiste em explicar sobre a subjetividade e sua constituição, assim como a produção da demanda de indisciplina escolar diante de tantas questões vivenciadas como problemáticas na escola. Fazendo isto, não incorremos no risco de atribuir culpabilizações, como tem sido recorrente conforme apontado em pesquisas já realizadas por Endo e Constantino (2013), Santos, Cruz e Belém (2014) e Miranda et al (2016), constantes neste trabalho.

Depreende-se que a produção cultural se dá nas atividades educativas, que se tornam meios de apropriação desses conhecimentos, as atividades educativas resultam no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Duarte (2011) menciona que após a satisfação das necessidades básicas na relação com a natureza (apropriação) o ser humano gera outras novas (objetivações) e conseqüentemente dá a continuidade à novas formas de apropriação dos produtos culturais da atividade humana, em um processo infundável de apropriação e objetivações. Desse modo, ao transmitir o conhecimento da cultura produzida historicamente, possibilita que os próximos seres humanos ao se apropriarem do conhecimento atual, possa super-las e desenvolver novos conhecimentos.

Nesse sentido, Rigon, Asbahr e Moretti (2016) explicam que ocorre um processo educativo da atividade humana. De modo geral, o processo educativo se dá no cotidiano, por meio da escola, sendo esta última, privilegiada pela sua sistematização teórico-prática. Em

concordância a Saviani (2011, p. 07) enfatiza que “[...] para saber pensar e sentir; para saber querer, agir ou avaliar é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo”.

Rigon, Asbahr e Moretti (2016) explicam que as atividades desenvolvidas no processo pedagógico têm como objetivo a transformação dos indivíduos. Esta transformação ocorre na medida em que os alunos se apropriam dos conhecimentos e saberes acumulados culturalmente, que são sistematizados pelo professor. Em decorrência disso, a educação se torna um meio de potencialização do desenvolvimento humano, por meio disso, destaca-se a relevância da atividade pedagógica como processo de escolarização e transformação dos indivíduos. Assim, para estas autoras, a escolarização tem como função a humanização dos indivíduos e este é um desafio imenso para o professor, um dos principais protagonistas deste processo, por mediar a apropriação do conhecimento por parte dos alunos que permitirá a consciência de si e do mundo que resultará na reflexão, na análise e da vida cotidiana e nas relações sociais. Sendo assim, a educação além de desenvolver os estudantes psicologicamente (consciência), permite desenvolver a atividade de estudos na escola e, fora dela, desenvolvendo a atividade do trabalho.

Para Saviani (2011, p. 07) “[...] o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo”. Para esse autor, o processo educativo é uma relação de produção, logo nos remete a compreensão trabalho.

Ainda sobre a atividade pedagógica, Saviani (2011, p.12) ressalta que “[...] o ato de dar aula é inseparável da produção desse ato e de seu consumo. A aula é, pois, produzida e consumida ao mesmo tempo (produzida pelo professor e consumida pelos alunos)”. Desse modo, o autor esclarece que no caso do estudante, não se trata de meramente absorver os conteúdos e sim participar ativamente no processo de aprendizagem.

Nesse sentido, Rigon, Asbahr e Moretti (2016) explanam que a responsabilidade do professor é viabilizar o ensino didaticamente. Em outras palavras, cabe ao professor criar condições que venham gerar no aluno o desejo de aprender os conhecimentos estabelecidos nos currículos escolares, pois, o querer aprender é historicamente construído. No entanto, os autores não ignoram que “[...] muitos dos elementos envolvidos na construção do motivo de aprender ultrapassam o âmbito de atuação do educador” (RIGON, ASBAHR E MORETTI, 2016, p. 36).

Para Saviani (2011, p. 09), no processo educativo escolar, a atividade principal do professor é o “[...] provimento dos meios necessários para que os alunos não apenas assimilem o saber objetivo enquanto resultado, mas apreendam o processo de sua produção, bem como as tendências de sua transformação”.

Para o autor, os estudos da pedagogia histórico-crítica, termo cunhado pelo próprio autor, afirma que a atividade pedagógica é complexa, o ato de ensinar será realizado para aquele que terá que pensar, questionar, planejar e selecionar o que irá contribuir para a transformação dos indivíduos nas suas potencialidades. Ao se referir à concepção teórica da pedagogia histórico-crítica, Saviani (2011, p. 76) explicita que

Em outros termos, o que eu quero traduzir com a expressão pedagogia histórico-crítica é o empenho em compreender a questão educacional com base no desenvolvimento histórico objetivo. Portanto, a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico-crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana.

Ainda sobre isso, Saviani (2011) esclarece que para promover essa transformação, o professor deve considerar o saber sistematizado, a relevância e a organização dos elementos, visando a sua assimilação. Ao se referir a finalidade da sistematização do conhecimento, Saviani (2011, p. 66) destaca que

A existência do saber sistematizado coloca à pedagogia o seguinte problema: como torná-lo assimilável pelas novas gerações, ou seja, por aqueles que participam de algum modo de sua produção enquanto agentes sociais, mas participam num estágio determinado, estágio este que é decorrente de toda uma trajetória histórica?

O modelo teórico pedagógico se faz relevante para pensar e refletir sobre o currículo escolar, a relevância dos conteúdos elencados, qual a sua aplicabilidade, ou seja, de que forma ela orienta o ensino como unidade entre ensino e aprendizagem. Sobre isto, Moura et al (2016) explicam que o modelo teórico pedagógico implica no modo que os educadores percebem os fenômenos ocorridos na escola.

Sobre os fenômenos escolares como citado acima por Moura et al (2016) estes são modos de relação circundante ao processo de escolarização das quais implicam no processo de ensino e aprendizagem e os autores citam como exemplo o baixo desempenho escolar dos alunos, a desmotivação, a indisciplina escolar e a violência na escola.

Neste sentido, a escolarização exerce um papel fundamental na vida dos seres humanos. A escola, como afirma Antunes (2008, p. 470), tem a função de “[...] promover a universalização do acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento de todos os membros da sociedade”. Sob o ponto de vista da autora, a escola deve, em sua primazia, promover a democracia, cidadania para que assim seja possível alcançar uma sociedade justa e igualitária.

De acordo o relatório final da pesquisa Violência e Preconceitos na Escola (UFMT et al, 2018), a escola é um espaço, para além dos processos de ensino e aprendizagem, é um lugar

de acolhimento, de realizações, encontros, vivências, de desenvolvimento da consciência do lugar ocupado socialmente pelos indivíduos, transformação, principalmente em um país em que as condições sociais são desiguais em todas as dimensões da vida em sociedade, portanto, a escola é um lugar de aprendizagem dos preconceitos e da violência que ocorrem na escola, que faz parte dos modo de vida na sociedade.

Neste relatório, um dos problemas enfrentados pelos professores no cotidiano escolar, é a indisciplina na escola, tem se tornado uma questão difícil de lidar e tem preocupado profissionais de diversas áreas, principalmente da Educação e da Psicologia.

O relatório final mencionado, apresenta uma pesquisa realizada em dez Universidades Federais no Brasil, que teve como objetivo problematizar a violência e preconceitos nas escolas em alguns estados brasileiros, e em que foram utilizados oficinas e rodas de conversa como instrumento de coleta de dados os pesquisadores concluíram que a violência que ocorre nas escolas se atualizam nas relações escolares. A pesquisa compreendeu que problemáticas como violência e preconceito tem sua raiz a partir “[...] das condições desiguais e diferentes de existência social e cultural de todos os atores envolvidos na educação, incluindo docentes, discentes e seus familiares” (UFMT et al, 2018, p. 24).

Para os pesquisadores, não basta apenas, constatar que a violência, a indisciplina, o vandalismo, o bullying e o preconceito na escola existem, descrevendo-os em circunstâncias em que elas acontecem. Tampouco basta pensar em soluções que não considerem o processo histórico de sua ocorrência, nas desigualdades sociais e na diversidade cultural. Ignorar isso, é o mesmo que desconsiderar a escola como espaço social. Para tanto, tais pesquisadores orientam a necessidade de sensibilizar todos os participantes do processo educativo escolar a fim de que retomem as práticas pedagógicas e outros saberes construídos nos vários campos do conhecimento (UFMT et al, 2018).

De acordo com Boarini (2013, p.124) a discussão sobre este assunto “já ultrapassou os limites da sala de aula e os muros da escola para alcançar a imprensa comum”. Isto tem se tornado uma das queixas mais frequentes dos profissionais do sistema educacional, conseqüentemente uma das maiores demandas encaminhadas para psicólogos.

Na perspectiva dos professores, a indisciplina na escola dificulta o processo de ensino-aprendizagem, portanto, a disciplina dos alunos em sala de aula geraria um contexto ideal para fins educativos (REGO, 1996). Em concordância, Pimenta (2006) afirma que a disciplina comportamental se faz necessária no âmbito escolar visto que, ao longo da historicidade humana, a sua organização, possibilitou avanços civilizatórios que resultaram na sistematização do conhecimento produzido.

As escolas, por sua vez, acionam os responsáveis, e quando não obtêm respostas ou efetividade, a própria escola tenta solucionar a problemática ao seu modo. Geralmente ações, demarcadas por rigidez, autoritarismo e desconhecimento sobre como lidar com a indisciplina (REGO, 1996).

De acordo com o dicionário on line da Língua Portuguesa (Dicio, 2019) são sinônimos da palavra indisciplina: desobediência, insubmissão, insubordinação, rebelião, subversão, desordem, bagunça. Em outro dicionário, Houaiss e Villar (2009, p. 1074) indisciplina é definida como “[...] falta de disciplina, desobediência, insubordinação, rebeldia, violação de regras ou ordens impostas pelo empregador ou por seus pressupostos, podendo ser justificativa para demissão do trabalhador por causa da insubordinação de instrução, ausência de disciplina”.

Tais sinônimos, representam na nossa concepção, o universo do fenômeno da indisciplina na escola, embora segundo Rego (1996) não haja um consenso entre educadores sobre quais comportamentos o termo engloba, exatamente. No entanto, a autora aponta alguns dos comportamentos considerados como indisciplinados pelos profissionais da escola: as conversas paralelas, falta de atenção e as saídas sem autorização durante as aulas.

Considerando estas definições e, no contexto do fenômeno da indisciplina escolar, comparece: o disciplinador, o disciplinado e o indisciplinado. De acordo com Rego (1996), nesta relação, o disciplinador seria aquele que “[...] molda modela, leva o indivíduo ou o conjunto de indivíduos à submissão, à obediência e à acomodação” (REGO, 1996, p. 85). Ainda de acordo com a autora, o indivíduo disciplinado obedeceria às regras sem ao menos questioná-las. Em contrapartida, o indivíduo indisciplinado seria “[...] aquele que não acata e não submete, nem tampouco se acomoda e agindo assim provoca rupturas e questionamentos” (REGO, 1996, p. 85).

Dessa forma, a indisciplina é caracterizada no contexto escolar por ações desenvolvidas por aquele aluno ou até mesmo um grupo de alunos que não obedecem às regras da instituição, que se rebelam, que tomam uma postura de insubordinação ao disciplinador (que a princípio se refere á figura do professor). Sob o ponto de vista dos profissionais da Educação, a indisciplina consiste em uma dificuldade de ajustamento às normas comportamentais no contexto escolar. Desse modo, destacaremos a seguir a indisciplina escolar sob a perspectiva da Psicologia Histórico-cultural e crítica em Psicologia.

A perspectiva crítica em Psicologia Escolar e Educacional estabelece-se no Brasil mais fortemente na década de 1980 e utilizam os constructos da Pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia Histórico-Cultural. No caso da Pedagogia Histórico-Crítica cujo principal expoente, no Brasil, é Dermeval Saviani (2011) e está apoiada nos constructos epistemológicos da

Psicologia Histórico-Cultural que tem como precursor Vygotsky. Nesta perspectiva, se reconhece que a educação é determinada pelas condições sociais ao mesmo tempo em que pode transformá-la.

Sendo assim, compreendemos a relevância da Educação para o desenvolvimento humano tal como a importância da disciplina enquanto um modo de se relacionar com a diversidade subjetiva que compõe a escola. Considera-se que esta explicitação nos convida a pensar sobre como é esta disciplina que os professores tanto almejam e o que é esta indisciplina das quais tanto se queixam.

Os pressupostos da Psicologia Histórico-cultural nos permitem compreender a indisciplina como uma produção das relações estabelecidas na escola, atravessadas por um percurso histórico e determinadas culturalmente. Rego (1996) considera a importância de refletir sobre os significados atribuídos à indisciplina escolar pois, este fenômeno está sujeito a interpretações e redefinições de sociedade para sociedade. Isto ocorre devido à definição de indisciplina ser um termo instituído culturalmente.

Para Godoy et al (2006, p. 246), a indisciplina escolar deve ser considerada no contexto “[...] no qual os alunos estão inseridos e por meio dos quais constroem suas relações” e para Xavier e Cotrin (2018, p. 22), na psicologia histórico-cultural, deve ser compreendida “[...] como uma forma de agir dentro de um espaço histórico, cultural e social específicos e dependente das relações que neles se estabelecem” e reiteram que tais relações dependem dos instrumentos acessados, das “[...] condições materiais e imateriais que se oferecem na escola e na sociedade que produzem um padrão de comportamento aos alunos e não o contrário” (XAVIER E COTRIN, 2018, p. 22).

Históricamente observamos conforme apontam Ribeiro (1993) e Aranha (2006), as primeiras escolas começaram implantadas no Brasil se pautando em uma disciplinarização dos alunos. Logo o silêncio, a ordem nas fileiras, a obediência e a punição severa eram os pilares do processo educacional naquele período. De acordo com os autores, os Jesuítas formavam um grupo religioso da igreja Católica que tinha por objetivos agregar novos adeptos por meio da catequização. Estes chegaram no Brasil em 1.549 e encerraram suas atividades em 1759, quando são expulsos pelo Marques de Pombal.

Tal grupo de missionários era conhecido por Companhia de Jesus e, da mesma forma, tinham como missão promover a educação das diferentes classes sociais, já que, neste período, a educação formal não era acessível a todos. Para cada classe social era ofertada um tipo de educação, a saber: a educação elementar média e a superior, que poderia ser cursada nas

colônias ou fora do Brasil. A educação elementar destinava-se aos filhos dos colonos e dos índios.

O foco dos Jesuítas, para esta classe, consistia na conversão religiosa das crianças à fé católica, já que os adultos eram comparados a selvagens. A catequização visava torná-los dóceis e submissos ao governo e seus senhores. Já a educação média era destinada para os homens da classe dominante. Nesse contexto, as mulheres e os filhos primogênitos não podiam ter acesso a ela, pois tinham, por herança, o ofício de administrar os bens familiares (RIBEIRO, 1993).

Assim, o conceito de disciplina que temos hoje também atravessa e é atravessado pelas distintas classes sociais e sua escolarização.

Para Rego (1996, p. 84),

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim, como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Portanto, a fim de compreender a indisciplina escolar, se faz necessária a observação das práticas escolares, o modo como estabelecem as relações em sala de aula, o processo histórico de escolarização dos sujeitos, a cultura em que estão inseridos, o acesso aos bens culturais, a condição na classe social. Todos esses fatores nos comunicam o que está sendo produzido nessas relações.

As produções podem ser percebidas por meio da linguagem e da atividade humana, trazendo à tona as transformações que estão para o campo psicológico do sujeito. Isto significa afirmar que a indisciplina escolar nos comunica uma produção que não é individual e sim coletiva. Como um produto histórico-cultural, o processo de disciplinamento deve ser legitimado como um bem social.

A partir destas considerações, realizamos uma revisão bibliográfica com a intenção de compreendermos o estado atual das pesquisas em Psicologia que tem como foco a indisciplina escolar.

2.1. Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica é parte constitutiva das pesquisas das diferentes ciências, já que revela o estado do conhecimento na área estudada. Coloca-nos em uma posição de aprendizes ao mesmo tempo em que permite ir além na construção de novos conhecimentos. Compreendemos que é um estudo limitado, já que a busca nos impõe a escolha de descritores e de uma ou mais base de dados de pesquisa, porém, geralmente, pode nos oferecer um panorama das escolhas teóricas e metodológicas do objeto estudado, assim como de seus achados.

A revisão proposta nesta pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2019. Como ferramenta de busca, foram utilizados os seguintes descritores: “indisciplina escolar e adolescência” e “psicologia e indisciplina escolar”. Tal revisão foi feita na base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES. Foram encontrados 127 artigos. Como critérios de inclusão consideramos somente artigos com pesquisas concluídas, avaliadas por pares, publicadas no período de 2013 até 2018 no Brasil e cujo foco fosse a adolescência e a indisciplina escolar na perspectiva da Psicologia e Educação. A seleção foi feita a partir da leitura dos resumos e chegamos a sete estudos. A tabela a seguir detalha os artigos selecionados.

Tabela 1- Artigos selecionados a partir das palavras chaves: indisciplina escolar, adolescência e psicologia

Ano	Título	Autor	Periódico publicado	Local	Método	Tipo de pesquisa
2013	Indisciplina escolar: uma construção coletiva	Maria Lucia Boarini	Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional	São Paulo	Revisão	Qualitativa
2013	Representações sociais de professores sobre indisciplina no ensino médio e técnico	Kátia Haste Endo; Elizabeth Piemonte Constantino	Psicologia da Educação.	São Paulo	Entrevistas individuais semiestruturadas	Qualitativa
2014	As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula um estudo baseado nos dados do SIMAVE/PROEB 2007	Luciano Campos da Silva e Daniel Abud Seabra Matos	Revista Brasileira de Educação	Mariana, Minas Gerais	Delineamento Survey	Quantitativo

2016	Adolescentes podem ser alunos ideais?	Maria de Fátima de Souza Santos; Fátima Maria Leite Cruz; Rosemberg Belém	Educação em Revista	Belo Horizonte	Questionário de Associação Livre; Questionário de hierarquização das palavras evocadas; Entrevistas	Qualitativo
2016	Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares	Luciana Lobo Miranda; Eveline Nogueira Pinheiro de Oliveira; Júlia Evangelista Mota Shio e Denise Costa Rodrigues	Psicologia Escolar e Educacional.	Ceará	Pesquisa-intervenção	Qualitativo
2016	Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife	Alice Miriam Happ Botler	Cadernos de Pesquisa	Recife	Entrevista semiestruturado	Qualitativo
2016	Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa	Júlio Groppa Aquino	Cadernos de Pesquisa	São Paulo	Revisão sistemática	Quantitativo

Após a seleção dos estudos, foi feita a leitura dos textos completos e com isso foi possível definir quatro categorias para análise, sendo elas: definição do termo indisciplina, abordagens teóricas, adolescência e indisciplina relações “causais”, Concepções atribuídas à indisciplina e adolescência e concepções de indisciplina que afetam o processo de escolarização de adolescentes.

O referencial teórico predominante nas pesquisas são as representações sociais, conforme estudos de Endo e Constantino (2013), Santos, Cruz e Belém (2014) e Miranda et al (2016). Por isso, justifica-se a aproximação com perspectiva crítica em Psicologia. Enquanto Silva e Matos (2014), Aquino (2016) e Botler (2016) não deixaram evidente a abordagem utilizada.

Iniciaremos aqui por apresentar as pesquisas realizadas por estudos que se aproximam de uma perspectiva crítica em Psicologia Escolar, a saber, Boarini (2013), Endo e Constantino (2013), Santos, Cruz e Belém (2014) e Miranda et al (2016). Em seguida, evidenciamos os demais autores que conceberam a indisciplina como um fenômeno inerente a adolescência

como Botler (2016). Por fim, os estudos de Aquino (2016) e Silva e Matos que não clarificaram o posicionamento teórico no que tange o tema da pesquisa.

O estudo produzido por Maria Lucia Boarini (2013) teve por objetivo apresentar reflexões sobre a construção social da indisciplina escolar. A autora acima explica que, quando se questionam pais e professores sobre essa demanda, e um aponta a culpa no outro, com afimco de explicá-la e por vezes essa culpa recai sobre o próprio aluno, justificada pela sua faixa etária. Ainda sobre isso, a autora nos convida a refletir que as relações estabelecidas pelo aluno considerado indisciplinado estão demarcadas por um período histórico, portanto demarcado culturalmente. Partindo-se de tais prerrogativas, a indisciplina escolar está imbricada em uma indisciplina que é social.

Endo e Constantino (2013) buscou identificar as representações sociais de professores que atuam no ensino médio e técnico fundamental sobre indisciplina em sala de aula na pesquisa intitulada. O trabalho intitulado por “Representações sociais de professores sobre indisciplina no ensino médio e técnico”. Para isso, foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas que se referiam a três eixos: As causas e concepções e modos de lidar com a indisciplina em sala de aula. Os resultados apontaram que a representação da indisciplina na escola está implicada em um conjunto de fatores ligados ao aluno como, por exemplo, a família e a escola.

Os resultados do referido estudo apontam para a estigmatização e rotulação de alunos adolescentes, visto que, de acordo com esses professores a justificativa para a indisciplina está intimamente ligada à condição de serem adolescentes. Verificou-se, nesse estudo, que as representações sociais de professores a respeito da indisciplina na escola estavam ligadas a fatores sociais que se relacionavam à família, à política, à falta de perspectiva de vida, à escola e à sociedade, além disso, a presença ou ausência de aulas práticas bem como os temas das aulas (ENDO e CONSTANTINO, 2013, p. 99).

Nos estudos realizados por Santos, Cruz e Belém (2014), a representação social de professores de Ensino Médio e a relação com os sentidos da disciplina/indisciplina escolar são abordados. Foram entrevistados 30 professores e estudantes de quatro escolas de Recife. Os instrumentos da pesquisa foram: questionário de Associação Livre; Questionário de hierarquização das palavras evocadas e entrevistas.

Para análise dos dados da pesquisa acima, utilizaram-se dois softwares, Evoc e Alceste, o primeiro para os questionários e na hierarquização e para o segundo, as entrevistas. Os resultados revelam várias contradições no que se refere à definição da adolescência especificamente no que o professor representa como aluno ideal e como aluno adolescente na realidade. A representação social dos alunos adolescentes é definida por conteúdos opostos ao

idealizado pelos professores. Essa representação é associada há uma série de sentidos dotados de negatividade em relação ao aluno adolescente. A representação é justificada por considerarem a adolescência uma fase transitória em que adolescente é caracterizado de forma pejorativa, visto que, as palavras evocadas os referenciam como: sem perspectiva de vida futura e desrespeitosa.

A pesquisa desenvolvida pelas autoras Luciana Lobo Miranda, Eveline Nogueira Pinheiro de Oliveira; Júlia Evangelista Mota Shio e Denise Costa Rodrigues propõe reflexões sobre as relações intra escolares a partir dos resultados de uma pesquisa-intervenção realizada em duas escolas públicas periféricas na região de Fortaleza- CE, cujo objetivo consistiu em investigar a ligação entre a escola pública, aparelhos midiáticos, e a juventude. Os resultados evidenciaram que há correlação entre a indisciplina escolar e o uso indevido de aparelhos midiáticos em sala de aula, além disso, apontam a competição entre os jovens no que se refere à profissionalização para o mercado de trabalho, culminando posteriormente na ausência de tempo e dedicação no cotidiano da escola.

O artigo intitulado de injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife, escrito por Alice Mirian Happ Botler, aborda a concepção de justiça e injustiça sob a perspectiva de alunos do ensino médio e toda a equipe pedagógica de uma escola pública em Recife (PE). Os resultados revelam que os alunos percebem que há muitas injustiças que acontecem no ambiente escolar e que os afetam, contribuindo para o aparecimento de comportamentos indisciplinados. A autora explica que há uma diferença entre indisciplina escolar e violência ao afirmar que “as indisciplinas podem, portanto, ser o retrato de como a gestão/equipe escolar concebe e se envolve – ou não – com as necessidades de seus alunos. (BOTLER 2016, p. 728). Para a autora, a adolescência é demarcada por comportamentos que desafiam e quebra de regras estabelecidas e a busca de auto-afirmação, quanto maior essa distância, há mais probabilidade de ocorrerem situações de violências. A pesquisa foi realizada por intermédio de um questionário semiestruturado.

No trabalho de Aquino (2016), em que foi realizada uma revisão de estudos, produzidos no Brasil, sobre indisciplina escolar. O autor nos revela uma diversidade de produções de discursos sobre indisciplina escolar. O autor prospectou 35 artigos publicados no período de 1998 até 2015.

Para o autor

De nossa parte, apostamos em outro diapasão do pensamento quando defronte à conflitualidade típica das práticas escolares contemporâneas, a reboque do qual seria perfeitamente possível endereçar-se às idiosincrasias dos modos de viver/conviver aí em curso, não como pedido de socorro de uma instituição supostamente em perigo,

porque continuamente arruinada por hábitos dissonantes de seus próprios protagonistas, mas como um mirante a partir do qual se pode flagrar a tessitura ético-política sempre acidentada, instável e, afinal, indeterminada das relações fáticas entre eles. O mundo escolar, pois, não como temeridade, inconveniência ou imperfeição, mas como permanente enigma (AQUINO, 2016, p. 689).

Diante disso, Aquino (2016, p. 664) aponta duas frentes de análise que se refere à “apreensão dos atos indisciplinados operadas pelos estudos, bem como as propostas de enfrentamento do problema suscitadas pelos pesquisadores”. Aquino (2016) conclui afirmando que há uma relação de conflitos entre os atores do contexto escolar e não cabe culpabilizar um ou outro a fim de, controlar uns em detrimento de outros.

A pesquisa realizada em Minas Gerais por Silva e Matos (2014) com o título: As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula: um estudo baseado nos dados do SIMAVE/PROEB 2007 teve por objetivo investigar as percepções de estudantes de escolas públicas sobre a frequência de comportamentos de indisciplina escolar, bem como seus fatores associados. Esses fatores se referiram ao nível de ensino, sexo dos estudantes, nível socioeconômico, atraso escolar, proficiência em língua portuguesa e matemática e as práticas pedagógicas dos docentes. Os pesquisadores utilizaram o Programa de Avaliação da Rede Pública de Educação Básica (PROEB, 2007), que faz parte do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública (SIMAVE). De acordo com Silva e Matos (2014), os resultados demonstraram que as práticas pedagógicas dos professores e o fracasso escolar são um dos fatores que mais possui relação com indisciplina em sala de aula e, ainda revelam, que a condição socioeconômica dos alunos não interfere na produção da indisciplina escolar. Os participantes eram alunos adolescentes do 5º ano (N= 307.386), 9º ano (N=251.354) e do 12º ano (N=156.906).

Para os autores, as práticas pedagógicas estão intrinsecamente relacionadas à indisciplina. Os resultados apontam que as maiores queixas de indisciplina ocorrem são nas aulas de Português e Matemática, pois são conteúdos mais abstratos, ou seja, depende de uma aplicabilidade que não está muita das vezes no concreto do seu cotidiano, mas em um plano mais abstrato, contribuindo assim para a dificuldades de fixação e interesse nas atividades propostas, isso implica afirmar que, as atitudes ou práticas pedagógicas dos professores nessas aulas contribuem para comportamentos de indisciplina.

2.1.1. Definição do termo indisciplina escolar

Depreende-se que com os achados desta revisão, que alguns artigos não se propuseram a definição de indisciplina escolar devido às questões metodológicas como por exemplo, a abordagem das representações sociais dos fenômenos, já que o objetivo consistiu em identificar as representações dos participantes das respectivas pesquisas. Nestas pesquisas, abordou-se a relação professor-aluno, a adolescência, as causas da indisciplina, relações familiares as relações sociais e as práticas pedagógicas.

Segue então as discussões e conclusões desta revisão nas categorias temáticas a partir das categorias já definidas, iniciaremos esta discussão com a definição do termo indisciplina. Boarini (2013, p. 128) explica que a indisciplina não se trata de uma determinada faixa etária, ou seja, da adolescência, mas de “normas estabelecidas pela família, pela escola ou pela sociedade em geral, em determinados momentos históricos, que atribuem o significado do comportamento disciplinado ou indisciplinado”.

Dessa forma, o caráter social do comportamento disciplinado/indisciplinado exige que, para compreendê-lo e interpretá-lo, necessariamente abduzamos da ideia do aluno naturalmente indisciplinado. A indisciplina ou mesmo a subversão (saindo do âmbito escolar) podem ter outras conotações dependendo do período histórico que se vive (BOARINI, 2013, p. 128).

Já Santos, Cruz e Belém (2014, p. 187) apontam diversos aspectos na estrutura representacional da indisciplina na percepção de professores e alunos. Os autores, constataram associação da definição de adolescência, como: “[...] caracterizada pela dificuldade, inquietação e características descritas como turbulências próprias dessa faixa etária”.

Endo e Constantino orientam que ao definir o que é indisciplina deve se atentar para “[...] o contexto em que está inserida, como características sociais, culturais e históricas. Desse modo, é importante reconhecer a complexidade da temática com suas inúmeras variáveis e interferências que abrangem seu entendimento” (ENDO e CONSTANTINO, p. 107).

Em contrapartida, Botler (2016) explica que a indisciplina está vinculada à adolescência, por ser comportamente inerentes a este período do desenvolvimento, concordando assim com a sua naturalização. Dessa forma, a causa da indisciplina estaria ligada a adolescência.

Já as indisciplinas dizem respeito ao descumprimento de regras, o que costuma ocorrer quando as regras não são bem delimitadas e tampouco há rigor no zelo por seu cumprimento. A análise das concepções que estudantes, professores e gestores escolares apresentam de (in)justiça nos leva a compreender que a falta de clareza a seu respeito, bem como a respeito de possíveis formas de tratamento, limita a capacidade de intervenção para sua minimização. Assim, sujeitos escolares terminam por justificar as práticas injustas, em vez de preveni-las, desvelando a pluridimensionalidade da justiça e a conseqüente dificuldade de combater as injustiças presentes no âmbito escolar (BOTLER, 2016, p. 731).

Ainda de acordo com Botler (2016), os resultados de sua pesquisa evidenciaram que a indisciplina tem um significado que depende dos atores escolares que as vivenciam, a exemplo disso, ao questionar um grupo de adolescentes sobre a indisciplina escolar obteve a seguinte definição: “[...] o não seguimento de regras e falta de respeito ao outro, tais como não realizar atividades solicitadas em aula pelo professor, conversar e atrapalhar a aula, utilizar o celular, etc” (BOTLER, 2016, p. 727). Em detrimento disso, a autora explica que esses comportamentos são característicos da adolescência, pois ela (a adolescência) é “[...] caracterizada pela contestação e busca de afirmação que pode se dar pela quebra das normas estabelecidas na instituição escolar”.

Já Silva e Matos (2014) explicam que se faz necessário ter bem claro o conceito de indisciplina escolar. Em seus estudos nota-se a dificuldade entre os autores em evidenciar a sua definição exata. Na perspectiva desses autores, a indisciplina pode ser compreendida como:

[...] aqueles comportamentos que violam regras estritamente escolares, as quais buscam de modo mais imediato garantir as condições necessárias à realização do trabalho pedagógico. Esse conceito certamente inclui alguns comportamentos que violam normas sociais mais gerais, de fundo ético-social e que servem para regular a convivência entre os sujeitos no ambiente escolar. Contudo, tais comportamentos não chegam a atingir o foro da violência, uma vez que não se observa neles qualquer intenção de causar danos materiais aos sujeitos ou alguma capacidade de atingi-los em sua integridade física, psicológica ou moral (SILVA e MATOS, 2014, p. 718).

Nesse sentido, os estudos alertam que há outras vertentes teóricas que incluem comportamentos de indisciplina como sinônimo de violência. Isso implicaria na forma de lidar com os alunos, visto que, por diversas vezes as escolas acionam o policiamento para solucionar os casos de indisciplina, o que não é viável nesses casos, pois, não se trata de crimes na escola, por isso a necessidade de distingui-los (SILVA e MATOS, 2014).

2.1.2. Adolescência e a relação causal da indisciplina

No que se refere as causas da indisciplina escolar, destacam-se os autores Santos, Cruz e Belém (2014) e Endo e Constantino (2013). De acordo com Santos, Cruz e Belém (2014), a representação social da adolescência é patologizada e naturalizada. Nesse sentido, a atribuição de vários aspectos para justificar a relação da adolescência com a indisciplina é ponto fulcral nas considerações dos autores que refletem sobre a tipificação do aluno adolescente estudante de escola pública e pobre. Além disso, criticam a perspectiva naturalizante, assim como questionam se a indisciplina ocorre somente naquele espaço ou somente com os adolescentes pobres, e se de fato a falta de limites é um fator determinante para a indisciplina.

Santos, Cruz e Belém (2014) criticam a concepção naturalizante atribuída por alguns professores sobre os alunos adolescentes. Os autores afirmam que a visão naturalizante compreende a adolescência “[...] como uma fase, que é inerente à natureza humana, com dificuldades consideradas como típicas, e em certa medida, parecem uma tentativa de patologizar esse momento da vida”. (SANTOS, CRUZ E BELÉM, 2014, p. 188). Diante dos resultados da pesquisa realizada, os autores se posicionam ao apontar que as concepções que naturalizam e culpabilizam o indivíduo, atribuindo como algo normal. No que se referem às causas da indisciplina, os resultados apontaram que estão correlacionados a “[...] falta de projetos de futuro, ora o excesso de informações, ora a crise da autoridade que gera o desrespeito e a desobediência”.

Em outras palavras, Santos, Cruz e Belém (2014, p. 187) apontam diversos aspectos na estrutura representacional da indisciplina na percepção de professores e alunos. Os autores constataram, que a adolescência é definida como: “[...] caracterizada pela dificuldade, inquietação, complicada, características descritas como turbulências próprias dessa faixa etária”. O desalento, a negatividade e a culpabilização do adolescente aparecem como sentimentos dos professores em relação ao processo de escolarização de adolescentes. De acordo com Santos, Cruz e Belém (2014, p. 189) os professores do ensino médio revelaram que “[...] precisarão conviver por todo o período de permanência dos adolescentes na Educação escolar, com o desrespeito, o imediatismo, a falta de perspectiva do futuro, a inquietação dos jovens”.

De acordo com Endo e Constantino (2013), os resultados da pesquisa apontam para a estigmatização e rotulação de alunos adolescentes, visto que, de acordo com os professores a justificativa para causa da indisciplina está intimamente ligada à condição de serem adolescentes. Verificou-se, nesse estudo, que as representações sociais de professores a respeito da indisciplina na escola estavam ligadas a fatores sociais que se relacionavam à família, à política, à falta de perspectiva de vida, à escola e à sociedade, além disso, a presença ou ausência de aulas práticas bem como os temas das aulas (ENDO e CONSTANTINO, 2013, p. 99).

Endo e Constantino (2013) criticam a visão determinista biológica sobre a indisciplina e a adolescência. As autoras revelam que, na perspectiva dos professores, indisciplina é causada pelo próprio processo de adolecer em decorrência do avanço na idade. Isso evidencia que, estariam apoiados em uma “visão naturalista, por entender a adolescência como uma fase da natureza humana” (p.105), portanto inerente a esse período de desenvolvimento.

2.1.3. Concepções atribuídas adolescência

No que se refere ao quesito de vincular a adolescência à indisciplina, Boarini (2013), Santos, Cruz e Belém (2014), Endo e Constantino (2013) e Silva e Matos (2014). Boarini (2013) concordam que, a indisciplina não está relacionada a uma determinada faixa etária e sim a “[...] normas estabelecidas pela família, pela escola ou pela sociedade em geral determinado em alguns momentos históricos, que atribuem o significado do comportamento disciplinado ou indisciplinado” (BOARINI, 2013, p. 128).

No que se referem às atribuições dadas aos alunos adolescentes, os resultados apontam que a representação dada por esses professores retrata o adolescente de forma pejorativa, pois segundo os autores, o sentido atribuído a adolescência é o da indisciplina, visto que representam o adolescente como “[...] irreverente, descomprometido, desrespeitador, despreocupado com o futuro” em contraste como o aluno “que se preocupa com o futuro, contribui com o professor na sala de aula, respeita a todos, compromete-se e se interessa pelos estudos” (SANTOS, CRUZ, e BELÉM, 2014, p. 190).

Como já explicitado anteriormente, os autores citados criticam a perspectiva naturalizante. Segundo Santos, Cruz e Belém (2014), argumentam que ao definirem o que é adolescência, os professores atribuem concepções pejorativas em relação adolescência. Isto é claramente notado em um grupo da pesquisa, em que desassocia os aspectos históricos e culturais que os adolescentes estão inseridos e os culpabilizam diante da problemática nomeada como indisciplina. Alguns professores, na tentativa de considerar fatores externos, consideraram que, por pertencerem a uma família desestruturada, por viverem em situação de vulnerabilidade, são determinantes para serem irreverentes e sem limites (SANTOS, CRUZ e BELÉM, 2014).

Endo e Constantino (2013) criticam a visão determinista biológica sobre a indisciplina e a adolescência. As autoras revelam que, os professores concebem a indisciplina como decorrente da faixa etária, ou seja, da adolescência. Isso evidencia que, estariam apoiados em uma “[...] visão naturalista, por entender a adolescência como uma fase da natureza humana”, portanto inerente a esse período de desenvolvimento (ENDO e CONSTANTINO, 2013, p. 105).

Nesse sentido, os adolescentes que cursam o ensino médio são comumente rotulados e considerados como indisciplinados e rebeldes por vivenciarem a adolescência (ENDO; CONSTANTINO, 2013, p. 104).

Ainda de acordo com Santos, Cruz e Belém (2014), a relação pedagógica é afetada por

essas representações advindas dos professores. Os autores apontam que há um tratamento diferenciado nessa relação professor e aluno à medida que o aluno adolescente se aproxima do perfil idealizado, neste caso, esses alunos em específicos receberiam maior dedicação do professor, sendo que com os alunos adolescentes considerados indisciplinados ocorreria o oposto, ou seja, um distanciamento. Isso fica evidenciado quando:

[...] distanciam os professores da participação na construção coletiva de projetos de futuro para a juventude, a partir da educação escolar, pois eles não legitimam o adolescente da atualidade como um sujeito de aprendizagens. [...] Nesta direção, podemos afirmar que se aprofunda o tensionamento na relação professor-aluno, posto que não há correspondência entre o comportamento que é idealizado pelos professores e a postura adolescente em sala de aula (CRUZ e BELÉM, 2014, p. 191).

O aluno idealizado pelos professores, nessa pesquisa, está associado à participação nas atividades pedagógicas por consequência sua produtividade. O aluno idealizado quando se manifesta no concreto, incentiva e estimula a relação ensino e aprendizagem. Esta concretização se dá quando o aluno se dedica às atividades que os professores propõem, que questiona, que é educado, que presta atenção e participa durante as aulas. De acordo com os professores, esses alunos devem receber maior parte do acompanhamento do professor. Isso quer dizer que, o aluno disciplinado é o idealizado pelos professores, e elegem a disciplina como fator preponderante para que o ensino e a aprendizagem ocorram com qualidade, isto é, “[...] o aluno ideal melhora o trabalho do professor” (SANTOS, CRUZ e BELÉM, 2014, p. 183).

Para os autores, é possível inferir que a representação social de alunos adolescentes é demarcada pela indisciplina, ou seja, a indisciplina é algo inerente a própria adolescência. Para os professores, isso justifica as queixas escolares nessa fase e que de algum modo, afeta o processo de ensino e aprendizagem.

Já Silva e Matos (2014, p. 722) apontam dados estatísticos em relação à indisciplina escolar e apresentam dados comparativos de alunos do ensino médio por sexo. Os autores explicam que o número de alunos que dão continuidade aos estudos são predominantemente meninas e nota-se uma diminuição na indisciplina em sala de aula à medida que se aproximam do 12º ano de estudo, o que significa que a diminuição de estudantes do sexo masculino no ensino médio diminui a ocorrência da indisciplina. De acordo com os autores “[...] é preciso levar em consideração que, no decorrer dos anos, a quantidade de meninas vai se tornando cada vez maior[...] Isso poderia explicar a existência de uma percepção menos acentuada de indisciplina no 9º e 12º anos”.

Santos, Cruz e Belém (2014) ainda revelam que, a representação dada por esses professores retrata o adolescente de forma pejorativa, pois, o sentido atribuído a adolescência é

a indisciplina, visto que, a representam como o aluno “que se preocupa com o futuro, contribui com o professor na sala de aula, respeita a todos, compromete-se e se interessa pelos estudos.” (SANTOS, CRUZ e BELÉM, 2014, p. 190). Nesse sentido, os adolescentes que cursam o ensino médio são comumente rotulados e considerado como indisciplinados e rebeldes, com a simples justificativa de que estão na fase da adolescência (ENDO; CONSTANTINO, 2013, p. 104).

2.3.5. Concepções de indisciplina que afetam o processo de escolarização de adolescentes

Os adolescentes podem ser alunos ideais? Talvez essa pergunta pareça simples e óbvia, no entanto, ao serem questionados sobre o que era ser um aluno ideal, professores do ensino médio apontaram contradições entre si, o que, demonstra a dificuldade em defini-la. A predominância de resposta negativas dos professores em relação a adolescência supõe que o aluno adolescente não se aproxima do perfil idealizado (SANTOS, CRUZ e BELÉM, 2014, p. 185).

Silva e Matos (2016) destacam as percepções dos estudantes em relação a indisciplina e adolescência. Os alunos declaram que percebem atos de indisciplina em sala de aula. Os alunos do 5º ano (51%) apontam o não fazer silêncio no início da aula o que leva os professores a terem que esperar por um longo tempo para iniciá-las. Já os alunos do 9º ano (42,6%) apontam que em quase todas as aulas há barulhos e desordem. No que se refere a permanência em sala de aula, os autores perceberam que (20,2%) dos alunos do 12º ano, quase em todas as aulas, saem de sala antes de sua finalização.

Com a finalidade de comparar o índice de indisciplina com base no número de repetência dos alunos, Matos e Silva (2014) constataram que, à medida que os alunos reprovam a percepção dos mesmos sobre a indisciplina aumenta, o que pode estar relacionado ao modo como se realiza a enturmação de estudantes repetentes, pois, a escola tende a reuni-los em uma mesma sala no ano seguinte. Para Matos e Silva (2014, p. 723), essa estratégia de enturmação por repetência traz a tona o fracasso escolar, e esse modo pode ser hipoteticamente associado ao aumento da indisciplina “[...] o uso do atraso escolar e do comportamento disciplinar como critérios de enturmação pode produzir verdadeiros “guetos” que servem de abrigo aos alunos repetentes e indisciplinados”. Os autores concluem que há correlações entre indisciplina e as práticas pedagógicas dos professores. Isso pode estar relacionado ao manejo do professor diante da situação de indisciplina e da sua prática pedagógica que pode contribuir para seu aumento ou diminuição.

Desse modo, Matos e Silva (2014, p. 726) apontam que se pode considerar que os professores “[...] não são apenas vítimas dos comportamentos de indisciplina dos alunos, mas podem, muitas vezes, devido às suas atitudes ou práticas, constituírem-se em agentes que suscitam, criam ou reforçam tais comportamentos”.

Já Botler (2016) afirma que diante da indisciplina, gestores declaram ter ciência de medidas autoritárias dentro de salas de aula, mas que essas práticas são justificáveis se considerar, tempo de trabalho do professor, pois, já estariam próximos da aposentadoria e isso seria um dos pontos a serem relevados nesse contexto. Botler (2016, p. 730) destaca situações por parte dos professores diante da indisciplina com “base em gritos, denotando relação privada e de proximidade nada profissional, uma vez que desconsidera princípios educativos que deveriam pautar toda e qualquer ação escolar”.

Endo e Constantino (2013, p. 104) destacam que “[...] a escola precisa lidar com a questão de forma coletiva, envolvendo todos os atores educacionais, evitando ações isoladas, individuais e fragmentadas”. Em concordância, Santos, Cruz e Belém (2014) explicam que, quando os alunos adolescentes são percebidos como indisciplinados, isso incide na relação estabelecida entre professor e aluno e, conseqüentemente, afeta o ensino e aprendizagem.

Santos, Cruz e Belém (2016) concordam que as representações dos docentes nas pesquisas realizadas por eles, permitem inferir que, a atuação dos docentes frente a indisciplina escolar esteve descontextualizada do momento histórico e social vivenciado pelos adolescentes. A idealização de um aluno por parte dos professores limita a construir com os alunos “[...] projetos de futuro para a juventude, a partir da Educação escolar, pois eles não legitimam o adolescente da atualidade como um sujeito de aprendizagens”. Diante da problemática instaurada, Santos, Cruz e Belém (2016, p. 191) enfatizam que os professores ao construírem um perfil de aluno, patologizam e rotulam os mesmos e por fim “[...] desconsideram o vir-a-ser de possibilidades dos alunos-adolescentes, e até mesmo desautorizam sua inserção social, produtiva e realizadora”.

Esse aspecto ficou evidente na pesquisa realizada por Miranda et al (2016) com jovens estudantes do ensino médio sobre o uso de recursos midiáticos pois, destaca o potencial que apresentam no manejo desses recursos e equipamentos eletrônicos. As autoras demonstraram que a participação dos professores que se dispuseram, em alguns momentos, inibia as ações dos estudantes enquanto outras promoviam espaços de discussões e reflexões acerca das produções requeridas pelas pesquisadoras. Desse modo, puderam pensar estratégias para melhorar o ambiente escolar.

Para finalizar, Botler (2016) enfatiza a importância da noção de justiça e injustiça fomentadas no ambiente escolar, percepções que podem ser evidenciadas quando “não dar ao outro o que ele tem de direito”, “beneficiar uns e outros não”, “a pessoa sofrer por atos que não cometeu”, além de “não dar a devida atenção ao indivíduo” e “não ser ouvido”. Nesse sentido, enfatiza-se a importância de ouvi-los ponderar sobre estas questões na escola, discutir as regras, explicitar benefícios e punições.

CAPÍTULO III - A PESQUISA DE CAMPO: PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos o percurso metodológico realizado na pesquisa de campo. Para abordar o problema, esta pesquisa propõe um estudo de natureza qualitativa e buscou ouvir o que os adolescentes têm a dizer sobre a adolescência e a indisciplina escolar. Para descrevê-la, foram utilizados autores como Creswel (2014) e Barbour (2009).

A pesquisa qualitativa pode ser definida como um processo de investigação que “[...] começa com pressupostos e uso de estruturas interpretativas/ teóricas que formam o estudo dos problemas da pesquisa abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem há um problema social ou humano” (CRESWELL, 2014, p. 49).

De acordo com Barbour (2009), a justificativa em se fazer a pesquisa qualitativa consiste no interesse do pesquisador em acessar as experiências, interações, documentos considerando seu ambiente natural. A pesquisa qualitativa tem como objetivo analisar as experiências tanto individual quanto grupal. No que se refere a essas experiências, Barbour (2009) explica que estas podem ser históricas, biográficas, práticas profissionais ou até mesmo cotidianas.

Um dos aspectos importantes na pesquisa qualitativa consiste em se apropriar de “textos e escritas, desde notas de campo e transcrições até descrições e interpretações e, finalmente, a interpretação dos resultados e da pesquisa como um todo” (BARBOUR, 2009, p. 13). Para esta autora, uma das ferramentas utilizadas na pesquisa qualitativa pode ser baseada “[...] na observação e no registro de práticas de interação e comunicação bem como na análise desse material”.

Em concordância, Creswell (2014, p. 49) afirma que, o pesquisador tem o desafio de investigar a partir de um “[...] contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas”. Ao considerar as premissas acima, elegemos o contexto escolar como campo para a coleta de dados já que é este o “habitat natural” em que ocorrem o fenômeno aqui estudado. O autor supracitado

aponta que a coleta de dados é realizada “no campo, no ambiente onde participantes vivenciam a questão ou problema em estudo” (CRESWELL, 2014, p. 50)

Dessa forma, Creswell (2014) compreende que a pesquisa qualitativa possui pressupostos filosóficos que direcionam sua execução, interpretação e demais procedimentos a fim de estudar a problemática tanto das relações sociais ou individuais. Portanto, a proposta da pesquisa qualitativa se adequa aos objetivos do estudo aqui proposto.

Como metodologia para a produção de dados para análise utilizamos a técnica do grupo focal que será definido aqui conforme Gatti (2005), Kinalski et al (2017), Minayo (2010) e Trad (2009).

A técnica de Grupo Focal tem como objetivo o levantamento de dados que apresentam maior grau de complexidade para ser abordado. Ela pode ser utilizada em diversos contextos nas quais se tenha a pretensão de identificar perspectivas sobre assuntos que exigem profundidade. Uma das características principais nesta técnica é o foco e aprofundamento nos temas e a interação grupal nas discussões. Isto não significa que não haja uma flexibilização para transitar em outros assuntos. Isto é permitido desde que contribua para o tema estabelecido em roteiro (GATTI, 2005).

A partir dessa perspectiva, entende-se que o grupo focal constitui uma ferramenta que tem potencial para aprofundar em temas complexos que não são contemplados em outros instrumentos que seguem uma estrutura rígida ou exata. Tal técnica tem potencialidade para capturar a expressão, opiniões ou perspectivas no momento da interação dos participantes entre si e aprofundar nelas trazendo à tona opiniões, percepções e sentimentos que os participantes vivenciam diante do problema em questão (GATTI, 2005).

A autora enfatiza que, com isso, é possível obter a compreensão da diversidade de opiniões sobre determinados temas, o que enriquece a pesquisa já que demonstra as implicações da formação do pensamento dos sujeitos, dos sentimentos despertados, das ressignificações, dos valores atribuídos ou das representações construídas. Todos estes elementos contribuem para a compreensão dos fatores que implicam nos posicionamentos que antes não se obtinham. No que se refere aos benefícios Gatti (2005) aponta que:

[...] pode trazer bons esclarecimentos em relação a situações complexas, polêmicas, contraditórias, ou a questões difíceis de serem abordadas em função de autoritarismos, preconceitos, rejeição ou de sentimentos de angústia ou medo de retaliações; ajuda a ir além das respostas simplistas ou simplificadas, além das racionalizações tipificantes e dos esquemas explicativos superficiais (GATTI, 2005, p. 14).

Durante a mediação no grupo focal, Gatti (2005) orienta que é comum haver entre os participantes diversas concepções sobre um mesmo tema, as quais são relevantes para conceber

os diversos pontos de vistas que há sobre um mesmo tema. No ponto de vista metodológico, isto é um dado relevante a ser observado, pois, contribui para a construção do conhecimento sobre o fenômeno.

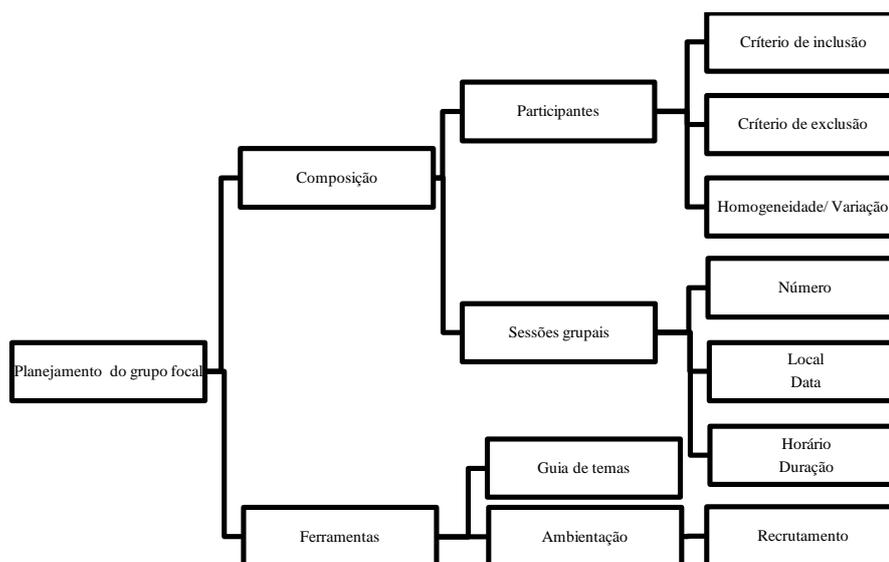
No que se refere ao papel do moderador, este deve realizar no início do encontro, uma etapa de apresentação pessoal e dos participantes. Outrossim, deve-se explicitar, que todas as opiniões serão consideradas respeitadas mesmo que seja diferentes umas das outras. As diferenças são valorizadas e relevantes para esta metodologia, por isso, os participantes devem ser orientados a interagirem entre si, distanciando-se de um modelo de entrevista e aproximando-se de um encontro dialogado (GATTI, 2005).

O moderador deve ser habilidoso na comunicação, na mediação de grupos focais, podendo ser a própria pesquisadora. O papel do moderador consiste em fomentar as discussões de modo organizado, jamais deve opinar ou atribuir algum juízo na fala dos participantes ou ser diretivo; garantir a participação de todos sem que um se sobreponha aos outros e mediar os possíveis conflitos de modo empático e cuidadoso (GATTI, 2005).

Considerando-se a caracterização do grupo focal e da pesquisa qualitativa, formamos dois grupos focais, sendo um em uma escola pública situada em uma região periférica e o outro em uma escola particular localizada em uma região central ambas na cidade de Várzea Grande. Participaram 16 estudantes adolescentes, com idade de 14 anos que cursavam o nono ano destas respectivas escolas. Foram selecionados adolescentes do sexo feminino e masculino e a seleção foi feita por meio de convite em sala de aula sob anuência da coordenação.

A previsão de nosso cronograma contemplava seis encontros em cada escola, no entanto realizamos três na escola pública e quatro na escola privada. Justificamos os cancelamentos de alguns encontros pois ocorreu uma greve dos professores na escola pública e assim os encontros foram reduzidos para três. Já no caso da escola privada, um encontro os alunos não puderam comparecer e em outra ocasião a coordenação sugeriu não realizar devido a semana de prova e, posteriormente, já seriam as férias dos alunos. A organização e desenvolvimento deste processo está descrito conforme esquema abaixo.

Figura 1.Desenvolvimento da estruturação do grupo focal nos grupos focais, 2019.



Fonte: Elaborado pela autora com base em Gatti (2005).

3.1. Caracterização das escolas

A escolha pela escola pública Estadual D, se justifica pelo fato de ser uma escola na qual tive a oportunidade de ter estudado todo o Ensino Fundamental. O fato de conhecer os professores facilitou meu acesso à escola e aceitação da realização da pesquisa. Já no caso das escolas particulares houve maior dificuldade na aceitação. Vários convites foram realizados para escolas privadas no entanto, não obtivemos respostas positivas. Somente a escola M nos respondeu de forma favorável. Assim, dentre os motivos que justificam essa escolha estão o fato de ser uma escola popularmente conhecida, estar localizada em uma região central e a primeira dentre as escolas que acolheu a nossa pesquisa.

A escola D está localizada em um bairro periférico no município de Várzea Grande - MT e oferece Ensino Fundamental (ciclo I e II), ensino médio (ciclo III) e Educação para Jovens e Adultos. A escola é mantida com recursos do governo de Estado de Mato Grosso.

A população que utiliza os serviços desta escola é de perfil socioeconômico médio e baixo, sendo que a maioria se classifica como baixa renda salarial ou desempregada. De acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola, ainda há um alto índice de analfabetismo funcional na escola, embora se busque com todos os meios para contribuir pela não ocorrência destes índices. Para esta escola, isto ocorre devido à condição socioeconômica das famílias, à falta de participação nas atividades escolares de seus filhos e até mesmo nas ações realizadas

pela gestão escolar. Grande parte das famílias recebem recursos financeiros pela lei Federal n. 10.836 de 2004 que implementa o Programa Bolsa Família ².

Já a escola M está situada na região central de Várzea Grande, seu público é oriundo de classe média e alta. Possui boa conservação predial e recursos tecnológicos para a atividade educativa. De acordo com as informações disponibilizadas no site da escola, os recursos pedagógicos contam com aulas de campo, que consiste na aplicação prática dos conhecimentos adquirido em aula. Seu compromisso é preparar e desenvolver habilidades e competências nos alunos, considerando as demandas da Globalização. Os alunos podem contar com disciplinas optativas, como por exemplo, Artes, Inglês, Espanhol e Filosofia. Além disso, é objetivo da unidade preparar os adolescentes alunos para a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), a fim de que acessem ao ensino superior por meio das notas.

Sendo assim, em ambas as escolas a escolha pelos alunos do 9º ano se deve ao fato de que esse é o último ano do ensino fundamental. Além disso, nota-se que há uma maior tensão e expectativas, nesse período, pois é o momento decisivo para a passagem para o ensino médio ou retenção. Logo, as expectativas sociais recaem sobre os adolescentes e as cobranças tendem a ser mais frequentes em torno da escolarização e questões comportamentais.

3.2. Planejamento dos grupos

O planejamento dos grupos, previa a inclusão de dezesseis participantes divididos em dois grupos um em cada escola devendo ser quatro meninas e quatro meninos, com idade de 14 anos, devidamente matriculados no nono ano, independente de cor, raça ou etnia. Em sequência, a coordenação das sessões deveria ser realizada pela moderadora (autora da pesquisa).

Optou-se por não incluir observadoras já que o grupo estava sendo gravado por áudio, filmado e a previsão incluía um número razoável de participantes. Planejou-se a realização de seis sessões, com duração de 50 minutos. Cada sessão estaria focada em um tema, adaptado aos objetivos desta pesquisa. A sala para a realização das sessões seria cedida pelas respectivas secretarias das escolas por meio de uma solicitação de espaço físico.

As datas e horários deveriam ser acordados durante o recrutamento com os adolescentes, e posteriormente compartilhados com a direção das escolas. As ferramentas para a estruturação das sessões incluíam: ambientação das salas; o recrutamento dos participantes e a aplicação de um roteiro de temas pré-definidos como meio de auxílio. Nesse sentido, o grupo focal assumiu

² O Programa Bolsa Família é destinado a unidades familiares que se encontrem em situação de pobreza e extrema pobreza e que tenham em sua composição gestantes, nutrizes, crianças entre 0 (zero) e 12 (doze) anos ou adolescentes até 15 (quinze) anos, sendo pago até o limite de 5 (cinco) benefícios por família.

nos dois contextos características similares ao considerar a condição de ser adolescentes e estudantes. Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisas ³ os encontros foram realizados entre os meses de maio a junho de 2019.

De acordo com Gatti (2005) a organização e o desenvolvimento do trabalho com grupo focal exigem uma boa estruturação na sua formação são eles: o problema da pesquisa, os objetivos específicos e a fundamentação teórica. Isto se faz relevante para a construção de um roteiro enriquecedor e resulta em um manejo adequado das discussões, os participantes devem ser esclarecidos sobre os propósitos da pesquisa e as questões ou roteiro devem estar respaldados teoricamente. Ao fazê-lo, o moderador terá como resultados um roteiro contextualizado que permitirá alcançar os objetivos da pesquisa, alinhados com o problema, com as questões e com a hipótese.

3.3. Ambientação

Os contatos com as escolas ocorreram no mês de outubro de 2018, ambas demonstraram interesse na proposta da pesquisa sob o argumento de que a indisciplina, envolvendo adolescentes, era um dos problemas existentes na escola. A primeira visita foi realizada em outubro de 2018 com vistas a estabelecer vínculos com os gestores das escolas por intermédio da proposta da pesquisa, nas quais foram aceitas de imediato e sustentadas sob a queixa de terem dificuldades em lidar com a indisciplina escolar.

Ressalto que havia interesse das coordenadoras em indicar os alunos conhecido como os mais indisciplinados. No entanto, foi sugerido pela pesquisadora que não os indicassem deixando assim que o grupo fosse formado por interesse próprio. Sendo assim, destaca-se a participação expressamente voluntária dos participantes. A estrutura física da escola foi apresentada e disponibilizada para a execução da pesquisa, inclusive a sala em que iria ocorrer as sessões em ambas as escolas.

Trad (2009) explica que é interessante que os encontros ocorram em uma sala que comporte a quantidade prevista de todos os participantes. Vale destacar que o ambiente deve apresentar uma neutralidade e que seja de fácil acesso, a distribuição das pessoas no encontro pode estar em forma de círculo ou em torno de uma mesa redonda.

³ A aprovação da pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa sob a inscrição 02983518.1.0000.5690, deu-se início a divulgação da pesquisa primeiramente junto aos coordenadores posteriormente aos alunos.

3.4. Recrutamento

O recrutamento como assim é denominado por Gatti (2005) é uma das etapas primordiais desta técnica, por ser ela, o momento em que irá atrair os possíveis participantes para a pesquisa. Nesse sentido, se faz necessário que o convite já explicita maiores informações sobre a pesquisa e o grupo e, dessa forma, a adesão seja voluntária. Isto pode garantir sua presença nas demais sessões já que a decisão em participar partiu dele próprio.

O convite foi realizado presencialmente, a princípio a coordenadora da escola privada optou por fazê-lo, no entanto, não houve interessados. Já na escola pública foi autorizado realizar o convite nas respectivas salas do nono ano e de igual modo, não houve interessados. Em um segundo momento, em outro dia o convite foi realizado novamente aos alunos das duas escolas. A abordagem foi feita oralmente, durante o horário de aula sob o consentimento de ambas coordenadoras.

Na ocasião foram apresentados os objetivos da pesquisa, bem como sua relevância e os aspectos éticos. Informei que os encontros seriam filmados, os áudios gravados e posteriormente transcritos. Nesse sentido, os interessados deveriam solicitar a documentação que se refere ao Termo de Consentimento Livre Esclarecido e Termo de Assentimento e, posteriormente, trazê-las devidamente assinada para a participação. Na semana posterior, fui comunicada que haveria a quantidade ideal de alunos para a realização da pesquisa nos dois campos. Um encontro para apresentar a pesquisa foi agendado e realizado na escola pública (demanda deste grupo somente). Deste modo, apresentou-se a proposta da pesquisa e os encontros foram acordados e compartilhados com a direção escolar e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos e os Termos de Assentimentos foram lidos e distribuídos. No primeiro encontro os estudantes os trouxeram devidamente assinados.

Gatti (2005) explica que, o local e os recursos a serem utilizados tais como: cadeiras, mesa, câmera filmadora e gravador devem estar em perfeitas condições de uso e confortáveis para manuseio. Estas são condições essenciais para a condução de um grupo focal, visando qualidade no levantamento de dados. As disposições das cadeiras durante as sessões podem ser feitas em círculos ou ao redor de uma mesa. A filmagem deve capturar de forma global e a gravação deve ter a garantia de que não haverá ruídos ou interferência externas.

3.5. Roteiro de temas

Para a operacionalização dos encontros foi elaborado um roteiro que orientou discussões em cada encontro. Gatti (2005) salienta que o roteiro no grupo focal, é uma ferramenta que tem

como função orientar o pesquisador e auxiliá-lo nas discussões. Considerando essas premissas, pode ocorrer durante sua aplicação a necessidade de ajustá-lo. No grupo focal isso é possível e flexível, pois se considera o processo interativo concretizado.

Isto foi recorrente durante a realização dos encontros, uma vez que, nas discussões, aparecem questões que não estão previstas ou questões que não seriam mais necessárias serem abordadas. Segue abaixo tabela com detalhes dos encontros e temáticas.

Tabela 2. Temáticas principais das sessões do GF na escola privada M, 2019

Encontros dos grupos focais				
Data	21/05/2019	22/05/2019	23/05/2019	24/05/2019
Horário	17:15 min. às 18:00 h	17:30 min. às 18:30 min.	17:15min. às 18:20min.	17:15min. às 18:40min.
Temática	A relevância da pesquisa e de oportunizar o espaço para ouvi-los.	1º Encontro: Perspectivas sobre a adolescência.	2º Encontro: Percepção dos alunos adolescentes sobre indisciplina	3º Encontro: A inserção no mercado de trabalho, saúde do adolescente, políticas públicas, protagonismo social. Desigualdades sociais, de gêneros e de relações étnico-raciais
Encerramento da sessão	Agradecimento pela participação. Confirmações dos próximos encontros.			

Fonte: Adaptado pela autora com base em Gatti (2005)

A tabela acima configura a estruturação do grupo focal na escola privada que totalizou em quatro encontros.

Tabela 3- Temáticas principais das sessões do GF na escola pública M, 2019.

Encontros dos grupos focais na escola pública M				
Data	22/05/2019	22/05/2019	23/05/2019	24/05/2019
Horário	16:00 min. às 17:00 h	17:30 min. às 18:30 min.	17:15min. às 18:20min.	17:15min. às 18:40min.
Temática	1º Encontro: Perspectivas sobre a adolescência e as relações estabelecidas com familiares e sociedade.	2º Encontro: Percepção dos alunos adolescentes sobre indisciplina escolar.	3º Encontro: A inserção no mercado de trabalho, saúde do adolescente, políticas públicas, protagonismo social	4º Encontro: Desigualdades sociais, de gêneros e de relações étnico-raciais
Encerramento da sessão				

Fonte: Adaptado pela autora com base em Gatti (2005)

A tabela acima se refere a estruturação do grupo focal na escola pública que teve um total de três encontros.

3.6. A composição do grupo

Na composição do grupo focal deve-se manter características homogêneas entre os participantes a fim de viabilizar as discussões que sejam de conhecimento de todos. Entretanto, pode haver algumas variações com vistas a permitir o emergir, o aparecimento de perspectivas divergentes sobre o tema. Para a autora, compreende-se por homogeneidade, características que se referem, por exemplo, ao gênero, faixa etária, estado civil, a localização de moradia do grupo, a condições socioeconômica, a atividades laborais (GATTI, 2005; TRAD, 2009).

Com base na explicação anterior, foram selecionados na escola pública, quatro adolescentes do sexo feminino e três do sexo masculino, todos com a idade de 14 anos e cursando o nono ano. Outro grupo foi formado na escola privada e dos que se voluntariaram, foram selecionados sete do sexo feminino e três do sexo masculino. Pelo fato de alguns serem da mesma turma, notou-se que havia laços de amizade entre os adolescentes. Isso ficava evidente quando chegavam juntos nos encontros e sempre se mantinham sentados próximos uns dos outros enquanto com outros, ocorria o inverso, no entanto, nos últimos dois encontros, os participantes já estavam interagindo de forma igual.

Justificamos aqui que a proposta da pesquisa inicial era selecionar oito adolescentes de cada grupo, ou seja, 16 participantes. Porém, notamos que pelos critérios de seleção, muitos dos interessados não correspondiam a eles, portanto não poderiam participar. Diante disso optamos por permitir uma participante a mais do que estava previsto e como se percebe a quantidade de meninas no grupo da escola privada é maior do que a quantidade de meninos (somente três se interessaram).

No que se refere as variações estas devem ser cuidadosamente incluídas e deve-se considerar o princípio da homogeneidade, tanto em apenas um grupo focal quanto em vários. Gatti (2005) orienta que as variações devem estar norteadas pelo problema da pesquisa, pelos objetivos e o aporte teórico. No que se refere a quantidade de participantes, é importante considerar a importância da interação grupal nas discussões que ocorrerão no grupo. Caso haja mais de dez participantes, esta interação fica limitada, não possibilita a participação de todos e dificulta o aprofundamento nos temas, em decorrência da disposição do tempo (GATTI, 2005; TRAD 2009, MYNAIO, 2010).

A variação foi respeitada como orienta a literatura. Aqui as variações se referem a composição do grupo, os participantes eram adolescentes com idade exata de 14 anos, no entanto a quantidade de meninas e meninos sofreram variações na quantidade de meninos e meninas, na condição socioeconômica.

3.7. Encontros grupais

Com os participantes já selecionados, a etapa dos encontros se deu, primeiramente, na escola pública por três dias consecutivos, após a aula no período vespertino. Enquanto na escola privada, os encontros foram agendados semanalmente, após a aula de educação física, no período vespertino.

No primeiro contato com os adolescentes, tanto na escola pública quanto na escola privada, foram acordados aspectos funcionais do grupo focal como, por exemplo, pontualidade, horário de encerramento e a ordem de participações nas discussões. Destacou-se o compromisso de cada participante, a relevância do estudo, os seus benefícios, recolheu-se os Termos de Consentimentos Livre e Esclarecido e de Assentimento assinados.

De acordo com Gatti (2005), na abertura do grupo, o moderador deve realizar uma abordagem inicial que consiste na apresentação pessoal e de cada integrante do grupo, assim como da pesquisa utilizando uma linguagem clara e precisa. Outrossim, promover um espaço para livre expressão, enfatizar o sigilo no uso dos dados obtidos e manter um ambiente seguro.

Na escola pública, os encontros ocorreram do dia 21 a 24 de maio de 2019, visto que, uma greve estava prevista nas datas que estavam agendadas a semana das coletas. Os encontros foram realizados com duração variável entre 50m e 1h30min. Destaca-se que todas as mudanças nos encontros tanto a coordenação da escola como os pais tomaram conhecimento e foi proposto e consentido por todos os participantes.

No primeiro encontro, com o tema adolescência, as discussões seguiram um fluxo tranquilo e com participação ativa dos presentes. Os adolescentes demonstravam interesse em abordar o tema proposto trazendo suas vivências, e sendo aplaudida pelos colegas como sinal de compreensão nos sentimentos que o colega trazia diante da situação. Em algumas situações não houve aprovação do grupo, como por exemplo, no tocante a relação entre pais e filhos e a resolução de conflitos através do recebimento de valores em dinheiro. Notou-se que não era algo comum no grupo, tratava-se de uma excessão.

Vários temas foram antecipados e foi necessário reorganizar as temáticas dos encontros. Nesse primeiro encontro, as discussões foram antecipadas, como por exemplo: A condição do

adolescente na relação familiar, na sociedade, no mercado de trabalho, desigualdades sociais. O segundo encontro se referiu à indisciplina escolar, ressaltaram a qualidade do ensino, e apontaram aspectos negativos e positivos da escola bem como sua relação com os professores. No terceiro encontro foram abordados diversos temas tais como saúde do adolescente e o conhecimento das políticas públicas. Apontamos que referente a faltas, estas não houveram no grupo da escola pública. Já no grupo da escola privada houveram, mas foram poucos.

Na escola particular foram realizados quatro encontros, como já citado em outro momento, estavam previstos seis encontros, porém, devido às impossibilidades do grupo participar em uma das datas e o fato do próximo encontro anteceder a semana de provas, sendo próximo ao período de férias não foi possível realizar a totalidade pretendida dos encontros. No primeiro foi abordado as relações de conflitos estabelecidos com a família e escola, os modos de ser dos adolescentes, a noção de si e do mundo, às dificuldades neste momento. No segundo encontro foi abordada a questão da indisciplina escolar e as relações estabelecidas neste contexto.

Alguns participantes trouxeram à tona a história de vida escolar e as implicações do estudo no seu desenvolvimento, as cobranças e as expectativas para o mercado de trabalho. Notamos, neste encontro, menos discussão sobre o tema. Cogita-se a explicação dessa ocorrência devido a existência de uma câmera no interior da sala de pesquisa que era da própria escola o que pode ter inibido a discussão. No terceiro encontro foram retomados assuntos concernentes a relação com a família. No quarto encontro foram abordadas as diferenças entre adolescentes concernentes às desigualdades sociais e de gênero e suas expectativas para o futuro.

Em cada grupo, os temas foram sendo abordados de forma diferente, enquanto mediadora acompanhei o movimento das discussões e em momentos oportunos, introduzia uma temática que se aproximava dos assuntos abordados a fim de contemplar os temas de interesse da pesquisa, visto que, os encontros seriam reduzidos. A seguir, no próximo capítulo, apresentaremos os resultados e a análise.

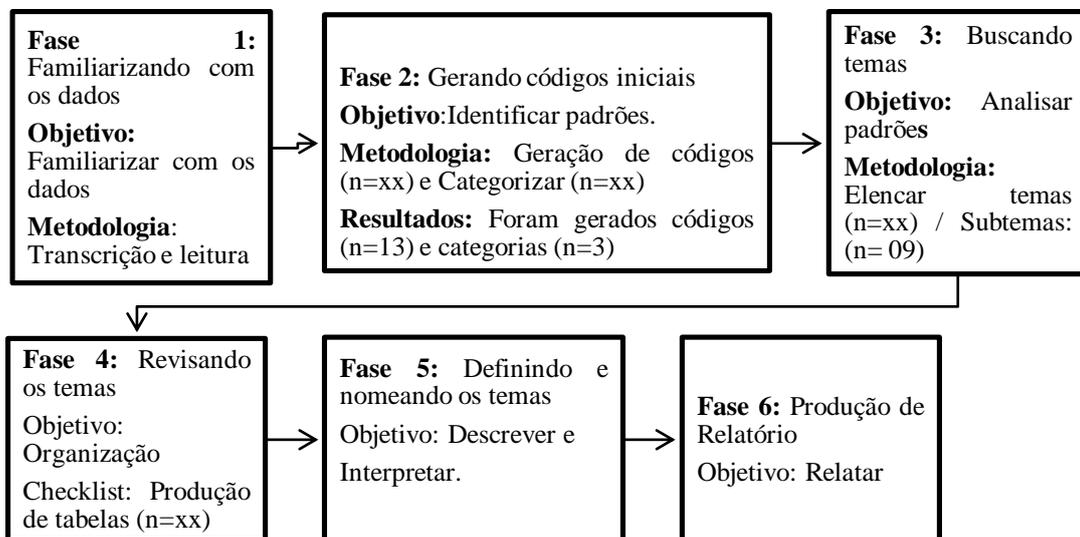
CAPÍTULO IV –ANÁLISE

Os resultados serão apresentados e analisados a partir da técnica da Análise Temática, desenvolvida por Brawn e Clark (2006) que propunham a análise dos dados coletados a partir da ação do pesquisador. Isto significa que, durante a leitura dos dados, cabe ao pesquisador eleger os dados que lhe façam sentido se articulados com o objetivo, problema e corpo teórico.

Para as autoras, o pesquisador tem autonomia na utilização dos dados a partir de sua exposição em seis etapas. Nesta técnica quem faz emergir os núcleos de sentidos é o pesquisador. Esta técnica tem a proposta de superar o modelo de outras técnicas que se baseiam na noção da latência dos dados, ou seja, palavras que mais compareceram durante a transcrição, deixando de lado dados que poderiam ser relevantes. A Análise Temática se constitui em seis fases: Familiarização dos dados, codificação, buscas de temas, revisão de temas, nomeação dos temas e a produção de relatórios (SOUZA, 2018, 2019).

Fonte: Souza (2018)

Figura 2.- Procedimentos da Análise Temática



Os procedimentos da primeira etapa consistiram na eleição de códigos, sendo que deles emergiram os temas e subtemas com a finalidade de facilitar a interpretação e a compreensão dos dados. Portanto, cada categoria foi organizada com base nestes pressupostos. Ao direcionar os dados sob esta ótica, foram elucidados os questionamentos iniciais desta pesquisa, como por exemplo: A indisciplina é algo natural da adolescência?

Neste sentido, o instrumento utilizado conduziu as concepções dos adolescentes sobre o tema.

No que concerne à condução da análise, Souza (2018, 2019) explica que uma das alternativas oferecidas nesta técnica, é a análise temática teórica/dedutiva. Este tipo de análise permite que a análise dos dados seja construída a partir de um referencial teórico, como por exemplo, na eleição das temáticas. Portanto, não privilegia descrições aprofundadas na totalidade dos dados coletados, mas apenas aqueles elencados pelo pesquisador.

Tabela 4. Modelo de codificação fase 2 da técnica de Análise Temática

Trecho da transcrição	Pergunta da pesquisa:	Codificação
Beatriz: É um momento de muitas <u>mudanças</u> , transformações né, e de muitas <u>descobertas</u> .	O que é adolescência?	Mudanças Descobertas Momento vivenciado Pensamento no futuro Modo de ser
Melissa: Também é o <u>momento</u> que você tá <u>pensando no seu futuro</u> , o que você quer <u>ser da vida!</u>		

Fonte: Elaborado pela autora com base em Souza (2018, 2019)

Na terceira fase foram eleitos os temas com base nos códigos elencados. Na quarta fase foram definidos todos os temas e, após, revisados com o objetivo de verificar se de fato correspondem ao problema e aos questionamentos da pesquisa. A identificação dos temas segundo Souza (2018, 2019) pode ser latente. Isso significa que os temas podem aparecer com mais frequência ou menos, a latência aqui se refere à sua manifestação, independente de sua frequência (SOUZA, 2018, 2019).

Tabela 5. Trecho do processo de definição dos temas da técnica de Análise Temática.

Codificação	Tema
Mudanças Descobertas Momento vivenciado Pensamento no futuro Modo de ser	Vivências na adolescência

Fonte: Elaborado pela autora com base em Souza (2018, 2019)

Feito isso, na quinta fase definem-se os temas elencados e são renomeados caso necessário. Por fim, na sexta fase, foi produzido um relatório que teve como objetivo articular os dados com a abordagem teórica de referência, gerando assim instrumentos para discussão dos resultados (SOUZA, 2018).

Tabela 6. Trecho do processo de revisão de temas

Codificação	Tema	Redefinição do tema
Mudanças Descobertas Momento vivenciado Pensamento no futuro	A Adolescência como um momento vivenciado.	Tornar-se adolescente: perspectivas de adolescentes de uma escola pública e privada

Modo de ser

Fonte: Elaborado pela autora com base em Souza (2018, 2019)

A tabela abaixo se refere aos temas redefinidos com base no processo de revisitação dos temas conforme proposto por Souza (2018, 2019).

Tabela 7. Temas e subtemas abordados na análise de dados

Temas	Subtemas
Tornar-se adolescente: perspectivas de adolescentes de uma escola pública e privada.	<ul style="list-style-type: none"> • Tornar-se adolescente: perspectivas de adolescentes de uma escola privada e outra pública.
A produção da indisciplina na escola: a perspectiva de alunos adolescentes	<ul style="list-style-type: none"> • A relação professor-aluno e a implicações no processo de ensino-aprendizagem • Os alunos considerados indisciplinados, quem são? • Como se produz a indisciplina? Considerações, críticas e propostas • Adolescência e indisciplina, tem alguma relação? • Democracia na escola: perspectivas dos alunos para as relações escolares.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Souza (2018, 2019)

No que se refere à identificação das escolas e de seus respectivos alunos participantes será fictícia, a fim de não os expor, conforme orienta o Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos. Assim, colocamos nomes fictícios tanto nas escolas como nos estudantes.

3. Tornar-se adolescente: perspectivas de adolescentes de uma escola pública e privada

Esta sessão se refere a análise das discussões abordadas nos dois grupos formados. No decorrer dos encontros, os participantes apresentaram concepções divergentes e convergentes em que foi possível apreender sentimentos, emoções e perspectivas que os adolescentes atribuíram às relações estabelecidas e a sua condição ocupada nelas. Durante a análise, observou-se que os discursos iniciais foram sendo reelaborados conforme outros relatos foram sendo apresentados. Desse modo, tornou-se possível considerar que houve uma construção coletiva do pensamento sobre os temas discutidos. Ao final dos encontros, alguns alunos destacaram a importância da pesquisa que se propôs a ouvi-los sobre suas vivências enquanto adolescentes.

A análise dos dados foi feita em duas partes, a primeira parte da análise se refere às perspectivas que os adolescentes têm sobre a adolescência, conforme os objetivos da pesquisa e analisados pelo viés da Psicologia Histórico-Cultural, conforme explica Anjos e Duarte (2016, p.196) “[...] a adolescência é um fenômeno produzido pela história das sociedades divididas em classe sociais”. A segunda parte se refere às perspectivas dos alunos sobre a indisciplina e a sua produção.

A estrutura da análise segue a temática elencada e em seguida o que os adolescentes trazem acerca do assunto. Neste sentido, optou-se por seguir aleatoriamente a participação dos dois grupos, ou seja, o grupo que abordou com mais profundidade são destacados na estrutura da análise a fim de não estabelecer uma repetição dos dados. Portanto, as convergências e divergências seguirão nesta concepção, em conjunto e intercalando-os.

Iniciamos aqui a análise, abordando que os adolescentes tecem considerações sobre a condição de serem adolescentes nos diversos contextos desta nova realidade experienciada por eles e que revelam classes sociais distintas nos dois grupos. Os adolescentes apontam suas dificuldades, seus sentimentos e como, ao seu modo, as vivenciam. Em diversos momentos dos encontros, buscam se ajudar fazendo sugestões, críticas e se propõem a colaborar com o outro para que possam superar as dificuldades e potencializar de forma positiva a condição de ser adolescente. Como já citado anteriormente, enquanto pesquisadora designei aos participantes nomes fictícios a fim de assegurar o sigilo e a identificação.

Os participantes⁴ da escola privada foram: Beatriz, Melissa, Lauany, Melanie, Juliana, Grazielly, Mayara, Antony, Pedro e Rafael. Enquanto na escola pública foram: Icaro, Leonardo, Henrique, Emanuele, Marisa, Flaviane e Anabele.

De acordo com os alunos de ambas as escolas, a adolescência é um momento da vida em que há muitas transformações e ocorrem as mudanças no modo de pensar, nas relações que estabelecem e no corpo. Os adolescentes da escola privada afirmam que este momento demarca a saída da infância e introduz um novo momento da vida, com novas responsabilidades que antes não tinham. Na concepção destes, as mudanças que ocorrem no campo psicológico, os permitem que sejam ampliadas a forma de pensar em si, no mundo e seu lugar ocupado nas relações e no futuro. Isto, implicaria no seu modo de agir e de se relacionar.

Beatriz: É um momento de muitas mudanças, transformações né, e de muitas descobertas.

Melissa: Também é o momento que você tá pensando no seu futuro, e o que você quer ser da vida.

Lauany: Eu acho que é o momento em que você sente que você tem mais pressão. Porque como você tem que pensar no seu futuro e você começa a perceber como já você tem que decidir essas coisas e aí você começa a ficar pressionada porque você tem que decidir isso rápido porque a sua vida está passando.

Rafael: Eu acho que é um momento, assim, de muitas escolhas e decisões por que acontecem os casos de namoro das provas ou de você querer sair dessas coisas isso acaba influenciando e gerando várias escolhas e todas essas escolhas, tem muitas complicado né? E aí por isso que a gente tipo que a gente acha mais responsável e se sente mais pressionado pelas nossas escolhas.

Lauany: É quando você tem que lidar com relacionamentos tantos de amigos, familiares ou namoro.

Melissa: Não só a responsabilidade, mas o corpo seu jeito de pensar também

Juliana: É o momento da curiosidade das responsabilidades, descobertas, e você pode viver de uma forma mais real com todo mundo.

Os adolescentes da escola pública atribuem à adolescência uma fase do desenvolvimento humano. Alguns concordam que é umas das fases mais difíceis de vivenciar. Outros discordam, afirmando que há muitas vantagens em se tornar adolescente. Os adolescentes justificam suas concepções ao explicar que, nesta fase, ocorrem muitos erros e acertos, diante das novas escolhas e responsabilidades que lhes são atribuídas.

⁴ Os nomes citados acima e ao longo de toda a dissertação são fictícios e substituídos por pseudônimos escolhidos por eles ou por você?

Henrique: *A pior fase de tudo.*

Ícaro: *Nem tanto né meu amigo. Ela pode ser ruim num sentido, mas no outro é bom.*

Emanuele: *Eu acho que não é uma fase ruim, mas também não é a das melhores mais fases da vida.*

Ícaro: *É a fase dos erros e dos acertos!*

Henrique: *Mais dos erros né.*

Nota-se que neste grupo, o termo fase, foi utilizado para expressar a adolescência como um período de novas tarefas atribuídas pelo adulto. Isto nos permite afirmar que se trata de adolescências construídas nas relações histórico-culturais. Como bem o apontou Rego (2013) e Anjos (2017) tais tarefas diferem, também, nesse grupo, e dependem da situação de cada família. Abaixo segue o excerto sobre a concepção que estes têm sobre o que é adolescência.

Henrique: *A pior fase, de tudo.*

Emanuele: *Eu acho que não é uma fase ruim, mas também não é a das melhores fases da vida.*

Ícaro: *Bom para mim é melhor, né? Porque eu treino. Então para mim é melhor para o meu desenvolvimento e eu tenho mais tempo pra estudar, treinar e praticar.*

Por outro lado, explicam que, nesta fase, percebem que adquirem um pouco mais de liberdade, se comparada à infância. No ponto de vista desses adolescentes, a adolescência só se torna “ruim” pelo fato de não haver, em diversas circunstâncias, a compreensão e o diálogo entre adolescentes e adultos. Essa liberdade referida por esses alunos sofre variância conforme o contexto, ora se referem a liberdade de ir e vir, como um direito humano das quais se sentem limitados, ora a liberdade de expressão, que seria no campo da comunicação e a liberdade de ser, pensar e atuar no mundo.

De acordo com Anjos e Duarte (2016, p. 197), neste período, ocorre uma virada no processo de transição e passam a ocorrer as crises, que seria “[...] o surgimento de uma nova maneira de pensar, engendrada pela atividade-guia de estudo, qual seja: o pensamento por conceitos e a consequente estruturação da personalidade e da concepção de mundo.

Icaro: *Tipo por que a adolescência é o preparo para quando a gente ficar adulto né? A gente vai descobrir mais coisas. A gente vai ficar mais solto, tipo, a gente tá tendo a noção do que vai vim pela frente. Tipo a gente vai ser, tipo, não livre pra gente fazer o que quiser e as escolhas que a gente quiser.*

Henrique: *Mas mesmo assim não tem como a gente ser livre, na adolescência a gente é preso em casa. E quando a gente é adulto a gente é preso na sociedade.*

Os adolescentes da escola pública apontaram as mudanças no pensamento como forma de demarcar a adolescência. Para estes, o modo de pensar se torna menos fantasioso e perde-se a inocência se tornando capaz de compreender assuntos mais complexos como a morte, iniciação a vida sexual, o uso de drogas, gravidez, a paternidade e o namoro. Interessante notar que os temas acima citados foram abordados apenas pelos adolescentes da escola pública, nos permitindo inferir que os adolescentes da periferia teriam mais proximidade com essas temáticas em sua realidade.

Henrique: *Verdade, a inocência.*

Henrique: *A criança geralmente é ingênua a pessoa fala: Ah, vamos lá comprar um doce ela vai né, assim tipo, aí você é tipo, um adolescente você já fica tipo: - Essa pessoa já quer alguma coisa!*

Henrique: *Tipo já não tem mais a mesma ingenuidade, cê já é mais cabeça aberta, pensa nas coisas que a pessoa pode fazer contra você.*

Henrique: *Tipo a menina perdia a virgindade depois do casamento, hoje em dia com 10 anos já está uhrrrrr [Risos] já está barriguda.*

Marisa: *Meninas de 15,16 anos já está com filho, sendo que antigamente era com 20 os pais eram mais rígidos.*

Destaco que todos estes temas comparecem nos discursos destes adolescentes como forma preventiva ou de proibição dessa experiência. Embora um aluno relate a aprovação em constituir família. No caso das meninas a maternidade e a relação conjugal comparece como uma opção possível após o término dos estudos.

Emanuele: *Daí quando passa pra adolescência sua cabeça já vai ficando tipo cheia de coisas porque aí vocês tem que ajudar sua mãe a arrumar a casa você tem que estudar, ver para que que você quer ser quando crescer, como que vai ser sua vida em diante, e ainda tem aqueles ensinamentos você vai se casar se você vai ter filhos então é tipo é muita coisas.*

Icaro: *É a gente descobre coisas que nossos pais escondiam de nós, tipo, sobre o, sexo. Aí eles escondem da gente, aí quando a gente chega na fase do adolescente a gente descobre o que é isso, o que a gente vai fazer em uma certa idade, a gente pode fazer uma coisa errada, muito que fazer, juntar os dois, fazer um filho. Isso é uma escolha as vezes é certa, as vezes olhando de um ponto de vista é legal ter filho mas olhando de outro jeito é muita responsabilidade.*

Henrique: *Sei lá se você ter filho jovem, você tem que largar os estudos, você tem de caçar emprego. Tem que ver se você se dá bem com a mãe da criança. O que que sua mãe e seu pai vai achar.*

Icaro: *Minha mãe vai gostar, minha mãe quer que eu tenha um filho[inaudível] ela quer que eu tenha um filho e entregue pra ela a criança pra ela cuidar.*

Henrique: *Uai então faz um filho!*

Icaro: *Não, não posso de jeito nenhum. Agora, se meu irmão quiser fazer pra minha mãe, vai ser um erro dele. Eu tô bem não quero me envolver com uma pessoa agora.*

Henrique: *É vou juntar tudo o que ele diz porque o que ele diz tem razão é além das amizades que você pode é então tipo assim as suas amizades te ajudam em alguma coisa, pra contar com eles. Você pode contar com ele não assim quando você precisar dos seus amigos descobrir quem que pode te ajudar ou não e assim que você descobre quem é o seu verdadeiro amigo e no qual você pode confiar. E também tem as descobertas, você pode descobrir tudo, sobre você sobre seu corpo, sobre a vida, e além de [pausa e pensativo] Acho que é só isso.*

Icaro: *Tipo, a gente vai passar dessa fase.*

De igual modo, os adolescentes da escola privada, enfatizam que na adolescência, muitas mudanças acontecem simultaneamente, principalmente no modo de pensar. Para eles, isto não ocorre na infância pois, estas são limitadas psicologicamente pela inocência que não as permitem avançar em um pensamento crítico, ao ponto de questionar e se posicionar diante do que está posto.

Esta é uma capacidade de abstração que viabiliza o pensamento a partir de conceitos e, por isso, denominam-se de saltos qualitativos ou crises. Estes ocorrem no momento em que o adolescente supera o modo de pensar no período infantil, que a criança desenvolve seu pensamento a partir de elementos concretos, ou palpáveis e visíveis. No caso de adolescentes isto é superado já que desenvolve a capacidade de pensar a partir de elementos abstratos como por exemplo, a apropriação de novos conceitos. Isto permite que o adolescente desenvolva pensamentos críticos em relação a sua própria realidade (ANJOS E DUARTE, 2016).

De modo unânime, enfatizam que primeiramente, a adolescência é demarcada quando percebem que, o modo como pensavam e percebiam o mundo já não era como na infância. De acordo com estes adolescentes, com essas mudanças no campo psicológico, conseqüentemente o comportamento apresenta mudanças.

Melanie: *Você começa a entender o mundo de uma forma diferente que você entendia né, não é da forma como você entendia, não, não é mais como criança, entendia porque, eles botam mais pressão em você essas coisas.*

Beatriz: *A sua mentalidade não é mais inocente como era antes.*

Ambos os grupos, apontam que, a adolescência é um momento de escolhas e descobertas. As descobertas se referem a si mesmo, assim como, a temas que são considerados como tabu na sociedade ou que não são dialogados com os adolescentes. Os adolescentes explicitam que começam a ter acesso a assuntos antes não permitidos pelos pais.

Icaro: É a gente descobre coisas que nossos pais escondiam de nós, tipo, sobre o sexo. Aí eles escondem da gente, aí quando a gente chega na fase do adolescente a gente descobre o que é isso, o que a gente vai fazer em uma certa idade. A gente pode fazer uma coisa errada, muitos querem fazer, juntar os dois, fazer um filho. Isso é uma escolha às vezes é certa, às vezes olhando de um ponto de vista é legal ter filhos mas, olhando de outro jeito é muita responsabilidade.

Henrique: Sei lá se você ter filho jovem, você tem que largar os estudos, você tem de caçar emprego. Tem que ver se você se dá bem com a mãe da criança. O que que sua mãe e seu pai vai achar?

Os adolescentes demonstram que, a observação e questionamentos passam a fazer parte da vida. Nesse período ocorre uma ampla apropriação do conhecimento cultural. Desta forma, se torna comum indagações sobre o que está posto e imposto. De acordo com os adolescentes da escola pública, a adolescência pode ser considerada como uma fase de crescimento e renascimento, tanto para o fisiológico como para o psicológico.

Henrique: É quando as crianças crescem...

Icaro: Ela renasce [...] é aprender a viver, a ter um preparo físico mental, psicológico.

Henrique: É estar sobrevivendo na sociedade que eu acho que é a pior coisa de tudo. Você tem que trabalhar, tipo, não, eu quero muito começar a trabalhar para mim ser independente. Mas também tem aquilo lá, é um serviço que te sustenta, é eu tipo, se aparecer um daqui uns dois anos, aparecer um emprego para mim, eu vou construir uma casa boa, porque eu acho que todo emprego é digno. Não, a boca de fumo, já não é, né? Já é outra coisa, nunca! Mas tipo, fazer uma casa ou trabalhar então, de pedreiro, tipo, passar tempo com a família para sobreviver, né? Ah, é muita coisa você tem que ter tipo maturidade, você não pode mais agir como uma criança entre aspas (também fez gesto entre aspas). Você quer brincar, mas não se pode. Você tem que agir como um adolescente, você tem que ser rigoroso com as crianças, tipo, ensinar tipo, vai uma prima de 5 anos na sua casa e você não pode brincar com ela, você tem que ensinar ela a fazer tal coisa. Aí, chega a sua mãe em casa. Você tem que fazer alguma coisa para agradar ela, para mostrar tipo, que você tem[...] eu peguei o probleminha dela aqui, é tipo você tem que ter[..]

Marisa: Maturidade!

Henrique aponta uma nova responsabilidade é necessária para sobreviver. Percebe que precisará trabalhar para se sustentar e compreende o que isso significa. Assim, as mudanças não

vão acontecendo da mesma maneira para os adolescentes e está, intrinsecamente, relacionada às suas condições de vida.

De acordo com Checchia (2010) a adolescência é construída historicamente nas relações sociais constituídas culturalmente enquanto significado social implicando então na formação de referenciais para a constituição de sua identidade. A autora salienta que na constituição dessa identidade implica-se a condição da classe econômica, cor, raça e gênero. Para a autora, estas condições são determinantes devido as condições que se perpetuam historicamente na sociedade. Isso significa que a adolescência é uma produção social o que descarta a possibilidade de sua naturalização. A noção de adolescência ao longo do tempo sofre transformações em uma mesma sociedade. Por esse motivo não há como dissociar essa constituição, da estrutura social em que o sujeito estiver inserido. As afetações advindas desse contexto se diferem em cada realidade vivenciada por adolescentes.

Em nossa pesquisa, é evidente que as condições de acesso a educação e a continuidade se diferem diante da necessidade de ingressar no mercado de trabalho. O grupo da escola privada demonstra maior possibilidade de continuar seu processo educativo até o nível superior, enquanto que os alunos da escola pública demonstram uma limitação na continuidade dos estudos pela necessidade de trabalhar a fim de ajudar nas despesas financeiras familiar.

No que se refere ao início da adolescência, os adolescentes da escola pública, não chegaram há um consenso sobre uma faixa etária na qual iniciaria a adolescência.

Henrique: *Acho que a partir dos dez.*

Icaro: *Dez, doze anos*

Henrique: *Pra falar a verdade acho que a partir dos sete anos.*

Icaro: *Eu comecei a enxergar a partir dos cinco anos, dos cinco anos.*

Emanuele: *Eu acho que varia.*

Henrique: *Acho que sim. Eu acho que as pessoas entram a partir dos ...12, 10 ao 12 aos 14 anos*

Semelhantemente os adolescentes da escola privada, concordam entre si ao afirmar que, não há uma determinada faixa etária para que se estabeleça a adolescência. Quando questionados em que momento se perceberam adolescentes, a maioria das repostas apontam entre 10 a 14 anos. Para eles, esta variância ocorre devido à singularidade de cada pessoa como, por exemplo, o contexto familiar, a condição socioeconômica e o modo como a criança é tratada pelos adultos durante o processo de tornar-se adolescente. Esclarecem ainda que na

adolescência passam a construir um novo modo de ser, distanciando aos poucos daquele experienciado na infância. De acordo com CHECCHIA (2010, p. 122)

“Deve se então atentar para as singularidades implicadas nas distintas adolescências, ou seja, nas diferentes formas de vivenciar a condição de adolescente, com condutas e significações que apresentam variações de acordo com a classe social, a raça, o gênero e contexto sócio-histórico em que os jovens estão inseridos.

Para a autora citada acima o conceito de adolescência no campo da Psicologia geralmente é fundamentado por produções teóricas focadas em uma maturação biológica que em grande parte desconsidera o contexto social e histórico das quais o pertence. De acordo com a autora acima a adolescência é primeiramente socialmente constituída e culturalmente determinada e consecutivamente o desenvolvimento da maturação biológica. (CHECCHIA, 2010)

No que se refere a condição de um término da adolescência, os adolescentes afirmaram que à medida que o adolescente adquire “maturidade” em algum momento ela se enerraria e daria início há um novo momento a ser vivenciado pelo adolescente. A idade parece não ser um determinante, conforme explicam alunos da escola pública.

Henrique: *Eu acho que tem idade pra entrar, mas pra sair já não sei.*

Emanuele: *Cada um varia. Varia de cada pessoa, então tem tipo, ah, eu entrei na adolescência em tal ano e ela também, ele também, ele também, ele também e ele também [aponta para os amigos]. Nós vamos sair na mesma idade? Não!*

Icaro: *Entra na adolescência, a pessoa ela cria maturidade na adolescência, mas ainda assim tá com aquela criança de quando era menor.*

Icaro: *Tipo, quando passa da fase, quando é criança, aí passa pra adolescência o adolescente continua com aquela criança e pah! Tem alguns adolescentes, aí quando passa a idade, vai passando os anos, quando passa pro adulto, aí continua com aquilo de adolescente achando que tá na adolescência que nem meu pai, tem 34 anos e acha que ainda é adolescente, quer sair pra festa.*

Emanuele *Cada pessoa tem uma de idade mental*

Icaro: *A pessoa se ela quiser ela vai até aonde ela quiser como adolescente.*

Marisa: *É porque a ficha cai assim entendeu? Por que na sala mesmo, a gente percebe quem é mais criança, quem é mais tipo, a maturidade já tá bem alta entendeu?*

Outro aspecto percebido entre os adolescentes de ambos os grupos foram as transformações biológicas. Em específico as meninas nos dois grupos destacaram: a

menstruação, o aparecimento de espinhas e um melhor condicionamento do corpo. Já os meninos também, nos dois grupos, destacaram somente o crescimento da estrutura do corpo.

Lauany: Foi quando eu comecei a entrar na puberdade, né? Começou a mudança de corpo e também o tratamento começou a ser diferente, as responsabilidades aumentaram. Mas tipo para mim, eu ainda quero ser criança não quero ter responsabilidade. Mas automaticamente eu sou obrigada a ter e eu tenho que aceitar que sou adolescente.

Anthony: Tipo físico é, o corpo muda, criam pêlos é, nas partes (...) Não sei como que fala ou também na psicológica que é tudo muda, vem mais coisa para você. Você tem que lidar com coisas diferentes de quando você era criança. E tudo mais...

No que se refere às mudanças biológicas ⁵, um aluno da escola pública explica que a adolescência não deveria ser compreendida primeiramente pelos aspectos físicos pois, a adolescência é uma determinação primeiramente psicológica, seguida dos aspectos biológicos.

Outro aluno discorda, ao afirmar que a adolescência são mudanças que ocorrem simultaneamente, ou seja, ao mesmo tempo. A noção de que a adolescência é um fenômeno primeiramente psicológica está associada há uma suposta idade mental.

Icaro: É no corpo a gente vai mudar, na cabeça, a mentalidade, o jeito que a gente fala.

Henrique: Tipo a Marisa, ela tá num corpo de adolescente e cabeça de uma criança.

Icaro: Não, não é isso!

Henrique: A gente pode usar o mesmo método, um adulto com mente de adolescente.

Pesquisadora: Mas você acha que você tem cabeça de criança e corpo de adolescente?

Marisa: Sim. [Risos] Olha eu assim, lá em casa às vezes me criticam, em aniversário de criança, tipo eu pego os doce tudinho, eu vou no pula-pula, eu acho que eu tenho essa mentalidade de criança, eu gosto de música de criança, mas eu tô mudando, eu tô mudando entendeu? Porque eu vou fazer 15 esse ano então a minha cabeça vai mudando entendeu? Eu já comecei a perceber que criança não é pra mim.

Os adolescentes da escola pública abordam diferenças de tratamento nas relações sociais e familiares, entre ser adolescente do sexo masculino e feminino. Apontam que percebem diferenças no modo de tratar os adolescentes conforme a orientação sexual. Percebem estas diferenças principalmente nas músicas mais populares como o “funk pesadão” que de acordo

⁵ Notou-se que as mudanças biológicas foram explanadas nos dois grupos, nos conduzindo a compreender que a adolescência não se trata somente uma delimitação biológicas ou visíveis. Percebe-se uma preocupação em destacar que as mudanças biológicas ocorrem, porém, as mudanças psicológicas também ocorrem. Estas mudanças já são conhecidas pelos adolescentes, por isso enfatizariam os aspectos psicológicos como forma de incluí-las, pois, é uma parte constitutiva pouco valorizada pelos adultos.

com o grupo, geralmente desvalorizam a condição das adolescentes. De modo geral, repudiam este modo de se referir às meninas, e nomeiam como sendo músicas machistas.

No que se refere ao machismo, os adolescentes de modo geral afirmam que é uma visão “errada” que os homens têm das mulheres, pois a identificam como sendo o “sexo frágil”, tratam-na como “objetos”, as desvalorizam nas relações afetivas quando lhes privam a liberdade de ser o que desejam e de se relacionar com outras pessoas. Um dos adolescentes apresenta os ciúmes, como forma de cuidado na relação com as meninas. Outros discordam ao afirmar que a menina tem total liberdade e não caberia este tipo de tratamento.

Icaro: Ela pode até ser, mas eu tive, ainda tenho um pouco dessa mentalidade ah vou ficar com a menina, vou ficar com outra menina, mas nesse período que eu to ficando com a menina eu também penso em cuidar sabe, eu fico com ciúmes.

Henrique: É, quem tem ciúmes ama né?

Icaro: Ta perto de outros homens, outro guri, o que que ela ta fazendo perto de outro guri.

Henrique: Não, mas tipo assim, nessa questão do ciúmes eu acho que a pessoa tem que saber controlar porque tipo às vezes você ta conversando com um amigo, aí o cara já chega lá tocando (Inaudível – 38’58’’) aí vai você perder a amizade que você conhece há anos e só por causa de um namorado, de uma namorada.

No que se refere à liberdade, as meninas explicam que os meninos podem festejar mais do que as meninas, sair em horários avançados da noite, enquanto a menina tem essa condição restrita. A aluna complementa ao afirmar que no caso dela, para sair em festas e shoppings, só é permitida se estiver acompanhada, isso implicaria em uma preocupação excessiva já que com os meninos o tratamento é diferente e os contextos os mesmos.

Em relação a mesma temática os alunos da escola privada afirmam que também notam diferenças. Para Melanie, as adolescentes são mais privadas de liberdade se comparado aos meninos. De acordo com Antony, o afeto entre os pais se difere entre meninas e meninos. No caso das meninas, quando elas fazem algo errado a punição é menor por causa do afeto. Para eles, a relação de meninos há menos expressão de sentimentos afetuosos que os tornam mais distantes. Para além disso, uma aluna explica que percebe diferenças ao dizer que:

Melanie: Acho que sim, porque os meninos são mais largados, vamos se dizer assim, e as meninas eles se preocupam mais com o que os outros pensam, como que ela vai se vestir, assim. Quando eu vou pra casa de alguma menina que ela conhece... quando tem um aniversário, e geralmente quando eu saio é sempre com ela, porque daí sim, ela vai tá na presença.

As desigualdades no tratamento relacionadas ao gênero no contexto do trabalho foram abordadas. Alguns alunos da escola pública enfatizaram a importância de superá-las, pois, tanto o homem quanto a mulher têm capacidades, potenciais e a própria liberdade. Criticaram o modo que tratam os homens se comparado com as mulheres em que a desvalorização e o menosprezo ocorrem cotidianamente, assim como, concepções equivocadas entre ambos sobre o ser homem e mulher culturalmente construído. Para eles, isto deve ser culturalmente transformado, pois, em nada contribui para estabelecer relações de respeito, igualdade e justiça.

Henrique: Tipo, eu acho que o erro dos meninos é achar que mulher é objeto e o erro das meninas é achar que todo homem igual.

Icaro: É do sexo frágil.

Henrique: Porque sempre tem aquela pessoa que fala: ah todo homem é igual, quando eu escuto isso eu fico com raiva porque não é todo homem que é igual.

No que concernem às implicações culturais sobre a identificação do gênero masculino ou feminino, os adolescentes explicam que, as sociedades determinam o que os meninos e meninas devam usar para identificá-los. Estes adolescentes discordam com este modo de padronização, pois, reconhecem as singularidades no modo de ser adolescente. Compreendem que esta demarcação se torna produtora de preconceito com quem não se encaixa nos padrões estabelecidos pela sociedade.

Henrique: Tem a diferença no cabelo, tem a diferença no corpo, tem a diferença na voz, tem a diferença no estilo.

Marisa: Porque assim, a sociedade pensa assim, porque ela é menina ela tem que usar saia, ela tem que usar sapatilha, ela tem que usar cabelo solto e maquiagem e se eu vou lá e falo não quero tudo isso, eu não gosto de saia, eu não gosto de sapatilha, isso pra sociedade é falar não, você é errada. Então essas diferenças, né? Eles pensam que a menina tem que seguir um estilo e o menino tem que seguir outro, aí vai ele e fura uma orelha, essa coisa que a sociedade pensa que é uma coisa de menina, vai julgar ele.

Henrique: Por que eu? Que que tem eu?

Marisa: Por causa do brinco.

Henrique: Oxe!.

Marisa: Porque a sociedade pensa que quem tem que usar brinco é menina, quem tem que usar vestidinho é menina.

Henrique: Nada a ver, mas tipo esse negócio de brinco eu acho que não tem gênero porque, tipo, é se você parar pra pensar igual antigamente mulher não podia usar calça hoje ela veste e era negócio de homem. Brinco também. Pra mim não é coisa só de mulher.

Uma aluna aborda a condição cultural das adolescentes na sociedade e aponta críticas no modo como são tratadas. Especificamente, sua condição é de submissão em que deve se submeter a um prévio planejamento familiar, sem que seja consultada.

Marisa: É que pra adolescente menina tem um pouquinho mais de responsabilidade porque a própria família quer que você segue. Então vamos supor a minha família eles falam: Você vai crescer, você vai ter um marido, você vai cozinhar pro seu marido, você vai ter filho, eu quero ser avó! Eu não quero isso. Agora eles pensam que eu tenho que ser isso. Agora menino não, menino é de boa, menino pode namorar qualquer menina, agora menina não.

O tornar-se adolescente implica muitas transformações como é notado pelos participantes desta pesquisa. Ao enfatizem a mudanças psicológica (novo modo de pensar), biológicas (mudanças no corpo) e sociais, estão tecendo reflexões sobre sua condição social e, conseqüentemente, cultural. Os adolescentes nos dois grupos destacam as mudanças no campo do pensamento já que, a puberdade é bem difundida na literatura mas geralmente não apontam as mudanças ocorridas no campo do pensamento.

Destaco aqui o conceito de comunicação íntima pessoal para assinalar esta capacidade que o adolescente desenvolve na adolescência. De acordo com Anjos e Duarte (2016) se “[...] trata de uma maneira de reproduzir, com os outros adolescentes, as relações existentes entre os adultos”. Em outras palavras, a comunicação íntima é a formação da autoconsciência e da consciência social. O adolescente passa então a compreender a sua condição nos sistemas de relações estabelecidas com o outro social e consigo mesmo. Por meio da imitação, o adolescente passa a tomar como referência os modos de vida do adulto em todas as dimensões. Com isto, o adolescente desenvolve o sentimento de maturidade e isto permite o autoconhecimento.

Neste caso, os aspectos culturais presentes nas relações corroboram para formação da identidade do adolescente. Os discursos, o modo de ser, pensar e agir passam então a ser apropriados pelos adolescentes. De acordo com Anjos e Duarte (2016), Vygotsky explica que essas relações são fundamentais para o desenvolvimento humano. A relação interpessoal, como nomeia o autor, se trata de uma relação entre um ser humano desenvolvido e um ser em processo de desenvolvimento. Esta é uma das premissas principais da psicologia histórico-cultural, visto que, sem a relação e a apropriação dos conhecimentos já adquiridos o ser humano não se desenvolveria.

Os adolescentes, de ambos os grupos, explicitam que a demarcação da adolescência também se dá nas relações estabelecidas, de modo que percebem que começaram a ser tratados

de forma distinta. Ao especificá-las, afirmam que os adultos começaram a oscilar entre um tratamento infantilizado e um tratamento adultizado. Diante disto, a maior parte destes adolescentes não concordam com o modo que vem sendo tratados pelos adultos. Para estes, as cobranças, as imposições de regras, a falta de diálogo, restrições de liberdade e o fato de não serem ouvidos despertam sentimentos negativos que implicam no modo de se relacionarem.

Lauany: É, eu acho que eu sei que eles querem nosso bem, que eles querem nos proteger do mundo, mas também que tem que rolar, como dizer assim, uma confiança entre o familiar e o adolescente por causa se um familiar não tem confiança no adolescente ele vai começar a ficar revoltado por causa que o pai e a mãe o impediu.

Beatriz: Eu acho que tudo o que eles fazem é para o nosso bem, para entender a gente, mas eu não concordo! Porque muitas vezes ficam muito em cima e eu preciso de privacidade, na verdade, todo mundo precisa e às vezes parece que eu tô numa gaiola não no outro sentido.

No grupo da escola privada, há adolescentes que compreendem a atitude dos adultos como sendo uma forma de expressar o cuidado ou proteção, visto que, os adultos são considerados mais experientes e desejam poupá-los de adversidades ruins.

Melanie: Sim, porque tipo, eles querem proteger a gente muitas vezes de alguma coisa. – Ah, você não vai poder sair por conta disso e daquilo... A gente fica com rancor, tipo, alguma mágoa, assim... mas ele sabe o melhor para a gente.

A maioria dos adolescentes da escola pública concorda que, as regras aumentam se comparados às regras na infância. Alguns adolescentes compreendem tais regras como forma de expressar o amor para com eles, já outros discordam e afirmam que é falta de confiança.

Emanuele: Eu acho que é medo, preocupação e também um pouco de confiança

Icaro: É amor!

Em concordância, os adolescentes da escola pública salientam que esta fase se estabeleceria no momento que os adultos e familiares passam a tratá-los de modo diferente ao atribuir responsabilidades, aumentar as exigências, determinar e controlar como devem ser e agir.

Icaro: Não, quando a gente é criança a gente entende de um jeito, tipo, um exemplo, que toda criança já passou, um parente seu morre, a pessoa não vai falar: O cara morreu, geralmente fala pra criança: ah, tá dormindo, foi viajar. Nós não, se a pessoa morreu a gente já sabe que a pessoa já morreu e não vai voltar ou que vai dormir e acordar.

Emanuele: Ou também, conta tipo histórias.

Icaro: Quando a gente é criança, a gente é inocente, quando a gente passa pra uma certa idade a gente descobre por si próprio, e observa aquilo e já entende, pah! Não é do jeito que papai falou é um pouquinho mais diferente.

Para esses adolescentes as mudanças ocorrem quando o adulto percebe que as crianças já começam a ter capacidade⁶ de compreender conceitos mais complexos. Quando questionados sobre esta capacidade, os adolescentes concordam entre si que se trata de uma inteligência das quais as crianças não têm por motivos da “inocência” ou “ingenuidade”.

Tanto os adolescentes como os adultos notam esse salto qualitativo, das quais aqui, compreendem por ser uma inteligência diferente de quando eram crianças. Esta nova capacidade de pensar, questionar, refletir e aplicar o conhecimento nas práticas do seu cotidiano é denominada de salto qualitativo. Nesse período o adolescente desenvolve uma capacidade de se apropriar de conhecimentos mais complexos através dos conceitos, ou de uma capacidade de compreender elementos abstratos. Isso lhes permite compreender os sistemas de conhecimento acumulados no decorrer da história humana e a sua condição neles. O adolescente passa a ter consciência de si nesta inserção social e por isso se movimenta neste sistema de relações. (ANJOS, 2017)

Outro adolescente da rede pública afirma que a relação conflituosa com o adolescente só se torna frequente quando há o desrespeito de ambas as partes. Explica que o respeito torna a relação tranquila, ou seja, sem muitas dificuldades. O respeito para um aluno é primordial para estabelecer relações saudáveis na família.

Icaro: É, quando eu era menor, tipo ele só pensava em mandar, mandar, mandar. Agora me respeita. Sabe das coisas que eu não gosto e ele entende que eu não gosto e passa pro meu irmão que gosta. Ele sabe dividir esses espaços.

Os adolescentes da rede pública relatam que o diálogo é um fator importante para um bom relacionamento com o adolescente. O afeto, a afinidade, a confiança, a paciência, a atenção, a disponibilidade, a empatia e a compreensão são atitudes e sentimentos primordiais para quem deseja estabelecer comunicação com o adolescente. A maior parte, destaca que, os adultos têm muitas ocupações, trabalho, problemas, o constante uso da internet ou celular diminuem o diálogo com o adolescente. A maior parte do grupo, destaca que, os adultos têm

⁶O termo “certa idade” não se refere à uma idade específica, mas às próprias mudanças trazidas pela adolescência. Portanto, depreende-se que a adolescência não depende de um tempo exato, está para cada sujeito. Como já citado anteriormente sobre a idade como demarcador da adolescência. Citam a idade como forma de referir-se às mudanças ocorridas no decorrer do tempo.

muitas ocupações, trabalhos, problemas, e permanecem muito mais tempo no uso da internet ou celular e o diálogo com o adolescente ocorre poucas vezes.

Diante disso, os sentimentos de solidão, medo, a ausência dos pais, a falta de demonstração de afeto e interação fazem com que se sintam depressivos⁷. A depressão para alguns dos adolescentes da rede pública é um processo de adoecimento causado pelo modo com que os adultos se relacionam com os adolescentes.

Icaro: Não, não. É só tipo, a depressão que é um problema em si da adolescência, a depressão, parece que quando o adolescente ele abre a mente, expande, vamos dizer assim, a depressão ela abraça, o adolescente parece que ele sente que ele tá sozinho, sabe.

Marisa: Fica mais fácil de pegar depressão

Pesquisadora: Por quê?

Henrique: Por causa das mudanças, tem muito jovens, muitos adolescentes que não sabem em quem confiar

Marisa: Isso, começa com isso, age aquele medo, insegurança [...]Tipo eu tenho muito medo de falar tudo que eu quero.

De acordo com Leal e Facci (2016), a adolescência é comumente referenciada como um período da “aborrecência”, isto ocorre devido à difusão de conhecimentos que tratam a adolescência apenas pelo que demonstram aparentemente, ou seja, pelo comportamento e pelas mudanças biológicas.

Outro aspectos abordados pelos adolescentes se referem à violência física ou psicológica. Uma comunicação violenta ou situações em que ocorra agressões físicas, seria algo que mais dificultaria a relação entre um adulto e o adolescente. A violência para eles não promove aprendizagens, antes disparam conflitos e sentimentos que dificultam a relação.

Melanie: “Não, porque não é na base do soco que você vai aprender.”

Graziely: “Alguns precisam [Risos], é verdade, né? Mas mesmo pra esses que precisam ele apanhar, ele só vai ser revoltadinho e não vai adiantar de mais nada, então...”

Maiara: “Às vezes isso só guarda mágoa, isso machuca às vezes, não só por fora como por dentro.”

Os adolescentes também explicitam que há diferenças entre ser adulto e adolescente e por este motivo não deveriam ser tratados como adultos. Na tabela abaixo segue uma listagem de itens elencados pelos alunos de ambas as escolas em que diferenciam os adolescentes dos adultos.

⁷ Termo utilizado pelos participantes.

Tabela 8. Diferenças entre ser adultos e ser adolescentes

Ser adulto	Ser adolescente
Relacionamento conjugal	Estudos
Relacionamento com os filhos	Namoro
Cuidados domésticos	Cuidados domésticos
Trabalho	Festas
Problemas	Amizades
Sustento familiar	Trabalho
Estabilidade financeira (pagar contas)	

Fonte: Adaptado pela autora

De modo geral, os adolescentes apontam que os adultos os tratam ora como crianças, ora como adultos. Para eles, isso provoca uma série de sentimentos negativos. Os adolescentes não se consideram crianças e não desejam ser tratados com tal. Esses adolescentes desejam participar de espaços, ter os mesmos direitos que os adultos desfrutam, tais como se divertirem em festas, sair para outros lugares e fazer escolhas por si mesmos. Isso tem sido um dos grandes dilemas enfrentados por estes adolescentes já que quando desejam expressar suas novas necessidades não são ouvidos e são tratados como crianças.

Rafael: É fora tipo tem a bipolaridade que é em relação a nossa idade tipo, aí ela manda você limpar a casa, aí você fala que não quer porque tipo, você é criança para isso! E ela: não você é adulto! Aí você quer sair: Ah, você é criança, você não sai sozinho! Isso me dá muita raiva, tipo, não tem como... Ah é chato!

Juliana: Na minha opinião seria melhor apanhar do que ficar um mês reclamando no ouvido das pessoas.

Nestas circunstâncias, os conflitos ocorrem devido ao modo como estabelecem as relações. Os conflitos ocorrem na contradição por serem tratados ora como crianças ora como adultos. Os adolescentes percebem que não há uma delimitação clara do que podem ou não fazer nesse período. Sendo assim, os questionamentos e a resistência tendem a demarcar a relação neste período, porém são interpretados pelos adultos como afrontas e insultos.

Melissa: Não, porque, tipo assim, são eles quem tiram a gente do sério, então a culpa é deles. Porque a gente faz uma coisa meio que certa, aí eles vêm reclamam porque não foi do jeito deles. Aí vem colocar a culpa na gente, só que você que pediu, essa tal coisa tipo, quando eu vou lavar prato, só que eu não lavo.

Grazielly: Existe mais conflito porque agora a gente não tem mais a cabecinha de criança, a gente sabe muitas coisas do mundo e quando eles falam alguma coisa e a gente não concorda, a gente quer rebater, pelo menos eu com educação, mas aí eles não aceitam porque tanto que

ela fala que está certa, a gente tem que seguir e a gente não fica mais quietinha. Assim, existe mais conflito entre os pais e os adolescentes por mais que eles não queiram que existam.

Se por um lado temos adolescentes e jovens descontentes com a forma como vêm sendo tratados, pais, professores e familiares percebem as mudanças no modo de pensar, agir, vestir. Com isso, concepções pejorativas que há em relação ao adolescente passam a ser manifestadas por esses adultos e externalizadas no modo de se relacionarem com os adolescentes.

Melissa: Tipo, quando eu era pequena eu era mais ou menos arrumadinha, né? Não que hoje eu não seja [Risos]. Mas tipo eu usava mais saia, eu gostava de usar blusinha rosinha. Aí hoje minha mãe fala: O que aconteceu com você garota? Toda maloqueira parece da favela! Aí tipo: eu mudei mãe, todo mundo muda. [a mãe diz] E daí você não tem que mudar você é minha princesa! Vêi...

Melanie: Tipo, até no meio da escola, os professores falam: Ah, você não era assim, você só tirava nota boa, sei lá o que, tipo a gente muda!

Beatriz: Eu acho que tanto da parte família, quanto da parte escolar, eu acho errado eles falarem que: aí nossa como você mudou! Você era diferente. Eu acho que isso é errado, porque todo mundo tem sua fase e todo mundo vai mudar. Amanhã todo mundo pode estar diferente do que é hoje, tipo, todo mundo tem seu momento e sua fase, a gente está em constante mudança e a gente vai mudar, nossas notas, nosso estilo, nosso jeito de falar, nosso jeito de pensar e tem seus momentos de altos e baixos e também eles têm que entender e respeitar isso.

Quando questionados sobre o sentimento de acolhimento, apenas uma adolescente declara sentir-se acolhida pela família. Para ela em específico, a timidez a impede de construir vínculos afetivos e dos poucos amigos que tem ainda interage de modo superficial. A família, segundo ela, é o lugar em que sente confiança nos momentos de dificuldades. Enquanto outros adolescentes enfatizam a falta de diálogo, amizade, e até mesmo o sentimento de pertencimento.

Anabele: “Familiares”.

Henrique: Com os amigos.

Icaro: Com os amigos.

Anabele: Familiares porque eu tenho mais intimidade com eles do que com meus amigos.

Henrique: Eu tenho mais intimidade com meus amigos porque, cara você chega nos amigos, você fala o que você quiser, você fala um monte de bosta...

Marisa: Minha família não é de conversar comigo não. Eu fico lá quieta no meu canto e eles conversando como se eu não existisse na família. É tipo isso, eu sou assim, porque eles trabalham até tarde, né? E tipo, ele sai de madrugada e chega só 4 horas. Dessa madrugada até lá eu fico sozinha em casa, então eu chego da escola, eles tão lá, então se eles tão

precisando de alguma coisa, então sento, janto, assisto TV, dou benção pra dormir. É assim que é a minha vida. Eu não tenho esse diálogo.

Alguns adolescentes nos dois grupos revelaram que sentem dificuldades em lidar com as novas situações que surgem na adolescência. Concordam que passam a ter menos liberdade de expressão e autonomia no modo de ser. Ao reivindicarem a autonomia de experienciar a adolescência ao seu modo, considerando os aspectos culturais da sociedade atual, os conflitos começam a ocorrer por não haver uma compreensão das apropriações culturais ocorridas neste período. Uma aluna revela que a “revolta” dos alunos não estaria concentrada apenas nos pais.

Emanuele: Eles querem que você seja o que eles querem ser.

Henrique: Eles querem que a gente seja uma marionete deles. Eles querem que a gente faça aquilo que eles querem.

Emanuele: E não ver o nosso ponto de vista.

Henrique: O pior da minha família é que tipo, a gente tem que ser tipo muito macho! Eu tenho meu jeito! E o povo acha que você tem que ser mais macho que isso. Eu fico com uma raiva, uma raiva! Eu sei que o meu jeito é estranho, mas tipo, é o meu jeito e eu não vou mudar! E aí, o povo fica enchendo o saco, aí eu já fico bravo, aí eu já começo a falar as coisas por quê tipo, eu sou uma pessoa explosiva, tipo, eu falo mesmo!

Grazielly: Eu acho que, muitas vezes, a culpa não é só dos adultos porque quando somos pequenas os adultos tentam dar educação e respeito, ensinar que eles têm que respeitar. Mas quando eles chegam na adolescência eles vão mudar, isso vai mudar, a mente dele que não precisa ser nada disso(...) Então não adianta só culpar os adultos, às vezes os adultos não estão nem aí. Mas muitas vezes eles ensinaram. Mas eles ensinaram e os filhos que não aprenderam.

Beatriz: Mas independente se foi bem ou não ensinado, acho que esses pais têm que estar com esse adolescente. Ele pode ser o pior adolescente do mundo. Mas os pais sempre têm que estar ali com ele, independente se o pai dele criou ele bem. Vai deixar para lá o adolescente? Não! Tem que continuar em cima dele em toda adolescência. Se o pai for muito coruja fica até a fase adulta.

Depreende-se com isto que, as mudanças que ocorrem neste momento da vida comparecem as dificuldades subjetivas que o adolescente tem diante da condição ocupada nestas relações. Alguns adolescentes na escola pública, explicam que as perspectivas que se tem do adolescente os afetam emocionalmente.

Icaro: Mano, eu não, eu não entendo lá em casa. Eu faço minhas coisas, mas nunca está bom nunca tá bom, nunca tá bom.

Marisa: Dá vontade de sair correndo de casa.

Emanuele: *Um dia eu falei para eles[aponta para os colegas no grupos] no WhatsApp que tinha acontecido tipo umas coisas e eu comecei a pensar: - Mano que vontade de sair correndo e abandonar tudo!*

Henrique: *E ela falou que queria deitar no meio do asfalto!*

Os adolescentes da escola privada relataram como se sentem na relação com os adultos. Estes concordam entre si que, na relação com os adultos, se sentem tristes, desprezados, excluídos, desvalorizados, pressionados, frustrados, tristes, com raiva, incompreendidos, insuficientes, decepcionados, pressionados, angustiados, desrespeitados e revoltados pelo fato de serem tratados, na maioria das vezes, com desconfiança. Além disso, sentem tensão, impaciência, incompreensão, medidas punitivas como, violência física, verbal, rigidez, restrição de liberdade para sair em festas, no uso de celular e para interagir com os amigos são medidas utilizadas. Enquanto outros, destacaram a amizade, proteção, o cuidado e recompensas financeiras como forma de solucionar o conflito.

Rafael: *Tipo... a privacidade, de entrarem no seu quarto e não bater na porta. Sabe, às vezes, os pais entram tipo sem bater na porta e isso é ridículo. Entram e não para outras coisas, assim, mas também por outros motivos mesmo, a gente tá trocando de roupas, pessoais e também ficam fazendo perguntas constrangedoras. Isso é muito ruim! Às vezes vem falar... falar de sexualidade é... outras coisas sexuais que você no mundo do seu pai com a sua mãe, você é inocente, sabe, tipo... ela ...você é inocente ali e entre aspas, aí quando ela vem falar com você tipo, parece que a sua máscara cai e aí você quer enfiar a cara no chão e é muito estranho isso, é muito constrangedor.*

Melanie: *È tipo assim, por exemplo comigo, aí quando eu estou mexendo no meu celular, meus pais querem a todo tempo ver. Eu acho assim que eles têm que ter um pouco de confiança e porque assim se eu tiver, se acontecer alguma coisa comigo, eu vou contar para eles. Eu tenho confiança neles e eles tem que ter em mim.*

Icaro: *Minha avó disse que com quinze anos de idade meu pai ficava na rua. Ficava andando pra cima e pra baixo com meninas. Aí eu vejo que meu pai, cara! Minha avó falou aquilo pra mim! Daí não entendi por que meu pai não gosta de deixar eu sair muito. Ele deixa eu sair, mas não deixa eu sair muito não! Ele fica meio desconfiado, se tô fazendo alguma coisa errada.*

Na oportunidade de comunicar aos adultos sobre este modo de se relacionar como adolescentes, os alunos da rede pública sugerem e reivindicam a inclusão nas relações sociais, que o modo como são tratados seja pautado pelo respeito e liberdade. Estes adolescentes desejam ser acompanhados neste processo de tornar-se adulto desde que sejam considerados o processo e a singularidade de cada um.

Henrique: *Que a gente não é chato! Que a gente não é aborrecente.*

Icaro: *Não é igual eles pensam, eles pensam que a gente é igual uma criança, que a gente também tá passando por uma fase, que é isso, que é aquilo, a gente não é, como se fala, não tratar a gente como criança, não excluir a gente, a gente é muito excluída.*

Henrique: *Não tratar a gente como criança porque é a pior coisa que um adulto pode fazer com um adolescente!*

Henrique: *Ah é adolescente, não pode escutar isso!*

Icaro: *Os jovens maiores de 17 e 18 anos, são maiores que a gente, são melhores que a gente? Por quê? Porque eles são melhores que a gente, se a gente tá passando por aquilo que eles já passaram.*

Emanuele: *Entender o nosso lado, né? Porque muitas pessoas aí não entendem o que o adolescente quis falar ou passar. Ai ele tá fazendo uma coisa feia.*

Marisa: *Eu acho que tudo começa pelo respeito. Não julgar os adolescentes*

Icaro: *Pela idade, aborrecencia e pelo que o jovem que ser também. Pelo que a gente fala, pelo que a gente é.*

Henrique: *Aceitar! Deixar a gente se conhecer melhor sem julgamento.*

Icaro: *Ou até mesmo no machismo, egoísmo, homofobia, essas coisas*

Henrique: *Racismo[se referindo a sociedade]*

Anabele: *Preconceito também*

Icaro: *Isso, eles tratam o adolescente como se fosse todas essas outras questões que a gente já falou sobre racismo, homofobia, essas coisas.*

Quando questionados se a adolescência se encerraria, os adolescentes da escola privada anunciam que é um momento vivenciado entre 16 e 30 anos e não especificamente se encerra. Este seria um momento em que o jovem teria a capacidade de abarcar maiores responsabilidades e apontam que à medida que o adolescente adquire mais responsabilidades da vida adulta, então inicia um novo período do desenvolvimento. Portanto, nota-se que em ambos os grupos não há uma delimitação exata para o encerramento da adolescência.

Lauany: *Eu acho que uns 20*

Anthony: *16.*

Melissa: *24.*

Beatriz: *Eu acho que não, ainda demora um tempo ir adquirindo as responsabilidades porque você pode ter 30 anos, mas você ainda pode agir como um adolescente irresponsável e infantil*

De acordo com Anjos e Duarte (2016), a adolescência é demarcada pelo surgimento de novos interesses. Os autores explicam que Vygotsky explicita que o que demarca a transição da infância para adolescência é o surgimento de novos interesses, ou seja, o que antes a criança se interessava, ela passa a abandoná-los. Com isso, o adolescente inaugura um período de transição e isto significa que o adolescente passa então a experimentar novos modos de pensar, agir e se relacionar. Depreende-se com isto que o encerramento da adolescência não depende de uma idade específica, mas de uma condição de ser adolescente ou não e o encerramento consiste no que é experienciado pelo adolescente juntamente com as condições culturais demarcadas.

Com isso, o adolescente inaugura um período de transição e isto significa que o adolescente passa então a experimentar novos modos de pensar, agir e se relacionar. Depreende-se com isto que o encerramento da adolescência não depende de uma idade específica, mas de uma condição de ser adolescente ou não, e o encerramento consiste no que é experienciado pelo adolescente juntamente com as condições culturais demarcadas.

Tanto os adolescentes da escola pública como os da escola privada afirmam que novos interesses surgem neste período. As curiosidades os aproximam do modo de vida dos adultos, e abandonam gradativamente as atividades que eram prazerosas na infância. Nos discursos, os alunos destacam a busca pela liberdade de sair, o interesse em novas modalidades de esporte, em novas amizades, nos relacionamentos afetivos entre os pares nos estudos assim como no consumo de bebida alcoólica. Igualmente, almejam se vestir de modo diferente e com isto, passam a ter consciência de si.

Icaro: Tipo quando a gente é pequena a gente pensa em brincar. Na adolescência a gente pensa em outras coisas tipo sair pra festa.

Rafael: É bom que eu gosto é que tipo a gente não vai ter tanta liberdade, mais um pouquinho só de liberdade para fazer as coisas que a gente quer. Aí eu gosto disso na adolescência. Gosto também do preparo físico. A gente pode fazer o esporte que a gente gosta como, futebol, natação e então essas coisas aí. O que eu não gosto é que aumenta a nossa responsabilidade e consequentemente as nossas escolhas, meio que dá um curto na cabeça mesmo, porque você fica meio indeciso.

Juliana: O que eu gosto é de ter um porte físico bom porque eu jogo futsal. Aí né, aí o que eu não gosto é o trabalho.

Lauany: Olha o que eu gosto da adolescência é de ser jovem, vamos dizer assim, porque tem várias coisas que um adulto mesmo não pode fazer e a criança também não pode e o

adolescente fica dividido entre esses dois. Mas a gente pode fazer pode aproveitar e curtir os amigos, os rolinhos namorados e tal. Também dá para gente praticar bastante esportes e aproveitar bastante, por que quando a gente for para faculdade a gente não vai poder fazer essas coisas e também o que eu não gosto é de ter responsabilidade e da pressão familiar e escolar.

Melissa: Eu gosto da parte que é uma parte da brincadeira na escola, que tem a parte da diversão, e a parte do estudo, e a parte que eu não gosto é da adolescência que é as mudanças que acontecem no corpo. Mas também é bom, porque a gente tem um perfil mais amadurecido é que no meu caso eu tô ganhando tudo mais fácil sabe.

Outro meio de apropriar-se de elementos de seus interesses é compartilhado nas novas relações estabelecidas com outros adolescentes. Para eles, as relações estabelecidas com seus pares são compreensivas pois, estes vivem situações e sentimentos similares, e isto, contribui para melhor serem compreendidos e aceitos no seu modo de ser, pensar e agir.

Marisa: Eu acho que para mim assim é amizade. Amizade, é isso! Por que assim, quando você tá no momento eu sei que a família ela a família é a melhor é melhor, ideal para você falar as coisas se abrir, certas coisas só que às vezes nem a família te entendi, então você procura amizade porque como o amigo tem a mesma idade, ele sabe o que você tá passando, ele pode ajudar ali, entendeu? Eu penso dessa forma.

Icaro: Tipo, quando a gente é pequena a gente pensa em brincar. Na adolescência a gente pensa em outras coisas, tipo sair pra festa.

Rafael: É bom que eu gosto é que tipo a gente não vai ter tanta liberdade, mais um pouquinho só de liberdade para fazer as coisas que a gente quer. Aí eu gosto disso na adolescência. Gosto também do preparo físico. A gente pode fazer o esporte que a gente gosta como de futebol, natação e então essas coisas aí. O que eu não gosto é que aumenta a nossa responsabilidade e, conseqüentemente, as nossas escolhas, meio que dá um curto na cabeça mesmo, porque você fica meio indeciso

Juliana: O que eu gosto é de ter um porte físico bom porque eu jogo futsal, aí né? Aí o que eu não gosto é o trabalho.

Lauany: Olha o que eu gosto da adolescência é de ser jovem, vamos dizer assim, porque tem várias coisas que um adulto mesmo não pode fazer e a criança também não pode e o adolescente fica dividido entre esses dois. Mas a gente pode fazer, pode aproveitar e curtir os amigos, os rolinhos namorados e tal. Também dá para gente praticar bastante esportes e aproveitar bastante, porque quando a gente for para faculdade, a gente não vai poder fazer essas coisas e, também, o que eu não gosto é de ter responsabilidade e da pressão familiar e escolar.

Ao considerar a liberdade como uma possibilidade de alcançar a autonomia, alguns adolescentes se percebem aptos. Outros gostariam de continuar sendo crianças, pois esta autonomia requer aquisição de mais responsabilidades. Outros consideram que, com maior

liberdade e autonomia fariam coisas proibidas pelos adultos, já que desejam ter suas próprias experiências.

Henrique: *Ah tipo em festa. Eu já fui em muita festa com a minha irmã. Aí tem tipo, sempre que eu vou na festa com a minha irmã, como ela já está maior de idade, sempre tem um povinho, que tá fumando narguilé ou que tá bebendo. Aí sempre chega uma pessoa e pergunta se eu quero alguma coisa eu fico na minha, tipo, não!*

Icaro: *Eu agradeço muito ao meu pai e a Deus lá em cima, cara. Ele nunca me deixou e me tratou como uma pessoa, como um pai. Porque eu nunca fiquei com a minha mãe. Não vou falar que eu nunca fiquei com ela, ainda eu fico de vez em quando com ela. Ele sempre cuidou de mim, ele e minha avó. Então, assim cara, ele não deixa eu sair pra rua. Se eu tivesse a liberdade que os guris da rua têm, eu já estaria fumando, bebendo, porque todos os meus amigos, cara, todos usam droga. Não, todos!*

Os adolescentes também se queixam que nessa relação não há respeito e autonomia, isto significa que, não são ouvidos e desejam que suas opiniões sejam legitimadas. Pois, em situações nas quais se expressam, estas são anuladas ou consideradas erradas pelo fato de serem adolescentes. Nota-se que a condição de ser adolescente não os permitem participar de decisões sobre si mesmos e ou outros assuntos.

Marisa: *Porque assim, as pessoas não entendem a gente pensa, que a gente está sempre errada, que a gente vai dar opinião em algumas coisas e falam que você não sabe de nada.*

Henrique: *Bad, bad. Lá em casa é assim, Tipo se você fala demais manda ficar quieto. Se você fica quieto, manda você falar. Aí, você não faz nada, manda você fazer as coisas.”*

Marisa: *Porque nem assunto eu tenho com meus pais. Se eu falo alguma coisa para eles, estou errada, eu sempre fico no meu canto quieta, quietinha, e eles pensam que isso é errado e tal, e tem que conversar mais, interagir, só que as coisas que eu penso eles não pensam, para eles está errado.*

Grazielly: *Eu acho que eles têm que tentar ouvir a gente sem criticar um pouco. Assim, a crítica sempre vai ter, mas tentar um dia sei lá uma hora, tentar ouvir o que a gente tá pensando pra não ocorrer conflitos, essas coisas assim.*

Sendo assim, expressam e sugerem que seja a relação entre o adolescente e o adulto deveria ser uma relação respeitosa. Esta sugestão comparece como forma do adolescente se apropriar do modo de vida do adulto. A autonomia e o respeito permitiriam que fossem legitimados em todas as dimensões da vida, enquanto sujeito ativo no mundo, e como forma de serem compreendidos em suas ações. A empatia seria um recurso de escuta para com os adolescentes, do qual resultaria um acompanhamento no processo de desenvolvimento do adolescente sem julgamentos, estereótipos ou agressões. Por fim, o respeito comparece como forma efetiva de garantir a privacidade e aumentar o nível de confiança nas relações e a

reciprocidade de ações. As brigas e discussões dariam lugar para diálogos bem-sucedidos e acordos que contemplassem as reais necessidades dos adolescentes.

Lauany: *Porque eu acho que eles também não gostariam que a gente mexesse nas coisas deles, particulares também.*

Melissa: *Como lá em casa, minha mãe mexe no meu celular, então, de volta tem que mexer no dela, tem que ter confiança também.*

Juliana: *Acho que do mesmo jeito que eles tratam a gente a gente teria que tratar eles. Só que de uma certa forma eles deveriam confiar mais na gente.*

Henrique: *Eu acho que devia ser mil vezes melhor porque adulto parece que não entende a gente. Devia ser não tão igual e nem tão diferente. Devia tratar a gente do jeito que a gente merece. Porque a gente não é criança mais, porque eles tratam a gente como se a gente fosse criança.*

Henrique: *Eu acho que os adultos deviam tratar a gente como se fosse um amigo deles, como um adulto também, tratar a gente com respeito.*

Marisa: *Entender com respeito. Entender o que a gente fala e acolher o que a gente fala também.*

Henrique: *Eu acho que, também, adulto devia ser mais amigo de adolescente, também. Porque adolescente precisa de uma pessoa mais velha pra explicar o que ta acontecendo.*

Diante dessas queixas, os adolescentes relatam como lidam com situações de conflitos já instalados. Estes adolescentes expressam que choram, gritam, ficam nervosos, com raiva, revoltados, xingam, se mordem, se sentem tristes, aprisionados e sem paciência para abordar o conflito de outro modo. A fim de tentar resolver a situação eles se comportam de forma agressiva, não se comunicam com os pais, se comportam de forma indiferente em relação aos pais, discutem, brigam, desobedecem ou se isolam.

Lauany: *Eu fico nervosa*

Juliana: *Eu choro.*

Melanie: *Eu faço uma força!*

Rafael: *Bom, essa revolta é originada de um sentimento dos nossos pais, de insegurança de querer prender a gente, aí nós ... aposto aqui que todo mundo soca a parede, bate na cama, xinga...Aí às vezes para de falar com a mãe, para de falar com o pai ... faz drama, bastante coisa.*

Beatriz: *Eu fico sem falar com a minha mãe, daí ela vai me levar comida, aí eu volto a falar com ela.*

Melanie: *Tipo: esse sentimento gera uma coisa tão ruim, tipo daí eu fico com muita, muita, raiva e não consigo guardar para mim, aí eu desabo e choro, aí eu me mordo, às vezes eu soco a cama.*

Lauany: *Bom, primeiro eu me estresso totalmente e começo a gritar pela casa e depois eu volto a conversar com ela e depois a gente vai e começa a conversar de novo como amigas best friends forever e a gente começa a rir juntas e fica tipo assim*

Melissa: *Eu não faço uma coisa muito exagerada, eu só grito um pouco com ela, é porque tipo eu não tenho paciência, aí vou no meu pai, aí ele me dá R\$ 200,00 reais e me leva no shopping.*

Os adolescentes da escola privada concordam entre si que atitudes como estas são recíprocas por parte de seus pais. Afirmam que os pais também gritam, xingam, brigam, os agredem, não os ouvem, tomam o celular como forma de puni-los ou oferecem dinheiro para resolver os conflitos. Para os adolescentes da escola privada, isto demonstra a dificuldades que os adultos possuem em propor um diálogo a fim de amenizar os conflitos e resolvem através do dinheiro.

Lauany: *É eu acho que é assim, que geralmente quando os pais estão chateados com as coisas que a gente faz eles vêm gritando: Ai eu vou te bater! Aí a gente não pode gritar com eles, que tá respondendo, que tá rebelde, aí cê tem que ficar quieto e escutar e tipo tem que aceitar, só que aí cê quer falar, mas eles não deixam, aí por isso que algumas vezes as pessoas se mordem e choram de raiva, é porque eles não deixam a gente expressar o nosso sentimento que nem eles expressam. E às vezes, quando ela acha eu eu tô triste, no meu sentimento, aí ela para, aí ela fica falando: Ah, depois a gente vai sair, depois eu compro alguma coisa pra você, aí as vezes eu fico com dó dela, aí eu volto a falar com ela.*

Um das mudanças que ocorrem nesse período é demarcada pela responsabilidade com os deveres domésticos, os adolescentes demonstram que apesar de fazerem tais atividades, os adultos não se contentam e sempre os cobram por ter que fazer cada vez mais. Nesta condição, apresentam descontentamento de ter que se apropriar de atividades como estas, pois, não eram comuns na infância.

Melanie: *Parece que a gente é escrava nessa casa!*

Lauany: *Aí, quando a gente não faz nenhum serviço de casa, aí começa a reclamar que a gente não faz nada ou a gente tira alguma nota baixa, aí começa com maior discurso falando que a gente tem que só estudar e ainda vai com nota baixa.*

Nesse sentido, os aspectos emocionais foram mencionados como forma de explicitar que suas ocorrências são contextualizadas e relacionais, portanto, não poderia ser vista como algo inerente à adolescência. Outra mudança que ocorre na adolescência é a atividade principal no caso do adolescente é o estudo. Eles apontam o brincar e estudar para o período da infância

e o estudar e se responsabilizar pelo trabalho doméstico como principais atividades, quando não começam a trabalhar por cobrança dos adultos. No que se refere aos estudos, os adolescentes apresentam a capacidade que em apropriar de conhecimentos mais complexos.

Icaro: Agora eu lembrei de umas coisas aqui. Quando a gente é criança, a gente tem que aprender o básico. Quando é adolescente tem que aprender aquilo que médio daí gente é adulto tem que aprender, saber mais um pouco, tipo adolescente só vai ficar em casa em que cuidar da casa limpar a casa.

Uma das atividades realizadas que permanecem na transição da infância para a adolescência são os estudos (ANJOS e DUARTE,2026). No que se refere a isto, os adolescentes da escola privada apresentam alguns dilemas que lhes causam desconfortos, como por exemplo, as notas. Os pais de modo geral os cobram para que suas notas sejam sempre altas e, quando isso não ocorre, os adolescentes não se sentem compreendidos e sim cobrados, pressionados por terem que apresentar sempre um bom desempenho.

Lauany: É, então esse assunto das notas tipo cê vai e tira uma nota baixa assim aí seus pais começam a reclamar que você tirou aquela nota porque não sei o que... não sei o que... não sei o que. Mas aí quando você tira uma nota boa, eles dizem: não fez mais que sua obrigação! É isso tipo, nem dá mais vontade de estudar.

Melissa: E quando a gente tira nota baixa, ele quer meio que descontar na gente porque a gente tira nota baixa, aí eles quer botar mais pressão aí dá vontade de fazer um drama de leve né?

Nota-se que, no contexto escolar, o adolescente também apresenta mudanças a partir do novo modo de pensar e pode apresentar algumas dificuldades em lidar com essas novas experiências. Diante de um fracasso escolar por exemplo, é comum serem cobrados e culpabilizados, porém o adolescente reconhece a trama de relações e acontecimentos que imbricaram nestes resultados. Em contextos como este, o adolescente reflete sobre si e sobre o aluno idealizado pelos professores e pelos pais, e assim se coloca como distante do ideal. Desse modo, assume suas condições e limitações apontando que mudanças nesse período são necessárias e não deveriam ser vistas como um ponto negativo, pois fazem parte do desenvolvimento humano.

Lauany: E também quando a gente vai mal em alguma prova ou nossa média não vai muito boa, eles começam a falar: Ah, você não era assim e tal... Mas nunca sabe o que a gente tá passando fora da escola e eles começam a jogar na nossa cara que a gente tem que melhorar, que a gente tem que ser exemplo, que a gente tem que ter responsabilidade, que várias pessoas queriam estar no nosso lugar. Mas eles nunca sabem o que acontece fora da escola.

Melissa: *Aí tipo, tem gente que estuda até o 6º ano com a gente. Aí tipo, a gente conhece os professores lá. Aí, a gente já tá no nono, aí os professores já vêm falar: você não era assim no sexto ano! Tipo, aí já vem falando essas coisas. A gente não é igual no sexto ano porque a gente cresceu. A gente evoluiu! Alguns né! Igual eles, eles também mudaram de um tempo para cá.*

Lauany: *E muitas vezes a gente não fala nada com nossos pais por medo, de que eles façam todo discurso de novo, reprimindo, não deixa a gente fazer nada e por isso que a maioria dos adolescentes faz as coisas escondidas.*

Melanie: *Bom primeiro, tipo, quando ela começa a reclamar que eu tipo, não era assim, que eu mudei muito e... Que eu tô pior agora, começo a me sentir insuficiente sabe. Eu começo a me sentir mal, porque tipo, cara, eu queria ter continuado do jeito que eu era antes, para ela gostar do mesmo jeito que ela me gosta. Mas só que tipo, o amor continua o mesmo até maior ainda.*

Juliana: *Eu me sinto inespacial, fico chateada fico muito triste por não ser a pessoa que a minha mãe queria que eu fosse, e porque eu queria me superar e não ser adolescente aborrecente.*

Beatriz: *Quando a minha mãe fala que eu mudei, que eu não era assim, eu, eu nem ligo, eu só escuto ela falar, aí eu vou para lá, para o meu quarto, porque eu sei que, certo, uma parte ela tá certa Mas dependendo do que for, que eu mudei, e outra parte eu sei que eu tô certa. Então tô nem aí, daqui uns dias eu posso estar mudando para melhor ou para pior, e eu não tô nem aí! [a mãe diz] - Ah, tá! Então tá bom. Eu pego e vou para o meu quarto.*

Icaro: *Pra mim, eu penso isso. O povo pensa isso, que aborrecente é aquele que faz tudo errado. Pra mim não, o aborrecente é aquela, criança que tá tendo que se reinventar, tá tendo que se achar na sociedade, tá lá caçando pra ver quem que ela é no meio de tudo e todos. Quando ela achar e ver aquilo, que ela pode ser melhor do que ela tá sendo. É que nem passar da adolescência pra fase adulta, mas tem adolescentes que já faz isso na fase da adolescência, igual eu, eu achei, eu me achei na adolescência e é isso eu tô conseguindo me dar bem comigo e com a minha família, agora tem adolescentes que não consegue.*

Ao comportamento do adolescente é atribuído socialmente, como sendo opositor as regras sociais instituídas. Historicamente isto foi se perpetuando no decorrer dos estudos que foi sendo realizado sobre adolescência. De acordo com Ozella (2002, p.16) concepções como esta é abordada por psicanalistas que atribuem a adolescência “uma etapa de confusões, estresse e luto também causados pelos impulsos sexuais que emergem nessa fase do desenvolvimento”. Diante disto nosso objetivo aqui, é romper com teorias que naturalizam e universalizam o período da adolescência.

Reconhecemos que mudanças fisiológicas ocorrem, no entanto estes não são determinantes de sua subjetividade. O que implica no pensar e agir do adolescente consiste no “significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais. Fatos sociais surgem nas relações e os homens atribuem significados a esses fatos”. Em outras palavras, a subjetividade

do adolescente se desenvolve a medida que a sociedade insere este adolescente em um determinado contexto e este por sua vez se apropria dos significados e a eles atribuem sentido a partir de sua vivencia em constante transformação ocupados de um corpo que também está. (OZELLA, 2002, p.21)

Quando questionados sobre o que os adultos esperam dos adolescentes, responderam que os adultos esperam que eles tenham: responsabilidade, maturidade, flexibilidade e compromissos.

Marisa: *Eu acho que eles querem que a gente tenha mais responsabilidade*

Ícaro: *Maturidade, para gente é responsabilidade*

Marisa: *Criança, estudo e as provas e a aula de música, igreja. Você tem que reconciliar tudo isso na sua cabeça, aí, quando começa a dar tudo errado para você, aí você nem aguenta. Falam que é frescura, falam que: No meu tempo eu fazia coisa pior.*

Os adolescentes relatam que são percebidos como ovelha negra da família. Como explica um aluno, este é um ditado popular para expressar o quanto são diferentes e irreverentes se comparados aos demais da família. Para o adolescente Henrique, ser a ovelha negra da família é ser diferente. Ser adolescente para este grupo é o mesmo que ser do contra. Contra aquilo que está imposto.

Henrique: *Você é ser do contra, é você fazer uma coisa diferente, é ser do contra, tipo, minha avó, minha avó, dizia: Menino não pode furar orelha! Aí eu furei de pirraça. Eu cheguei na minha avó mostrando assim, óh! Aí o povo chega assim e começa a falar as coisas, tipo, não importa que é na minha família, eu falo mesmo. Se encher meu saco eu aperto o modo turbo, aí eu começo a falar um monte de coisa. Aí minha avó já veio falar: Ah, furar orelha não é coisa de homem, aí eu fui, fui falar as coisas para elas e ela tem problema de pressão, aí ela começou a passar mal: Ah você quer que liga para Emergência? Tipo, aí tipo ela fica mais na dela*

De modo geral, os adolescentes, nos dois grupos, apontaram que, ao perceberem as mudanças tanto fisiológicas (crescimento de pêlos nas genitálias, e em outras partes do corpo, na estatura, na massa corporal, no caso das meninas nos seios) quanto no modo de pensar e agir, os adultos começam a cobrar modos de ser, agir e pensar, culturalmente aceitos em todas as dimensões de suas vidas. Para eles, os adultos desejam repetir o modo como foram tratados pelos adultos da época em que eram adolescentes. Enfatizam que os adultos desejam impor um

modo de ser adolescente como forma de reparar erros ou fazer o que não experienciaram no decorrer da vida.

Os adolescentes, nos dois grupos, percebem que mudanças ocorreram desde a adolescência relatadas pelos adultos se comparados na atualidade. Destacam que, de fato, o modo de ser adolescente da época de seus pais, diferem dos dias atuais, e isto se justificaria, devido às mudanças ocorridas no percurso histórico das sociedades. Depreende-se aqui que a adolescência é concebida por eles como uma construção histórica e cultural.

Icaro: É isso, eles não atualiza velho! É sempre assim: ah mais quando eu era! Quando você era! Não é mais como a gente é agora.

Emanuele: Tipo assim, parece que eles querem ficar lá no tempo deles.

Henrique: Parece que eles “qué” obrigar a gente ficar igual a eles.

Icaro: Né, “véi?” Eu falo pai! Meu Deus, cara! Já passou o seu tempo cara! Você fazia aquilo, eu faço do meu jeito agora.

Marisa: Se eu falar isso, lascou a minha vida! Pah!

O termo atualizar foi utilizado como forma de expressar a importância de os adultos compreenderem estas mudanças e as assemelham à atividade de estudar, associando ao processo de aprendizagem escolar. Para eles, os estudos são uma forma de atualização”, ou seja, de desenvolvimento humano que, permite o homem adaptar e construir elementos ao seu favor, e isso só ocorre por meio da aprendizagem ou “atualização” conforme explicam nos excertos abaixo.

Icaro: Sei lá, a gente tem que se atualizar. Porque a gente sempre tem que se atualizar. Se a gente ficar sempre parado, é, não leva a gente pra lugar nenhum. É igual estudar, se você estuda, mas você tem sabedoria, se você não tiver, você não vai pra frente, você não sabe nada.

Marisa: Mudar os pensamentos, mudar os pensamentos...

Icaro: É ... Vou chegar e vou falar: Antigamente era assim! Sendo que a gente nem está mais naquele tempo?

Emanuele: Tipo assim, antes não tinha, digamos, carro elétrico. Aí hoje já tem, aí eles falam só porque hoje tem carro elétrico: Ah eu não quero andar com esse carro elétrico, aí não, eu não preciso usar! Não cara! Tipo assim, você tem que aprender a usar que vai ser tipo, vai te ajudar mais.

Icaro: Isso é uma necessidade evolutiva!

Na concepção dos adolescentes, a sociedade de modo geral deve se propor a conceber os novos conhecimentos ou, também, se adaptar, principalmente no que se refere às novas tecnologias, a fim de reconhecer os benefícios para a própria sociedade. A maioria dos adolescentes concordam que a tecnologia tem sido uma ferramenta que contribui para facilitar os meios de comunicação e na criação de recursos que facilitam as condições de vida humana. No entanto, percebem que há um desinteresse em acessá-las.

Henrique: Tipo, as coisas inovam para ajudar a gente.

Icaro: Tipo, elas podem ajudar, mas quem tá lá fora não entende, eles acham que isso vai acabar atrapalhando, vai acabar destruindo totalmente com o planeta.

Emanuele: Não! Mas, também tipo assim depende! Digamos que agora a tecnologia te ajuda em boas coisas, mas se você buscar essas coisas boas, mas elas também te prejudicam se você não usar ela para procurar as coisas boas.

No tocante ao uso das tecnologias, os adolescentes de ambos os grupos destacaram que uma das mudanças que ocorreu da infância para a adolescência se refere ao interesse no uso delas e principalmente no uso do celular como fonte de acesso ao universo de novas informações que antes eram transmitidos pelos adultos e, atualmente, suas dúvidas, curiosidades podem ser sanadas por este meio.

Emanuele: E aí como gente tipo, digamos que as pessoas passam horas ou agora as crianças e os adolescentes estão passando mais horas na internet, aí sempre quando a gente não faz algumas coisas ou faz alguma coisa errado: ah eu vou tirar seu celular! É isso! Aí tipo...é difícil!

Icaro: Lá em casa é muito rígido! Daí pra mim descontrair, eu pego meu celular e vou tentar jogar, mas enquanto eu tô jogando é uma falação que meu Deus! Que eu não aguento ficar escutando: Ah você não faz nada, você não faz isso, não faz aquilo. Mas eu faço! Lá em casa, eu limpo o quintal, lavo, encho garrafa, faço tudo certinho...

Emanuele: Isso! Parece que não sei. Quando a gente pega no celular eles já fala ah você não faz nada. Porque eu não sei eu acho que é automático cara.

Henrique: Tipo você limpa casa e quando você termina você pega o celular parece que você não fez nada (...)

Icaro: Quanto mais você mexe no celular mais você não faz nada...

O uso do celular foi referido como objeto individual na qual a privacidade deveria ser respeitada pelos adultos. No entanto, o que ocorre é o inverso. Os adultos constatemente se apropriam do celular como forma de vigiá-los e, do mesmo modo, utilizam a restrição no seu uso visando a punição, já que este tem sido um dos meios de interação mais utilizados pelos

adolescentes. Para além disso, o celular também é citado como forma de entretenimento e interação por meio das redes sociais assim como, para ouvir músicas, jogar e estudar. Sendo estes, alguns dos motivos por passarem grande parte do tempo conectados.

De modo geral, entendem que os adultos parecem não compreender as mudanças ocorridas no tempo. Apontam que os adultos relatam suas vivências pessoais como a melhor forma de ser adolescente. Outra explicação seria a tentativa de controlá-los com o objetivo de fazê-los não cometer os mesmos erros que cometeram quando ainda eram adolescentes. Estes fatores seriam disparadores de conflitos, já que são as transformações culturais e históricas que determinam a construção de modos de ser adolescentes.

Henrique: Mas tipo os adultos... eu vou fazer um raciocínio bem rápido. Os adultos já foram adolescentes, e eu tenho certeza que eles já fizeram algo errado. Porque eles não são santos! Porque quando eles eram adolescentes, eles eram mais livres. Então tipo, eles são mais rígidos com a gente porque eles não querem que a gente cometa os mesmos erros deles.

Melissa: Minha mãe também às vezes, fala isso na minha cara. Aí ela fala: Na minha época não era assim. Aí eu falo: é, na sua época, já tá um pouco mais tarde e não tá tanto.... Antes você fugia de casa, hoje não acontece muito isso, porque os pais têm medo. Hoje os adolescentes são mais ensinados. Mas mesmo assim ele tem um porquê. São vocês que fazem isso com a gente ou é a escola que tem muita pressão sobre a gente.

Lauany: Ou quando eles falam, igual ela tava falando assim, ou seja, ela coloca as regras o ensinamento da época dela, não da época que a gente tá vivendo agora, ou seja, os tempos mudaram, mas a cabeça de nossos pais ficam em antigamente e não tem a cabeça moderna, e tipo, eles é, passam para gente o que os pais deles ensinaram e era assim que era para ser feito, eles tem a cabeça velha, não tem a cabeça mais moderna. Assim eles prejudicam mais a gente ainda.

No ponto de vista dos dois grupos focais a adolescência, é um momento de apropriações culturais que são transformadas no decorrer da vida. Isto fica evidenciado quando os pais, por sua vez, transmitem a eles um modo de ser jovem, sem considerar o contexto histórico em que estes adolescentes estão inseridos atualmente. Os adultos transmitem o conhecimento que aprenderam sobre como lidar com o adolescente, o que é compreendido por estes adolescentes como uma forma rígida, autoritária e punitiva.

Emanuele: Eu acho que tipo assim, como eles são criados de uma forma, eles acham que tem que criar os filhos daquela forma ou não (...) ou não seja isso.

Icaro: Como se fosse uma ditadura, passando de ano em ano.

Emanuele: Ou também tipo assim: há eu fui... aí como que fala? Me ensinaram assim essa é a forma que eu devo ensinar, aí eles ficam fazendo isso.

Beatriz: *Porque a nossa época é totalmente diferente de 50 e 30 anos atrás. Já é outra geração com outro pensamento.*

A rigidez na relação na concepção destes adolescentes se refere às regras e limitação da liberdade não concedida. Na perspectiva destes adolescentes essas regras são pertinentes principalmente para as meninas por motivo da prática sexual e da gravidez. De acordo com os adolescentes da escola pública, aspectos como estes são percebidos pela sociedade como um problema de saúde pública. Esta perspectiva, evidencia o discurso que é transmitido pelos adultos acerca do sexo e da gravidez precoce e foram abordadas pelos adolescentes somente no grupo da escola pública.

Henrique: *Tipo a menina perdia a virgindade depois do casamento, hoje em dia com 10 anos já está uhrrrrr [Risos], já está barriguda.*

Marisa: *Meninas de 15,16 anos já está com filho sendo que antigamente era com 20 os pais eram mais rígidos.*

Henrique: *Com 30 anos!*

Os adolescentes compreendem que a adolescência é, neste sentido, um momento de apropriação da vida adulta.

Icaro: *Tipo, por que a adolescência é o preparo para quando a gente ficar adulto, né? A gente vai descobrir mais coisas. A gente vai ficar mais solto, tipo, a gente tá tendo a noção do que vai vir pela frente. Tipo a gente vai ser, tipo, não livre pra gente fazer o que quiser e as escolhas que a gente quiser.*

Henrique: *Mas mesmo assim não tem como a gente ser livre, na adolescência a gente é preso em casa. E quando a gente é adulto, a gente é preso na sociedade.*

A religiosidade⁸ comparece nos discursos como forma de controlá-lo ou ajustá-los. Na perspectiva dos adolescentes da rede pública, as religiões são crenças que explicam o fenômeno da vida e do universo, e cada grupo religioso teria seu modo de viver a partir de regras instituídas. Para eles, os adultos impõem que os adolescentes frequentem as igrejas não como forma de fazê-los religiosos, mas de ajustá-los às regras e valores que os adultos julgam ser bons. Ser religioso implica em um modo de ser e ver o mundo.

Henrique: *Eu acho que eles não querem que a gente vá pro caminho errado, que a gente desobedeça, a gente sabe que a gente não tem que ir pro caminho errado.*

⁸ Este assunto só foi abordado no grupo focal da escola pública, quando questionados sobre o modo de relacionarem com os adultos.

Emanuele: Ou que se eles não participam da igreja e quer que o adolescente vai, que tipo assim, eles não querem que o adolescente se torne uma coisa, que eles são, aí fica tipo: Ai você tem que ir pra igreja.

Os adolescentes deste grupo discordam desta condição religiosa por ser imposta e por perceber a contradição no modo de vida dos adultos que não condiz com o que é propagado pelas igrejas. Outra queixa seria no modo como as igrejas tratam os adolescentes. Uma aluna explica que na igreja de seus pais, as crianças e adolescentes são considerados um grupo só. Para ela, isto é inadmissível, já que adolescente não é criança, como são concebidos pela igreja. Ou seja, não há um lugar demarcado para o adolescente.

No que se refere à constituição da identidade, Ozella (2002, p.21) explica que a identidade do adolescente é constituída “como significado na cultura, na linguagem que permeia as relações sociais”. Os adolescentes da rede pública compreendem que a identidade se dá na relação com o outro, com os adultos e é nessa relação que eles se constituem. Ainda sobre isto, os adolescentes apresentam ressalvas apontam que os adultos ensinam o modo de vida, porém isto não significa que irão internalizar todas as regras, o modo de viver, vestir e de ser. Para Ozella (2002, p.21) o adolescente está “como parceiro social, está ali, com suas características que são interpretadas nessas relações, tendo um modelo para sua construção pessoal”

Henrique: Não, eu acho que agora eu, eu não sigo padrões de ninguém da minha casa, porque como eu falei, eu sou praticamente a ovelha negra, eu não gosto muito dos parentes do meu pai, alguns eu gosto como minha tia e alguns primos eu gosto, eu gosto mais dos parentes da minha mãe que são mais alegres, mais vida louca, mais loucão, mas tipo, lá em casa, o diferentão, eu fico quieto no meu canto, eu sou o único que assiste anime, eu sou muito magro, magro no meu jeito, o resto tudo o povo lá em casa tem corpinho e eu também sou menos sentimental, tipo meu pai... Tipo, meu pai e minha mãe choram por qualquer coisa, eu não, eu tipo quando meu cachorrinho morreu teve que sacrificar porque ele tava sofrendo muito.

Icaro: Eu peguei, eu juntei tudo que tinha lá em casa e me reinventei.

Pelo fato de os adolescentes por vezes se constituírem de forma diferente da cultura familiar, alguns adolescentes da escola pública explicitam que são considerados pelos adultos como aborrecentes ou pejorativamente de ovelha negra da família. Ao serem questionados se concordam com as atribuições, de forma unânime discordam e fazem alguns apontamentos discordando da condição posta pelos adultos.

Henrique: *Eu tipo, eu não sou, eu não tenho tanta raiva de todo mundo da minha família, eu até levo numa boa, tipo às vezes eu brinco, às vezes eu converso, a maioria das partes eu fico com raiva do povo lá.*

Emanuele: *É, digamos assim, que o aborrecente é como se fosse uma característica da fase do adolescente, se ele fizer alguma coisa, tipo assim, que seja qualificado como aborrecente aquilo que ele fez vai ser considerado como se fosse, é digamos que, ah tipo assim, quando você falou lá de você fazer, sei lá tipo, não ser educado com professor, digamos que aquilo foi uma coisa aborrecente, só que aquilo já passou, ele já não é mais daquele jeito, então é só uma característica.*

Estes termos são considerados pelos adolescentes da rede pública como pejorativos. Esta forma de se referir ao adolescente, é uma forma de culpabilizá-los, de não os compreender, é também um tipo de preconceito. Pois para eles, o adolescente cometera erros assim como os adultos. Portanto, os adolescentes, de modo geral, não concordam com esta forma de se referir a eles.

4.2. Perspectivas sobre temáticas transversais

Outro ponto destacado pelos adolescentes da escola pública aborda a questão das desigualdades raciais como um problema social que deve ser combatido. Para eles, o preconceito é uma forma de atribuir julgamentos sem mesmo conhecer a pessoas. Explicam que aprenderam isto na escola. Em relação ao Racismo, percebem que a pessoa negra é alvo de tratamento diferente por causa da cor. Os alunos que se declaram negros, reprovam as condutas racistas e ainda reiteram que não deveria acontecer mais em nossa sociedade. Alguns relatam que já presenciaram e experienciaram situações de racismo. Criticam este modo de tratamento principalmente quando acontece na escola por meio do bullying.

Henrique: *Sim, eu acho que tem muito isso, eu acho muito errado porque eu acho que a gente não tem que julgar as pessoas pela cor ou pelo que ela gosta. Eu acho muito feio cara. Eu acho muito estranho. A pessoa ela também tem sentimento, ela também sente dor, ela é igual a gente, ela só tem uma cor diferente, nada mais.*

Emanuele: *E quem mais sofrem, né? É o negro, porque as pessoas preconceituosas vão tipo... não ajudar aquela pessoa por causa da cor dela, tipo, já aconteceu muitas coisas assim de aí um negro passou num vestibular e eles falaram, não, ele colou, ele fez alguma coisa e nossa, isso aí é muito chato.*

Henrique: *É verdade, sempre tem isso, sempre tem um branco e homem negro disputando uma vaga num serviço, os dois tem o mesmo tipo...disputando a mesma vaga no serviço, tipo, os dois tem tem o mesmo tipo de...*

Emanuele: Potencial.

Os alunos da escola pública enfatizam que o Racismo, o preconceito e discriminação acontecem em todos os contextos e, por vezes, eles reproduzem por meio da comunicação, algum pensamento racista. Um aluno enfatiza que para enfrentar situações como estas são necessárias as ações de respeito e compreensão de que todo ser humano tem potencialidades e não há um melhor que o outro.

Icaro: Igual um ditado que o meu pai, eu sei mais ou menos, o homem branco ele tem que ser duas vezes melhor do que qualquer homem e o homem negro ele tem que ser mil vezes melhor que o homem branco e todo mundo.

Henrique: Pra falar a verdade eu acho que ninguém tem que ser melhor que ninguém, é questão de respeito.

Os adolescentes da escola privada pouco desenvolveram esse tema e explicam que nunca experienciaram ou presenciaram situações de racismo apesar de terem conhecimento. Uma das alunas cita um exemplo de pensa que isto ocorra no cotidiano.

*Melanie: Tipo, existe, eu sei que existe, mas eu nunca presenciei.
Pesquisadora: O que que você tem de conhecimento sobre isso?*

Melanie: Que, por exemplo, pela cor, muitas pessoas são discriminadas pela cor. Aí quando tá, por exemplo, em algum atendimento, às vezes a pessoa que tem essa cor mais escura, ela tá ali faz horas esperando, aí chega, por exemplo, um burguês, vamos se dizer assim, chega vai, fazer as coisas certinho, e o pobre tá lá esperando, esperando, tem dia que ele nem é atendido, aí ele tem que voltar no outro dia pra ver se consegue atendimento.

Pesquisadora: Vocês acreditam que existe uma divisão de classe então? Por causa da cor de pele, os brancos e os negros? Os negros são pobres e os brancos são ricos? Vocês conseguem perceber isso?

Todos: Sim. [Há um silêncio e se olham uns para os outros]

No que se refere a política brasileira, os adolescentes da escola pública concordam que as políticas públicas podem contribuir para melhorar as condições de vida da população e do adolescente. Eles concordam, também, que um país com alto índice de pobreza implica no alto índice de crianças e adolescente tendo que abandonar os estudos para trabalhar ou ajudar os pais nas atividades domésticas enquanto eles saem para trabalhar. Para solucionar estes problemas, o governo deveria investir na Educação para impulsionar o desenvolvimento humano e, assim, estes criarem novas formas de produção e relações de trabalho.

Henrique: *Eu acho que pro Brasil melhorar o Governo tinha que investir em Educação, porque tudo começa pela Educação.*

Emanuele: *Aí se, tipo assim, for um exemplo nesse bairro, tem umas famílias que, tipo assim, são pobres e as crianças não podem estudar porque elas tem muita responsabilidade. Aí, a mãe tem muitos filhos, aí um é bebê, e o outro tem sete anos e o de sete anos tem que cuidar do bebê e a mãe tem que trabalhar e tem que fazer a família sobreviver. Isso vai estar prejudicando as duas crianças. Isso é desumano.*

Os adolescentes acima, destacam que a condição da política no Brasil é demarcada pela corrupção. Isto justificaria as desigualdades sociais em nosso país que, para eles, só aumentam. Para além disso, as consequências dessa situação geram desemprego, greves e a falta do reconhecimento do papel do professor.

Icaro: *Vai ter a greve, mas em vez do cara estar nos ajudando pra não ter a greve, ele vai fazer ter a greve.*

Marisa: *Porque ele não investe em nós? Na Educação, não acredita em nós?*

Emanuele: *Aí não investe aí as escolas necessitam da verba, necessitam da qualidade da escola pra ensinar os alunos e não tem, aí que que acontecem, pessoas que tem trabalho, tem dinheiro, paga pro filho dele uma escola particular.*

Icaro: *Eles estão investindo em pessoas que já tem dinheiro e nos nossos queridos professores que necessitam de um salário deles, tão aí, é obrigado a fazer a greve. Eu acho que professor tinha que ter o melhor salário porque o professor é o que faz todas as profissões.*

Estes adolescentes compreendem que o investimento na Educação implica uma escola com boa infraestrutura e professores bem remunerados. Vale destacar que a greve dos professores (que tinha a finalidade de reivindicar melhores salários e condições de trabalho) ocorreu três dias após esta coleta de dados. A greve é compreendida pelos alunos como uma forma de manifestação dos professores contra a desvalorização do trabalho do professor e um descompromisso com os alunos. Apontam para a relevância do professor já que seria ele o profissional que promoveria o desenvolvimento de outras profissões necessárias para o desenvolvimento do país.

Na perspectiva dos alunos da rede pública, a greve na escola é uma forma de resistência ao modo como a Educação vem sendo desvalorizada. Reconhecem a legitimidade do movimento, porém reconhecem que a greve implica em um atraso no processo de aprendizagem conforme o calendário do ano letivo.

Outros temas abordados no grupo focal da escola pública foi o direito ao voto na adolescência. De acordo com eles, os políticos em período de eleição procuram os adolescentes

de 16 anos como eleitores em potencial. O objetivo seria o de demonstrar o interesse e propostas de investimentos para o público adolescente, porém estes, se sentem enganados e desacreditados pelos representantes, já que a realidade vivida por eles são precárias e não identificam melhorias para a sociedade por meio destas eleições. Apesar de não poderem votar, estes adolescentes denunciam que os políticos percebem esta desesperança na população e oferecem dinheiro em troca do voto. Reprovam esta postura, porém afirmam que nesta condição aceitariam o dinheiro, no entanto, não concederiam seu voto. Diante disto, concluem que é a própria sociedade quem elege estes políticos, de alguma forma a sociedade é responsável pela condição que ela vive.

Os alunos da escola privada opinaram sobre a condição atual da política brasileira, principalmente ao governo do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, eleito nas eleições de 2019 e atribuem a ele a corrupção e descompromisso com a população mais pobre, para isso, se referem ao modo em que o governo atual vem gerindo os bens públicos. De igual modo, os alunos concordam com a opinião dos adolescentes da rede pública. A corrupção e a falta de investimentos em prol da sociedade foram uma das críticas apontadas por estes adolescentes. Ao serem questionados sobre as futuras eleições e ao direito ao voto, alguns alunos se absteram do direito ao voto, por não acreditar nos políticos brasileiros.

Graziely: Muito corrupta! Sendo muito sincera, olha pelo menos em todos esses anos o que mais eu vi na política, é que existe corrupção! Sempre existiu, mas é que ainda continua existindo, espero que mais pra frente, no futuro, isso pelo menos diminua, que os políticos futuros não pensem só nos favores deles, mas da população, a população são pessoas iguais a ele e dependem das mesmas coisa que ele depende.

Pesquisadora: Você acha que os políticos brasileiros, então, não dão a devida atenção pra população que colocou eles lá?

Graziely: Sim!

Melanie: Eles prometem, prometem, prometem e quando chegam na onde eles queriam, no cargo que eles queriam, eles esquecem da população e fazem o que eles querem.

Pesquisadora: E quantos de vocês aqui já podem votar? Nas próximas eleições?

Antony: Nem sei.

Maiara: Eu votaria nulo.

No grupo acima, os alunos sugerem que o governo deveria investir em saúde, educação e tecnologia. Estas tríades de investimentos resultariam em desenvolvimento econômico do país. Outra aluna sugeriu que houvesse rigor nas leis brasileiras e que fossem de fato cumpridas

já que a corrupção ocorreria por falta de penalidades. Outro aluno sugere um governo democrático, que esteja disposto de fato a governar com a população, se propondo a consultá-la de modo a contemplar suas necessidades.

Pesquisadora: Nenhum deles? Para além disso, qual é o ideal de um político então que vocês acham que seria bom para o Brasil? Nesse momento.

Antony: Nesse momento na Saúde, Educação e Tecnologia.

Maiara: 'Rigoroso nas leis.

Graziely: Que na escola dessem comida de graça. [Risos]

Pesquisadora: E você o que você acha que seria o ideal para o Brasil agora?

Graziely: A mesma coisa que o colega disse, mexer na Saúde, na Educação, na tecnologia assim, tentar melhorar a situação do país, do Brasil e dispor pra população, ouvir mais, é não roubar na verdade.

Antony: Ver os pontos que mais afetam a população.

No que se refere às políticas públicas voltadas para o amparo e proteção do adolescente, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente, o Conselho Tutelar, o Centro de Referência de Assistência Social, o Centro de Referência Especializada da Assistência Social ou o Lar da Criança, apenas um adolescente da escola pública demonstrou ter conhecimento do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e do CREAS (Centro de Referência Especializada da Assistência Social).

Henrique: Gente eu sou a única pessoa dessa sala que nunca ouviu falar de CRAS e CREAS?

Emanuele: Acho que deve ser porque eu não sei se tem aqui, já ouviram falar que tem? Então por isso, porque onde que eu morava sempre tinha esses trechos aí. Ah cada um cuida de uma coisa tipo conselho tutelar cuida de criança.

Outro aluno citou ter conhecimento da Lei Maria da Penha e questionou o fato de não ter uma lei de proteção aos homens. Ainda sugeriu que a lei de proteção a eles (os homens) deveria ser denominada de João da Penha.

Emanuele: Maria da Penha.

Henrique: *Tem João da Penha?*.⁹

Pesquisadora: *Não*

Icaro: *Que triste. Engraçado o homem não tem algo que defende eles.*

Henrique: *Maria da Penha também protege homem.*

No decorrer das discussões, apontaram a relevância das políticas públicas nos casos de os adolescentes terem seus direitos violados como, por exemplo, em casos de abuso sexual. Nestes casos, o adolescente recorre ao adulto de confiança, à escola, à polícia ou calam-se por medo das circunstâncias e citam a fé religiosa para que sejam protegidos de situações como a citada acima. Observa-se, assim, que a grande parte dos alunos de escola pública não conhecem as políticas de proteção e amparo ao adolescente.

Icaro: *Mais ou menos, conselho tutelar, o 191 que é a polícia, a gente só sabe esses órgãos aí.*

Henrique: *Básicos.*

Icaro: *E isso pode também, o básico, a escola também.*

Henrique: *Tipo, eu acho que a escola não tem que ficar sabendo, tipo, se aconteceu alguma coisa, se acontecer dentro da escola é algo totalmente diferente.*

Icaro: *Não, mas você pode pedir ajuda da escola.*

Henrique: *Aí sim, porque você chega aqui na escola e você fala de uma coisa que aconteceu, tipo eles vão ajudar, mas eu acho que é desnecessário eles ficarem sabendo. Eu acho que é mais fácil você falar pra uma parente, pra um amigo mais próximo. Sei lá.*

Já os adolescentes da escola privada afirmaram com unanimidade que não conhecem nenhuma dos órgãos públicos de proteção social, que atende possíveis ocorrências de violação de direitos do adolescente ou até mesmo de amparo como, o Conselho Tutelar, apenas uma adolescente declarou ter conhecimento da existência do Estatuto da Criança e do Adolescente. Sendo assim, não opinaram sobre o assunto, ou seja, não desenvolveram o tema como o desejado.

A saúde do adolescente também foi abordada já que consideram este período demarcado por transformações biológicas e alguns teriam a vida sexual ativa. Quando questionados sobre os cuidados com a saúde e com possíveis Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), apenas um adolescente informou ter conhecimento sobre os encaminhamentos para o autocuidado. Os

⁹ O adolescente Henrique sugere a criação de uma Lei que também ofereça garantia de direitos em casos em que o homem é agredido e que não poderia se defender fisicamente pois estaria infringindo a lei Maria da Penha.

demais apenas apresentaram o conhecimento destas infecções. De igual modo, na escola privada, os alunos afirmaram que não tem conhecimento dos encaminhamentos médicos e autocuidado em casos de IST, cabendo aos adultos o direcionamento.

Os adolescentes da escola pública discorreram sobre o uso de drogas nessa idade, alguns concordaram que as amizades contribuem para a experimentação primeiramente de bebidas alcoólicas e depois de outras drogas. No entanto, para grande parte dos adolescentes, o uso de drogas é de responsabilidade e escolha única do próprio adolescente. Para outros, as amizades não exercem influência e que manter a amizade com amigos que são usuários de drogas não significa que serão e, muito menos, devam deixar a amizade por causa disso. De forma unânime, concordam que os adultos discordam da opinião deles.

Henrique: Por exemplo, quando seu amigo é mais vida louca que você, assim tipo, o pai e a mãe já vai achar que a gente vai beber porque o amigo bebe. Porque também tem aquela, você anda com a pessoa daí você vai fazer o que ela faz, né?

Icaro: Eu não vou falar que eu não bebo, eu não vou falar que eu não bebo, que eu nunca bebi, ou que, eu nunca fumei, já experimentei uma vez, mas eu achei muito ruim. Sempre tem um experimento, um tira gosto.

Henrique: Mas não tem esse troço, eu não posso forçar você a beber só porque eu sou seu amigo.

A sexualidade na adolescência foi outra temática discutida nos dois grupos. Para os adolescentes da rede pública, o jeito de ser é um contrução. A sexualidade seria uma descoberta ou uma escolha. Explicam que desde a infância esta definição ainda não é elaborada, ou seja, há dúvidas e somente na adolescência é possível constatar devido às novas relações que estabelecem e o novo modo de compreender a si mesmo.

Henrique: Sim, na adolescência mesmo que a gente se descobre.

Icaro: É na adolescência que se descobre! É, a gente descobre na adolescência, a gente pode tá até ta errando agora, a gente pode lá na frente, mas é uma escolha nossa, a gente ta escolhendo ser do jeito que a gente é, quando chega lá na frente a gente pode escolher ser o que a gente é.

Henrique: Quando a gente é criança, a gente já vai tendo as dúvidas né? Quando a gente tá na adolescência que a gente já tá com a cabeça mais aberta a gente já tipo ah, eu quero ser isso, eu quero ser aquilo e quando é adulto você ou fala eu realmente quero ser isso ou você escolhe pra ser outra coisa, tipo eu sou hétero, todo mundo acha que eu sou gay eu não sei porque, tipo pra falar a verdade eu sei o porque vêi, eu sou hétero, eu to pouco me lixando pro que o povo pensa de mim.

Icaro: *Eu sei que ele é hétero porque eu vivi boa parte da minha vida com esse cara”.*

Henrique: *Tipo, ou você gosta de mim do meu jeito ou tô nem aí, vai embora”.*

Os alunos da escola privada abordaram a respeito da homoafetividade como algo inerente á escolha do adolescente. Fazem menção ao modo como aqueles adolescentes são tratados. Apesar de discordarem do preconceito, alguns adolescentes deste grupo manifestaram de forma ambígua. Diante dos que reprovam, não fazem nada para auxiliar os colegas. Apenas um adolescente afirma que em situações de violência afirma defender e procurar auxílio para o adolescente violentado.

Melanie: *Eu, eu conheço, mas tipo assim, eu não sei te dizer, é que às vezes, a pessoa fica fazendo piadinha sem graça, aí isso me incomoda.*

Pesquisadora: *E o que que vocês acham disso? Pensam disso?*

Melanie: *É errado isso, porque é uma opção dele, ele que tem que escolher.*

Graziely: *E muitas das vezes a pessoa que está sendo o centro da piadinha não se importa, mas tipo, pra gente que acha aquilo errado, é muito ruim você ficar ouvindo isso, entendeu? É uma coisa desconfortável, tipo, a opinião é dele, é ele, não é você, deixa ele, entendeu?*

Melanie: *Se fosse com ele, certeza que ele não iria gostar*

Pesquisadora: *E quando isso acontece vocês fazem o que?*

Melanie: *Às vezes só rir junto, fico calada*

Antony: *Hum... eu defendo a pessoa né, aí tipo se tiver algum adulto assim, por perto, uma autoridade, eu já chamo né? Tipo na escola assim, normalmente eu chegaria na voadora, mas aí eu falo pra diretora, ou se na sala eu falo pro professor.*

Ainda sobre este tema, ao serem questionados sobre a relação social do adolescente LGBT (Lésbica, Gay, Bissexual, Travestis, Transexuais e Transgêneros), os adolescentes da escola privada relatam que há preconceito tanto na sociedade quanto na escola, como por exemplo, no mercado de trabalho.

Antony: *Bom, tipo assim, eu... a gente vê na tv, no mercado ou trabalho né? Até mesmo salário, essas coisas, é diferente o tratamento.*

Pesquisadora: *E o que você pensa disso?*

Antony: *É igual eu falei, é errado né? Por causa que eles também têm família, eles também pensam do mesmo jeito, eles raciocinam do mesmo jeito, eles não são igual os europeus que antigamente pensavam sobre os macacos, eles também tem cérebro.*

De acordo com Antony, conforme as aulas sobre o Colonialismo Europeu, o racismo era notório e era o que fundamentavam a escravidão, ainda de acordo com o aluno, os colonizadores os tratavam de forma desumana. De modo similar, este aluno compara o tratamento dado a pessoa LGBT e contesta toda forma de preconceito, homofobia e Racismo.

4.3. A produção da indisciplina na escola: A perspectiva sobre escola e indisciplina escolar

Esta análise segue intercalando as concepções entre as duas escolas apontando as semelhanças e as contradições no contexto escolar sobre a indisciplina. Os adolescentes da escola privada introduzem o tema se referindo à concepção que tinham sobre escola. No decorrer da pesquisa notei que estavam se restringindo¹⁰ a aprofundar nas questões relacionadas à escola, emitindo respostas evasivas. Após assegurar, novamente, sobre o sigilo, as participações nos temas foram elaboradas de modo mais aprofundado.

Pesquisadora: *E o que que vocês pensam da escola de vocês?*

Beatriz: *Eu não vou responder.*

Juliana: *É pra ser sincero?*

Beatriz: *Nossa, se você for sincera... [Faz sinal de negação com a cabeça e expressão do rosto]*

Melanie: *É pra ser sincera?*

Juliana: *Mas se a gente for sincera...*

A princípio, na escola privada iniciamos o tema abordando a opinião que estes adolescentes tinham sobre a escola e sobre as suas regras. Alguns concordaram que a escola era boa, contavam com professores atenciosos, com boa didática, e que possuíam liberdade de expressão.

Juliana: *O respeito que temos aqui dentro. Assim, algumas coisas dos professores, brincadeiras, o ensino deles, a forma de ensinar, dá pra você entender de alguma forma, mas aqui dentro, você sente prazeroso, você se sente bem-vindo e eu gostei muito dessa parte.*

Melanie: *E às vezes você pode não ter entendido o conteúdo e os professores explicam quantas vezes você pedir, tipo: - ah não entendi! Aí tipo ele vai lá e explica de novo. Eles não têm problemas com isso, só que, tipo, às vezes os alunos ficam tipo de risadinha. Daí dá um pouco de constrangimento na hora de perguntar, mas fora isso.*

¹⁰ Compreendi que os alunos se sentiram inseguros ao aprofundar sobre a temática devido se tratar de questões referentes a relação entre aluno, professor e o sistema da própria escola. Além disso, dentro da sala havia uma câmera das quais por várias vezes olhavam para a câmera e aparentavam se sentirem desconfiados. Posteriormente considerei este um limitador para aprofundamento da discussão.

Os alunos da escola pública apontam que a escola tem aspectos bons e ruins. Concordam que a escola deve ser considerada como boa e ruim ao mesmo tempo. Especificam que a escola boa é aquela que, além de receber investimentos do governo, tem bons professores, isto é, que investem na formação continuada. Apontam que nesta escola há muitos professores que atendem este critério e por isso pode ser considerada boa e ruim ao mesmo tempo. Os alunos apontam que a escola está “esquecida” e, por este motivo, não é considerada integralmente boa. Esse é o lado ruim da escola pública.

Icaro: *“Que nem a nossa quadra né? se a quadra fosse coberta seria muito melhor, a gente todo dia sai com o pé machucado, mas a gente não vai falar que é ruim, é legal sair daqui com o pé machucado, suado, mas coberta seria bem melhor, né? Ia poder... incluir outras brincadeiras, porque nós só jogamos futebol e vôlei, futebol e vôlei, e isso é meio enjoativo, a quadra é áspera, machuca os pés, e assim por diante.”*

Emanuele: *“Eu acho essa escola boa por um motivo e ruim por outro, por causa que, ela é boa considerando que os professores daqui, eles são tipo assim, concursados, já fez mestrado, já vi várias coisas e eles são considerados tipo os bons professores, que também dão aula em... em curso, tipo do ENEM, escola particular, e tal, mas considerando ela ruim pelo motivo que tipo assim, o governo... digamos, não ajuda, é... a Educação, e assim a escola vai ficando esquecida, digamos assim, e... e não vai pra frente, não evolui.”*

Os alunos da escola privada e pública também atribuem uma avaliação negativa à escola no que se refere às regras, pois ela delimita o modo que se dão as relações e normatizam a conduta do aluno. Os alunos da escola privada, por exemplo, compreendem que estas são necessárias, porém algumas são consideradas sem sentido, impostas, sem o consentimento do aluno.

Icaro: *“Ah, não é nem ruim e nem legal, ela tem um... vamos dizer assim, um lado ruim e um lado bom, o lado bom dela é que... ela não é... não é muito rígida igual... lá no Júlio Muller, que... tem certos tipos de coisa, eu acho que são muito chatos, que uma vez eu fui estudar lá, e... você não pode entrar com celular e nem com certos tipos de objeto, boné, essas coisas, e... o lado bom daqui, é que... cara, eu não entendo essa escola, agora... agorinha mesmo eu estava conversando com os moleques, ah, sobre o celular, eles nem deixam e... eles deixam de vez em quando sim, mas é poucas vezes da gente mexer no celular, no final da aula, e isso as vezes é muito chato, tem um professor que eu não vou citar o nome, que é meio chatinho, que não deixa a gente nem olhar as horas, se tiver com o relógio e olhar assim, já é considerado olhar no celular, aí isso é meio chato, né? A gente não tem nem a liberdade de mexer no celular.”*

Gabrielly: *Eu acho que a escola é boa no ensino, só que como em todas as escolas, a escola tem regras. Mas tem outras que ninguém suporta. Entende? E, muitas vezes, os professores repreendem muito os alunos. Não sabem o que que tá passando lá na casa. Aí fica falando sem saber. Aí o aluno vai tentar questionar alguma coisa e o professor que tá certo. Então é difícil.*

Beatriz: *Na verdade, eu não tenho nenhum problema com as regras, tipo, nenhum, porque eu acho elas bem necessárias. Só a do uniforme que é uma exceção ali, mas fora isso, regras não me incomodam e eu tento ao máximo seguir elas, eu tento, mas ...*

Antony: Tipo, tem algumas coisas, por exemplo, que na aula de Educação Física tem gente que não pode vir, mas mesmo assim alguns professores falam, ah dá seu jeito, o problema não é meu, tipo assim, e isso é desrespeitoso, ele não sabe o que passa na casa do aluno.

No caso dos adolescentes da escola pública, apontam que a rigidez usada por meio das regras é fator ruim de uma escola. A escola é comparada com outras nas quais estes alunos já estudaram e se assemelham na proibição de uso de alguns tipos de pertences como boné e celular. Apontam que o uso do celular, em sala de aula, causa problemas para alguns professores, sendo que para outros, o uso é permitido mediante uma negociação entre os alunos e o professor, ao final da aula teriam permissão ao acesso do celular desde que as conversas fossem diminuídas durante a aula.

Flaviane: Tipo assim, eu acho que restrição de celular, tudo bem, tipo na hora do conteúdo que tá passando no quadro, não utilizar, mas pelo fato de... estar perto de bater o sinal, a gente dar uma olhadinha pra saber que hora é, eu acho que não é demais, sabe? Mas agora ficar toda hora ali, afirmando, afirmando, aí, eu não acho isso muito certo.

Icaro: O que eu não gosto mesmo é do boné e do simples fato do celular, é uma das regras que eu não gosto.

Alguns alunos compreendem que a disciplina, enquanto cumprimento das regras escolares, são de extrema importância, visto que sem elas, o ambiente escolar seria demarcado por muitas desorganizações, principalmente nas relações. Já outros pensam que uma escola sem regras seria interessante e legal. Isto não significaria que a escola se tornaria desorganizada, pois, para além das regras escolares, os alunos devem ter educação que vem de casa.

Sugerem que deveria haver uma escola para adolescente, pois, para eles, a indisciplina é aprendida. Justificam esta afirmativa ao considerar que os alunos menores compreenderiam que eles poderiam fazer o mesmo que os alunos adolescentes.

Icaro: Esse cara falou ontem... lembra? A criança estudando perto de adolescente não é uma coisa boa, ou... tipo, é uma coisa boa, para adolescentes que seguem as regras, agora pra adolescentes que não seguem, a criança vai olhar e vai falar Nossa, isso é tão legal, vou fazer igual ele. Eu tenho um primo meu que ele... eu sigo ele... tudo que ele faz eu tento fazer, menos algumas coisas que... ele me explicou, que ele não quer que eu faça, fumar, cheirar, essas coisas, ele não quer que eu faça, que eu entre pra esse caminho, então ele cuida de mim, ele pegou e falou... eu sigo ele totalmente, tipo, ele é bom com computador, eu segui ele e agora eu sou bom com computador, ele sabe mexer em celular, tipo programar celular, fazer altos negócios, eu aprendi com ele... mexer em PS3, todos os tipo de PlayStation, eu sei, eu aprendi com ele.

Quando questionados sobre a definição de indisciplina escolar, os alunos da escola pública a definiram como o descumprimento das regras do regimento escolar, como por exemplo: o uso de bonés, de calças rasgadas, de brinco masculino, de chinelo e, também, sair da sala durante a troca de professores, ficar nos corredores da escola, usar o celular, incomodar o professor, sentar em grupo na sala, se alocar no fundo da sala, fazer questionamentos sobre as regras ou sobre a disciplina, conversas paralelas, falar alto, agressões verbais e físicas, faltar aula ou “matar aula”, que neste último caso se trata dos alunos que ficam dentro do banheiro à espera da finalização das aulas, não fazer as atividades, não demonstrar interesse em aprender.

Estes alunos não concordam com estas concepções, para eles os professores se equivocam ao conceber estas regras para disciplinar o comportamento dos alunos com objetivo de torná-los bons alunos, ou seja, aquele das quais os professores não têm do que se queixar, pois estes seguem todas as regras.

Icaro: Que nem tipo, eu peguei uma regra, bem antes mesmo, mas nessa escola aqui, que... não podia vir de brinco, e um colega meu veio de brinco, e o professor acabou falando um monte de coisa pra ele, que tipo, tinha que tirar o brinco porque tinha que tirar, aí ele tinha acabado de colocar o brinco, e se ele tirasse ia infeccionar, né? Aí ele pegou e voltou pra casa, por causa de um brinco

Flaviane: Não pode sair da sala antes do professor chegar.

Icaro: Isso é meio chato, né? Ficar preso na sala de aula.

Alguns alunos da escola pública afirmaram que são considerados indisciplinados pelos professores pelo fato de se sentarem no fundo da sala, por conversarem em sala de aula ou mecher no celular. Os alunos abordaram o regimento escolar que, na perspectiva deles, se tratam das regras que a escola define e impõe aos alunos. A maioria concorda que parte destas regras são necessárias para a organização do ambiente escolar. Outras, concordam que algumas não deveriam existir, pois, não fazem sentido ou não interferem no sistema de funcionamento da escola.

Icaro: O boné não vai interferir em nada véi, a sala está... congelada lá, eu cheguei a olhar e falar: Ah, a sala tá congelada, eu acho que pode colocar o boné né? Vai esquentar o cérebro.

Outros alunos da escola pública analisam que a indisciplina escolar está para além do descumprimento de regras. Explicam que sua ocorrência está para um modo de se relacionar, demarcado pelo desrespeito de ambas as partes e ocorre desde a chegada nas imediações da escola, como por exemplo na rua da escola, na portaria, no pátio, na sala de aula ou na coordenação. Portanto, a indisciplina escolar não se aplica somente à sala de aula, tampouco

somente aos alunos, pois sempre interagem com um funcionário da escola, e estes, por sua vez cometem indisciplinas, os desrespeitam. Nesse sentido, o termo indisciplina escolar deveria incluir todos da escola, não somente os alunos. Aqui os alunos colocam o desrespeito como sinônimo de indisciplina.

Vale mencionar que, parte dos alunos deste grupo, revelaram que são considerados indisciplinados pela escola. Estes enfatizam que a indisciplina faz parte do desenvolvimento humano. Concordam que a disciplina é importante, ela implicaria na obediência e no respeito que é adquirido na criação familiar. No entanto, a indisciplina faz parte deste mesmo desenvolvimento. A indisciplina pode ser vivenciada tanto na escola quanto em outros espaços.

Os meninos deste grupo afirmam não compreender a proibição do uso de bonés já que a maioria dos adolescentes tem o hábito de usá-los. Apontam ainda que, no caso das meninas, se faz pertinente as regras das vestimentas por motivos de possíveis constrangimentos como já ocorreram, ao usarem roupas curtas. Diante disso, afirmam que é contraditória a aplicação destas regras, ao perceberem que, as regras em relação à vestimenta das meninas nem sempre são cumpridas e são mais flexibilizadas na portaria da escola, enquanto o uso de bonés que, não causariam nenhum desconforto coletivo, é rigidamente cumprido.

Flaviane: Ah... questionamento da calça, do boné eu acho, porque... a maioria dos meninos da escola usam boné, sabe? Então se fosse pegar a cada boné, diretoria estava cheia de boné, então eu acho que isso é uma regra meio... meio estúpida.

Emanuele: Ah então ó, tem regras que... tipo boné, o boné eu acho que não interfere em nada quando o aluno está aprendendo, então é como se fosse uma coisa inútil de colocar numa restrição da escola, mas, mas, tem alunos que vem com boné, e eles deixam até usar, os professores deixam usar boné, mas aí, mudando, indo pra coisa da roupa, tipo Não, não vem com nada curto.

Icaro: Chamativo.

Emanuele: saia curta, assim, como se fosse algo chamativo, e aí isso traria problema, porque tipo, podem acontecer várias coisas relacionadas a isso, tipo já teve aluno gravar menina sentando tipo... [Risos] então, e é isso, deixar, colocar numa norma, é... uma restrição na escola, tipo, é... boné, e os alunos vim, tá tudo bem, mas agora, colocar lá que não pode usar coisas curtas, e as alunas vim, e eles também, estão nem aí, aí é uma coisa meio contraditória, realmente, porque tipo assim, como eu disse, boné não trás nem um... problema, já agora, roupa curta trás, e eles deixam vim, aí tipo, uai, não dá pra entender.

A noção de indisciplina, para os alunos, está voltada para atitudes de desrespeito entre alunos e equipe pedagógica. Observe-se que o aluno questiona a regra, porém não obtém respostas ou sinais de encaminhamentos para uma readaptação, por este motivo algumas regras como o uso de boné ou conversas em sala de aula não seriam consideradas indisciplina.

No intuito de evitar a indisciplina como, por exemplo, brigas entre alunos, esta escola não concede intervalo aos seus alunos. Este grupo explica que, por motivos de conflitos entre alunos, esse momento foi tirado de modo geral. Apontam que este seria um momento importante para as interações entre os amigos e não seria somente de brigas. Criticam este modo de intervir e apontam que deveriam pensar outros meios de evitar os conflitos já que não podem opinar.

Marisa: *Aqui não tem intervalo.*

Flaviane: *Não pode sair da sala antes do professor chegar.*

Icaro: *Isso é meio chato né? Ficar preso na sala de aula.*

Outro motivo de descontentamento se refere à permissão para ir ao banheiro e beber água. Nessas situações são controlados por um agente de pátio, já ocorreram situações de serem impedidos no meio do caminho, tendo que retornar para sala sem fazê-lo, pois, durante o percurso houve aglomeração de alunos com a mesma finalidade. Para eles, isso se torna excessivo e provoca reações nos alunos de quebrar estas regras por serem condições básicas e abuso de autoridade, já que consideram apenas os professores e coordenadores em uma escala de autoridades na escola.

Semelhantemente, na escola privada, nos primeiros momentos do encontro, a indisciplina escolar foi definida como sendo o comportamento de não usar uniforme completo, piada sem graça, bullying, desrespeito, gritaria, falar alto, conversas paralelas, movimentação durante a aula, fazer perguntas excessivas, atrapalhar a aula, exposição de opinião, questionamentos ou contraposição em detrimento das apresentadas pelos professores ou discussões com os funcionários da escola.

Após aprofundar sobre o tema, os alunos reelaboraram as definições e especificaram o comportamento de indisciplina como sendo: Piadas sem graça, bullying, desrespeito, gritaria, falar alto, xingar professores e atrapalhar a aula. Desconsideraram as conversas, as movimentações em sala de aula, as discussões e exposição de opinião.

Percebe-se com isto que não há um consenso sobre o que seria indisciplina escolar ao apontarem que há a perspectiva do professor, do regimento interno da escola, sendo as primeiras referências, e a dos alunos, consideradas as segundas proposições.

Melanie: *Eu não sei se é bem tipo indisciplina, é que às vezes você conversa, mas você não percebe. Aí os professores fica tipo: Ah, não sei... que você tá falando demais! Você não era*

assim. [Risos] Ah! A gente muda tipo sabe! - Ah beleza, então, deixa eu voltar a conversar aqui.

Melissa: Ou quando você vira para trás só para olhar algo o professor já tá reclamando! Aí vai reclamar com outro professor, que vai reclamar com a diretora. Aí já coloca coisa em você.

Juliana: Ou porque, também, tipo, você vai tirar dúvida com seu colega, porque o professor não tirou e ele pode chamar sua atenção e falar tipo assim que você não era assim, que você se tornou essa pessoa que fala muito alto e que fica atrapalhando a aula dela, mas tipo assim a gente não queria, entendeu?

Lauany: Ou também quando a gente expõe sua opinião que é diferente das dos professores, eles acham que a gente está desrespeitando eles Sendo que é uma opinião totalmente diferente, mas que eles não aceitam aquela opinião, Porque ele é professor e a gente está errado e está faltando com respeito só porque a gente está respondendo.

Melanie: Eles querem que a gente aceita opinião deles. Mas eles não querem aceitar a nossa! Entendeu? Tem que ser do jeito deles.

Melissa: É tipo só eles tão certo e a gente não. A nossa opinião não vale pra eles.

Melanie: Nem todos os professores.

Melissa: É nem todos os professores. Tem professores que são bem duros tem alguns que até aceitam, mas alguns que batem de frente, tem que ser a dele. Mas eles que são mais véi que a gente, eles também tem que entender nosso lado véi

Outros alunos reiteram que, nem todos os itens do regimento escolar que indicam o que é disciplina, determinam o que é a indisciplina escolar. Para eles, a indisciplina escolar não deve ser compreendida a partir do regimento. A exemplo disto, citam as conversas paralelas que, para os professores, são consideradas indisciplina, o não uso do uniforme ou até mesmo permanecer na sala de aula durante o intervalo. Na perspectiva destes, regras como estas deveriam ser reformuladas considerando o consenso dos alunos.

Alguns alunos sugerem que haja um modo contextualizado para a avaliação da ação considerada como indisciplina. Isto significa considerar todo o contexto de sua ocorrência considerando todos os envolvidos não somente o aluno. Além disso, ouvir o que o aluno tem a dizer sobre os fatos. Acerca disto, os alunos criticam que nem sempre o aluno é ouvido, e somente os professores. Ainda ressaltam que qualquer tentativa de justificar seus comportamentos é um fator que agrava mais a situação. Deste modo, propõe que seja realizada uma avaliação acurada das circunstâncias.

Melissa: Eu acho que deveria haver mais respeito e compreensão por parte dele pra saber sobre nossa opinião e alguns na maioria não querem aceitar. Eu acho que eles devia entender

nossa opinião, ver o nosso lado da moeda, aí quando a gente pede algo e eles não querem fazer, eu te entendo, só que a gente quer saber também porque não quer, e eles também meio que como eles vão ver a nosso lado a gente tem que entender o lado deles, agora me perdi do que eu ia falar.

Pesquisadora: Como que vocês acham que deveria ser tratado por eles?

Melanie: Eles tratam a gente com respeito só que as vezes a gente quer expressar nossa opinião e eles meio que não deixa expressar nossa opinião porque eles acham que a deles estão certa e tem que ser daquele jeito.

Nota-se que entre os alunos não há um consenso sobre o que é de fato indisciplina escolar, havendo discordância entre si. Para alguns alunos, cada comportamento nomeado como indisciplina escolar deve ser analisado dentro de um contexto do seu acontecimento. Nesses casos, alguns comportamentos seriam justificados e não se encaixariam como indisciplina escolar. A exemplo disto, citam a exposição do pensamento, questionamentos ou contraposição em detrimento do professor.

A maioria dos alunos concordam que a indisciplina não se trata apenas do aluno. Aqui os alunos incluem os professores que gritam em sala de aula. Geralmente os professores gritam ao pedirem silêncio e organização da turma. Uma pequena parte dos alunos se queixam destas atitudes, alegando dificuldade de concentração, pois há muitas interrupções durante a aula, também percebem que, com isso, os professores ficam irritados e impacientes. O que de certa forma inibe a participação do aluno e alguns optam por ficar em silêncio e não questionar.

Gabriely: Muitas vezes o professor chama atenção de muitos da sala e quem tá quieto se irrita, porque tem pessoas conversando e tá, ele pede silêncio a cada dez minutos, isso irrita quem tá quieto, precisa se concentrar, mas toda hora o professor vai e grita silêncio, silêncio, e isso irrita, é estressante você ouvir uma coisa sendo que você tá quieto, entende? É muito chato isso, acho que eles são rígidos, mais são sei lá, maneira no jeito que eles tratam quem não tá conversando. Sinceramente isso irrita quem tá quieto.

Os alunos da escola explicam que a gênese da indisciplina escolar estaria no modo como a família disciplina ou não os filhos. Segundo eles, a educação familiar é responsável pelo aumento da indisciplina. Portanto, uma forma de intervir na questão da indisciplina escolar é trabalhar com a família do aluno. Para os alunos da escola pública, a indisciplina ocorreria em qualquer ambiente. Explicam que a noção de disciplina é transmitida primeiramente pela família. Nesse sentido, a família teria como função preparar os filhos para se relacionarem com a sociedade a partir dos valores de convivência. O que eles percebem é que os pais não corrigem os filhos nos momentos em que deveriam e, nessas circunstâncias, a criança ou o adolescente cresce com a perspectiva de que ser indisciplinado seria normal, como um modo de ser.

Icaro: É que nem igual aqui ó, a gente é... é... tipo, meio que favelado, vamos se dizer assim, a gente é quebrada mêmô, tem uns pais que... que nem é pai mêmô, ele chega, chega lá faz o filho na mulher e deixa só cuidar, é... é tipo, pro pai... pro filho, ele vai crescer só com um... só respeitando a mãe, e... aquilo, a mãe, as vezes passa muita mão na cabeça, não ajuda na disciplina, não dá a disciplina que o filho precisa, e... aí chega nos lugares, a pessoa simplesmente acha que isso é normal, e vai lá fazer igual ele faz em casa, a mãe as vezes é mole, e trata o filho como... é... o filho cresce, vai ensinando o filho assim, como é que é?
Flaviane: Dando tudo na mão, achando que a vida é mais fácil.

Ainda sobre isto, os alunos explicam que, ao chegar na escola, o aluno iria reproduzir aquele modo de se relacionar com os demais da escola. Apesar da escola ter regras rígidas, este aluno teria maior resistência em cumpri-las, já que não faz sentido o cumprimento de regras no seu contexto familiar. Assim, a indisciplina é um modo de se relacionar com os outros com base naquilo que o sujeito internalizou das regras familiares de convivência.

Icaro: É... que nem... é a geração Nutella, que o povo tá falando, que a mãe Acorda meu filho., aí... o filho vai lá e briga com a mãe, começa a falar alto com a mãe, até bate na mãe, fala mal dela, aí chega na escola e quer fazer o que faz em casa, acha que porque não é pai, porque não é mãe, eles tem que fazer pior do que eles fazem com pai e mãe.
Pesquisadora: Então vocês acham que começa em casa?

Icaro: Começa em casa.

Todos -Sim.

Pesquisadora: Se não tiver em casa, quando chegar na escola, ele não vai ser disciplinado?

Flaviane: Porque... ele pensa que porque ele faz isso com a mãe dele, ou com o pai, até com o colega mesmo que o colega fica quieto, então tipo, ele acha que é certo sabe? Igual alguns alunos... tipo... por exemplo, ele faz uma gracinha, todo mundo começa a rir dele, ou tipo assim, do nada fazer uma gracinha e... ele acha que pra ele tá certo ele fazer esse tipo de brincadeira, sabe? Então tipo, ele acaba falando Ah, eu vou continuar porque isso é certo., mas provavelmente ele...

Emanuele: Ou então também ele nem faz porque tipo assim, isso é certo, ele pode estar pensando que aquilo é errado, mas como alguém gostou, ele fala assim Ah, eu tô agradando, então ela tá achando isso que eu disse engraçado., é tipo, uma pessoa que faz piada, se a pessoa rir, ela vai continuar fazendo piadas, agora se ela fizer uma piada e a pessoa não rir, ela vai falar Ah, eu não consegui alegrar a pessoa...

Os alunos da escola pública atribuem, também à família, a produção da indisciplina. Explicam que a família exerce um papel fundamental na vida escolar dos alunos, por meio do acompanhamento e participação das atividades propostas pelas escolas.

Emanuele: *É... tipo, a família tem que estar presente, aí também a escola... como eu falei lá, é o tipo de[procurando palavras para expressar] que avalia os alunos aqui, tipo é embaçado, até ele [procurando palavras para expressar] e também, isso não ajuda o aluno, até atrapalha mais ele. Então assim, a família poderia também dar mais atenção Filho, o que você aprendeu na escola? Ficou alguma dúvida? E tal, tipo, eu vou procurar ajudar o filho, os professores terem mais atenção com os alunos, incentivar mais, porque também tem uns professores que tipo... Vamos dizer, que excluem o aluno, só porque ele já está digamos... perdido. Aí, tá perdido não vai voltar, não quer nada com a vida, então....*

No ponto de vista deles, a participação dos pais é um fator motivador para investirem nos estudos. Quando os pais não os acompanham o aluno se sente incapaz e desmotivado. Igualmente, explicam que sentem a necessidade de ajuda nas atividades escolares e de expressão de afeto na relação familiar. Para eles, isto colabora para que se dediquem e compreendam melhor a própria realidade vivenciada nas relações escolares.

Como citado acima, os alunos propõem uma avaliação mais contextualizada da ação considerada indisciplina, já que muitas atitudes podem não ser interpretadas como indisciplina.

Lauany: *Olha na minha opinião eu acho que não deveria ser considerado indisciplina[a conversa], mas também, porém o aluno não pode começar a xingar o professor, atrapalhar ele na explicação, colocar um monte de coisa que não tem nada a ver, mas agora se ele deixar a professora terminar de explicar ou o professor tudo certinho, aí ele te pergunta se entendeu ou tem alguma dúvida ou se a gente acha que aquilo não tá certo, a gente fala de uma forma educada que ele possa entender, só que mesmo assim não dá certo.*

Depreende-se assim, que os alunos da escola pública e privada reproduzem a culpabilização da família em que seria ela a responsável pelo comportamento aprendido da indisciplina. Rompem com essa perspectiva ao perceberem que a indisciplina não deve ser direcionada apenas ao aluno e sim ao modo que se relacionam, nas condições materiais que os alunos têm acesso, nas concepções que professores carregam consigo sobre o aluno. Nos saberes pedagógicos que não são resgatados para compreender as dificuldades do aluno e assim pensar modos que viabilizem a potencialidade do aluno. Os alunos, expressam resistência ao modelo autoritário e almejam um modelo democrático nas relações escolares.

Inicialmente, explicam que há alguns colegas que compreendem melhor algumas disciplinas e apresentam potencialidades para explicar os conteúdos com uma linguagem mais compreensível do que o professor, por esse motivo uma dessas situações a conversa aconteceria e seria necessária. Os alunos declaram que, conversas paralelas de fato acontecem, pois, é na escola que seus pares se encontram e se torna inevitável o silêncio tão desejado pelos professores. Nestes casos, apresentam consciência de que isto de fato perturba a condução da

aula ou causar a desatenção no conteúdo. No entanto, para eles, isto é normal e sentem que deveriam ter este espaço para expressão.

Outras atividades consideradas como indisciplina escolar, mas que não deveriam, são: as discussões de conteúdos ou a expressão de suas opiniões durante as aulas, sejam aquelas sobre as disciplinas ou aquelas sobre os acontecimentos na atualidade. Explicam que geralmente essas discussões resultam em situações conflituosas por se contrapor aos professores e com isto, já são considerados indisciplinados, nomeado como bagunça.

Ainda sobre o que não deveria ser considerado indisciplina escolar, citam o caso das movimentações em sala de aula que devem ser desclassificadas como indisciplina escolar. Para alguns alunos, é muito difícil ficar horas sentados e imobilizados dentro de sala de aula em silêncio. A disciplina que os professores almejam durante suas aulas acaba por ser considerada pelos alunos como sendo rigorosa, inapropriada e utópica.

4.4. A relação professor-aluno e a implicações no processo de ensino-aprendizagem

Os alunos de ambas as escolas fazem distinção entre aqueles que são rígidos ou autoritários e os que não são. Para eles, a relação é considerada boa quando o diálogo é possível e assim estabelece uma relação pautada pelo respeito e pelo interesse do professor estimular o interesse do aluno nos estudos. Embora destaque-se a importância do professor que os ouvem, que é dedicado ao ensino, os alunos criticam a postura do professor autoritário. Para os alunos da escola pública, a cobrança dos professores é considerada como algo importante e bom, pois demonstra a dedicação do professor no processo de ensinar. Enquanto os alunos da escola privada se queixam das excessivas cobranças dos professores sem ao menos certificar de que o aluno aprendeu o conteúdo. Isto aconteceria para com a família.

Leonardo: *É, mas a aula dele é melhor, ele explica certinho, ele explica certinho.*

Emanuele: *E a outra professora, que... ela faz também, o contrário, ela dá alguma coisa no quadro, ela tipo... cobra do aluno. Sei lá quem, você fez? Está com dúvida? Ou... aí, sei lá quem, tá com dúvida? Eu vou aí te ajudar.*

Icaro: *Ou as vezes ela nem explicou, ela nem explicou, mas ela está cobrando.*

De acordo com os adolescentes de ambas as escolas, as relações que estabeleceram na escola, de modo geral, amigos, professores, gestão, são consideradas boas com ressalvas. Os alunos da escola pública reconhecem a importância da escolarização, como forma de apropriar-se de conhecimentos que são distintos daqueles que recebem de seus pais. Para eles, os conhecimentos apropriados na escola lhes permitem atuar no mundo, no mercado de trabalho e

vida cotidiana, pelo simples fato de saber ler e escrever. Diferente dos conhecimentos adquiridos nas relações familiares que são importantes e os conduzem a escolhas de um modo de vida.

Icaro: Eles cumprem as regras deles, tem vez que extrapola, sim extrapola, é normal, mas... tem vezes que... eles seguem normalmente, diariamente, são de boa conosco, eles conversam com nós, como se fossem nossos amigos mesmo, pra mim um professor é como um pai e uma mãe.

Flaviane: É, porque a gente passa algumas horas com eles.

Icaro: Algumas horas do dia com eles, a gente observa, a gente aprende, eles ensinam mais que o nosso pai e a nossa mãe, certo porque nosso pai e a nossa mãe sabem o que é errado e o que não é, mas eles que estão ensinando a gente a ler, a escrever, aprender coisas novas.

Flaviane: Adquirir conhecimento pro futuro.

Icaro: Conhecimento pro futuro.

De acordo com estes alunos, alguns professores marcam, focam em apenas alguns alunos para se dedicarem ao ensino. Enquanto outros alunos são desprezados. Segundo a maior parte dos alunos, isto ocorre por motivos pessoais do professor, pois não há um critério explícito para que isso ocorra já que esta dedicação deveria se estender a todos. Para os alunos de modo geral, o papel do professor é ensinar sem fazer acepção de alunos.

Flaviane: Isso, eu acho que pelo falo... por exemplo, ele leva... uma coisa que eu fiz pra ele que ele não gostou, eu acho que ele leva muito pro pessoal, não estou falando só de um professor tá? Acho que tem uns dois professores que é mais ou menos assim, e tem alguns alunos lá da sala também, que faz bastante bagunça, e nisso eles pensam que em todas as aulas vão ser assim, então ele meio que deixa pra lá o aluno, entende? Meio que deixa esquecido, e ajuda pra quem realmente quer, mas acontece que o aluno, ele... ele quer, ele precisa, mas as vezes ele não demonstra isso, entende? Então eu acho que um pouquinho vai de um impulso, na questão da... de educar um aluno com dificuldade, é mais ou menos isso...

Os alunos concordam entre si que relações como estas prejudicam o processo de aprendizagem. De acordo com os alunos da escola pública, no caso do aluno indisciplinado, os professores os esquecem e se dedicam somente àqueles que demonstram mais interesse. Na opinião deste grupo, isto é errado já que o aluno considerado indisciplinado precisa aprender e tem interesse, no entanto, não consegue demonstrar. No ponto de vistas desses, os professores deveriam impulsioná-los e não esquecê-los.

Flaviane: Então, tipo... alguns professores falam que... pelo fato deles já terem uma faculdade terminada, ter um ensino mais avançado, falam que os alunos é que tem que procurar o

professor, sendo que... o aluno tem uma certa dificuldade em interagir com o professor, então eu acho que o professor tem que estar um pouquinho mais presente nessa área, então eu acho que... o aluno... logicamente a gente não vai segurar ele na cadeira e falar Não, copia., logicamente, eu acho que... e tá mais presente nessa fase, que isso é só uma fase, entendeu? Porque muita gente está aqui pensando que sair da escola é a melhor opção, mas mais pra frente a gente vai sentir como que é, entende? Então eu acho que o professor, ele... pelo fato dele ter um ensino mais avançado, bem mais avançado que o nosso, é... essa parte dessa questão que eu tinha falado.

Emanuele: Digamos que o professor cobre de você, mas ele não quer ajudar de uma forma.

A tensão é citada pelos alunos da escola pública como um elemento disparador de conflitos entre alunos e professores. Os alunos notam que professores chegam, em sala de aula, estressados e isto atravessa o modo de se relacionar com os alunos e por vezes, durante o conflito, ocorrem situações de violência. Estes alunos compreendem que a indisciplina escolar pode ser um disparador do estresse no professor, mas percebem que pode ser desencadeado por problemas pessoais. Os alunos relatam que estes professores sempre pedem por respeito mas, contraditoriamente não oferecem respeito.

Flaviane: E tem alguns professores, que tipo, chegam um pouquinho atrasado, e a gente fica só na frente da sala, sabe? Aí tem alguns professores que brigam, Se estiver fora, vai ficar fora da sala de aula mesmo., tem alguns professores que já chegam descontando a raiva, como se eu fosse responsável por aquele dia, entende? Isso porque nem é professor, nem era, mas tá tudo bem.

Icaro: É, tem o nosso querido diretor, ele... antigamente quando ele dava aula, ele chegava nas crianças que falavam muito e falava desse jeito assim, era... se você não pegou isso quando ele dava aula, é porque ele parou, ele simplesmente falava pros meninos Eu vou encher a sua boca de papel e vou levar você na diretoria., e realmente uma vez ele quase fez isso com um guri, eu achei isso meio... injusto né? Meio agressivo.

Emanuele: Isso! Se ele chegar exaltado assim, a gente tem que, tipo assim, ter consciência de que ele está estressado, e que... se ele está ali no lugar, como é que a gente estaria no lugar dele? E nós tin... tem... Nós tínhamos que, assim, colaborar com ele, mas tem os professores que também não tem já aquela paciência que deveria ter, então a gente que está entendendo o lado dele, que está, tipo assim, tá bom, você chegou irritado, a sua aula quieto, todo mundo quieto”, mas não, aí já chega zangado, brigando, mandando calar a boca.

Nas duas escolas ocorrem as punições escolares tais como: advertência, expulsão de sala de aula e reunião com os pais. Estes alunos consideram ações como estas desnecessárias. Como consequência destas situações, grande parte dos alunos relatam que são “marcados” pelos professores e com base nisto, concluem que não tem liberdade de expressão.

Lauany: Olha não da muito da gente se expressar, essa revolta, porque com certeza seria punido, vai ser reprimido, vão chamar nossos pais, vão nos dar outra bronca e vão ficar calados novamente e ficar com raiva e com pensamentos de outras opiniões.

Alguns alunos explicam que, no caso acima citado, isto é atribuído como desrespeito para com os professores. Porém isto só acontece em situações em que o diálogo não ocorre. A maioria dos alunos, ao se sentirem incompreendidos, diante das punições escolares, opta por agir conforme julgam ser correto em sua própria defesa. Nesse sentido, alguns respondem, questionam e resistem ao cumprimento das punições ou preferem se calar. Nestas circunstâncias, estes alunos são considerados, pelos professores, como desrespeitosos, esta seria uma das “marcas” do professor. Em outras palavras, seriam rotulados pelos professores, o que perduraria por longo tempo na escola.

De acordo com os alunos da escola privada, uma das atitudes dos professores em conter o aluno indisciplinado é a “expulsão de sala aula” e o encaminhamento para a diretoria e reunião com os pais. Nessas ocasiões, apenas a versão do professor é ouvida ou considerada. Os reflexos da punição escolar incidem na relação com os pais que, por sua vez, retiram o que mais gostam, ou seja, o uso de celular. Com isso, a maioria dos alunos concordam que, situações como estas fazem com que os alunos percam a confiança nos professores e se sentem envergonhados e humilhados, por ser público o “castigo escolar”. Na perspectiva dos alunos isto ocorre pelo fato de que os professores utilizam o aluno considerado indisciplinado como exemplo para a turma, caso ocorra situações semelhantes.

Os alunos da escola privada também relatam que, como forma de controlar a indisciplina escolar, os professores aplicam punições tais como, limitar a saída da sala de aula para beber água ou ir ao banheiro. Isto pode se aplicar de modo individual ou para o coletivo.

Juliana: Acho que agora um ponto que eu acho que deveria ser é, tipo assim, algumas aulas, alguns alunos e algumas alunas estão com vontade de ir ao banheiro ou com sede e isso pode prejudicar o aprendizado e alguns professores não deixam você sair e quando você tá apertado você não consegue prestar atenção no assunto, aí chega no dia da prova e você não concentrou e tirou nota baixa e isso não é por causa que, tipo, você não estudou, é por causa que a gente tava com alguma coisa no organismo, tava com dor ou tava com vontade de ir ao banheiro e isso é um ponto que eu acho que é importante.

Antony: Que nem determinado aluno faz algo e aí a sala inteira é punida só porque determinado aluno faz, aí você não pode ir no banheiro, não pode mexer pra ver a hora, não pode sair pra ir ao banheiro, não pode fazer nada por causa de determinado aluno.

Alguns alunos apontam que o erro em aplicar sanções disciplinares consiste na falta de avaliar o contexto em que a indisciplina ocorreu e todos os envolvidos sem exceções. Punições

como estas deveriam ser revistas, já que são necessidades fisiológicas e nem sempre é possível controlar. Já para os alunos da escola pública, as sanções disciplinares contribuem para a exclusão do aluno, o que não contribui para que este desenvolva o interesse no seu processo de escolarização.

De acordo com Godoy et al (2006) a indisciplina escolar precisa ser contextualizada pois é no contexto é que são construídas as relações e é nela em que se movimentam isso contribui para não incorrer no risco de culpabilizar este ou aquele da comunidade escolar.

Flaviane: Pra mim a única coisa que precisa é de uma ajuda, de um aperto de mão e falar Eu estou com você pro que der e vier, mais ou menos isso.

Icaro: É igual eu, ele... quando eu tipo, pego e falo assim Eu não quero nada., eu não estou dizendo Ah, eu não estou nem aí pra mim., ele só tira eu do meio de todo mundo ele fala Se você não quer, você fica aí., Eu já fui excluído altas vezes, não vou falar que eu não queria, queria ser excluído, pra mim... mas se ele pegasse no meu pé, eu iria com certeza, eu ia enxergar, eu falo isso porque eu sou um adolescente, eu ando passando por isso, eu sei o que eu estou sentindo, se tiver um impulso e ele falar pra mim, eu vou, eu não reclamo, tudo que... tipo, eu estou vendo que eu estou fazendo a coisa errada, eu tento corrigir ao máximo, ao máximo pra mim... andar no caminho certo.

Flaviane: É tipo, ele não se preocupa, ele só fala Ah, eu já estou formado, agora se o aluno não quiser, eu deixo lá., entende?

4.5. Os alunos considerados indisciplinados, quem são?

Os alunos da escola privada elencaram os principais atributos de um aluno considerado indisciplinado. De acordo com eles, o aluno indisciplinado é aquele que apresenta mal comportamento, foge dos padrões que a escola, é o aluno que bagunça, é aquele que desrespeita as regras da escola ou aquele que desobedece ao professor. Igualmente, pode ser considerado aquele aluno antissocial e que faz bullying.

Melanie: É quando o aluno tipo não se comporta muito bem. É isso!

Beatriz: E quando o aluno foge dos padrões que a escola exige para ele, quando ele não é disciplinado, ele meio que bagunça na sala entre outras coisas, ele é fora daquele padrãozinho que a escola exige.

Graziely: Ele não respeita as regras, ele não respeita os professores nada do que a escola exige.

Lauany: *Também ele não tem um social muito bom, tipo, ele não, não tem muitos amigos, não gosta de conversar com ninguém, faz maldade na sala de aula. Entre outros.*

Pesquisadora: *Quando vocês fala assim, faz maldade em sala de aula, o que inclui dentro dessas maldades?*

Melanie: *Piadas sem graça.*

Lauany: *Muitas vezes têm bullying...*

Beatriz: *'Bullying é o ponto principal.*

Para este grupo, a indisciplina se apresenta em meio há uma série de maus comportamentos se comparados ao regimento interno da escola. Este regimento, segundo eles, é apresentado no início do ano letivo ou quando ocorre a quebra de algumas regras da escola. Para este grupo, o aluno indisciplinado é aquele que está fora dos padrões comportamentais exigidos pela escola. Assim, é o aluno que bagunça, não cumpre algumas regras da escola, não obedecem a algumas ordens dos professores e por outros motivos de desrespeito com os colegas são considerados antissociais ou *bullye*.

Os alunos da escola pública explicaram que, em uma sala de aula há diversos grupos, que são nomeados pelos professores como: os interessados em aprender, o povinho do fundão e aqueles que não querem nada ou não fazem nada.

No que se refere a estes grupos, os alunos explicam que especificamente os alunos que não fazem nada, na verdade é o aluno copista. Por aluno copista, a partir dos argumentos dos adolescentes como aqueles alunos que ora ficam em silêncio, ora se distraem com qualquer situação que ocorre na sala e por vezes não se integram na bagunça dos alunos considerados indisciplinados. Na maior parte do tempo permanecem sentados sem prestar atenção na aula dos professores. Ao final da aula este aluno faz o que sabe: apenas copiar. No entanto, isto não seria um indicativo de aprendizagem.

Marisa: *A maioria deles viram aqueles engraçadinhos.*

Flaviane: *É, viram engraçadinhos, o aluno desiste assim, de tentar, de ter o mínimo de esforço possível pra tentar... adquirir conhecimento, tipo Ah, ele não tá nem aí pra mim? Então tá bom, eu tô muito menos, , então ele vai acabando ficando com mágoas do professor, e ele pensa que ele que é o culpado.*

Icaro: *A Flaviane conhece, eu já fui excluído dos professores e falaram Se virem aí, se virem aí.*

Flaviane: *Hurrrum...*

Icaro: *Eu pegava e falava: Esquece, isso aí não é pra mim não e desistia, e ficava parado, eu, as vezes eu nem conversava, ou... ficava só isolado conversando, conversando, conversando, e não entendia nada.*

Marisa: *É porque, vamos analisar assim, se nem o professor acredita em mim, pra que que eu vou acreditar? Então eu vou ficar lá, e ele vai continuar passando essa resposta no quadro e eu copio, e é isso aí, vou passar de ano e [Interrompida]*

Esses alunos explicam que a situação de ser copistas ocorre ao longo de sua trajetória de vida escolar. Para eles, em algum momento do processo de escolarização o aluno copista não conseguiu aprender, a ler, a escrever e fazer operações básicas de matemática. Por esse motivo, quando já estão no nono ano, não conseguem acompanhar o desenvolvimento da turma, tampouco compreender as disciplinas que são mais complexas. Isto ocorre pelo fato de que suas dificuldades ou dúvidas não foram acolhidas pelos professores, neste percurso, e nem pelos pais no decorrer da passagem para as séries sequenciais.

Flaviane: *É, mas tem alguns professores que eles passam questão, e tipo, quem não fez, ele já chega só colocando resposta, tipo assim, um aluno terminou, um aluno terminou ah! O questionário que ele passou, entrega pro professor e nisso ele pensa que toda a sala já terminou e entendeu o conteúdo que ele passou, e nisso ele só vai passando a resposta, e aquele aluno que está com dificuldades vai ficar pra trás e não vai entender nada, ou seja, ele é o famoso copista, só copia o que o professor passa no quadro, e mais, não é questão que ele quer isso, é porque o professor tipo, não... não teve um entendimento muito bem do aluno.*

Emanuele: *Não deu atenção pra aquele aluno.*

Icaro: *E o aluno não entendeu o professor.*

Emanuele: *Ele não da atenção.*

Flaviane: *É, entende?*

Icaro: *É... a minha... ah, não sei, eu não entendo também, é o que ela acabou de falar, lá na sala tem um menino, que o nome dele eu não vou falar porque... dá merda... ele só fica fazendo nada... ele senta na cadeira e fica lá, olhando, e os professores não pegam no pé dele, e isso que é o incrível, o professor fala assim se ele não quer aprender, ele que... fica pra lá, deixa ele, deixa ele na dele., mas eles tem que olhar que não é só nós que vai... quer ter um futuro, ele também quer ter um futuro, se ele não quer agora, ele vai querer ter um futuro, então temos que dar uma pressão nele, ver se ele vai querer alguma coisa, botando em aula de reforço, ou no final da aula, não vamos segurar ele a força, só se ele quiser, fale.*

Nesse sentido, os alunos explicam que quando este aluno chega no nono ano, geralmente ele não dá continuidade nos estudos por apresentar dificuldades básicas no processo de escolarização tais como: leitura e interpretação de texto. O aluno nessa condição teria um modo

diferente de aprender. Isto justifica o atraso na aprendizagem. Os alunos da escola pública justificam que essa situação ocorre devido ao modelo vigente de avaliação da aprendizagem, em que o aluno não pode ser reprovado, somente com a ressalva, a de faltas excessivas. Este método não é considerado como bom para avaliar a aprendizagem, para este grupo de alunos. Isto porque, apenas diminui o índice de reprovação, porém o analfabetismo ainda continuaria, mesmo o aluno frequentando as aulas.

Emanuele: Ah, tem isso, nessa escola tem um... uma que eu odeio, é sério, eu odeio o jeito que eles avaliam o aluno aqui nessa escola, cara, eu quero, explodir todo mundo, porque tipo assim, eu não acredito que o governo daqui manda os alunos ir passando e parar no 9º ano, porque cara, na escola que eu estudava, se o aluno, lá no 1º ano, se ele não soubesse ler, cara, eu ia repetir o 1º ano até ele sair de lá lendo tudo! Aqui não, aqui tem alunos do 9º ano que não sabem ler, tipo assim, cara, como assim? Se a pessoa nem sabe ler, como é que ela vai entender uma interpretação de texto? Como ela vai fazer alguma coisa? Isso é ridículo também.

Ainda sobre isso, os adolescentes afirmam que tais práticas contribuem, igualmente, para o aumento de indisciplina escolar, visto que, as aprovações ocorrem sem que o aluno esteja apto, ou seja, saber ler, escrever, interpretar, que seriam bases para dar continuidade e, com isso, é possível encontrar alunos no oitavo ano que não sabem ler ou escrever que, por sua vez, optam por bagunçar em sala de aula.

Os alunos sugerem que para os estudantes que têm dificuldades em ler e escrever, deveria haver avaliação com base naquilo que sabem. Ainda ressaltam que a atenção e a dedicação do professor são imprescindíveis. Com base nessa proposição, poderia considerar que a evasão escolar no ensino médio diminuiria pois, se sentiriam motivados. Os alunos ainda reiteram que, para resolver o problema do aluno copista, depende da dedicação e o estímulo do professor, já que nestas circunstâncias, o aluno copista é estigmatizado pelo professor como aquele que não faz nada.

De acordo com Rego (1996) as escolas frequentemente têm se apropriado desses termos a fim de designar o aluno indisciplinado e os abordam como sendo um sério problema para a aprendizagem. Nesse contexto o aluno indisciplinado é compreendido como sendo aquele ou até mesmo um grupo que não obedece às regras da instituição, que se rebelam, que tomam uma postura de insubordinação ao disciplinador que a princípio se refere a figura do professor. Desse modo, o comportamento indisciplinado é considerado pelos educadores como um desacato a sua autoridade.

Além disso, de acordo com a autora acima, esses alunos são apontados como aqueles que apresentam dificuldades de se ajustar às normas instituídas tanto em sala de aula quanto

pela escola. Geralmente esses alunos questionam e discordam dessas regras e se manifestam contra, por consequência disso, são denominados de indisciplinados. No ponto de vista dos profissionais da educação, esses comportamentos dificultam o processo de ensino e aprendizagem, pois a disciplina é um fator essencial para que se tenha efetividade no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

No ponto de vista dos alunos da escola pública, casos como este, são recuperáveis. No entanto, isto exige interesse do professor em insistir com esse aluno, já que para eles, o que impede o aluno copista de aprender é o desinteresse.

No contexto escolar, o corpo docente é responsável pela atividade mediada que é aquela que promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores das quais se referem a memória, a criatividade, a atenção, a percepção e o pensamento, que interligados ao uso de instrumentos ampliam a ação humana e novas funções psicológicas podem operar, em outras palavras, se trata da combinação entre os instrumentos e o signo na atividade psicológica. (VYGOTSKY, 1991)

Emanuele: Aí tinha que estar dando uma atenção pra esses alunos, que como vai mudar esse jeito, esse jeito de avaliar o aluno, e ele já tá lá no 9º ano, sem ler e vai ter que passar a noite, e aí que vai ser mais difícil, até por causa da quantidade de trabalho e nananan. Tinha que dar mais atenção pra esses alunos, tipo assim, é... procurar esses alunos que não sabem ler, que tem dificuldade, e avaliar eles de um jeito também diferente, e dar uma atenção.

Flaviane: Pra mim a única coisa que precisa é de uma ajuda, de um aperto de mão e falar Eu estou com você pro que der e vier, mais ou menos isso.

De acordo com eles, pode ser que haja um pouco de preguiça por parte do aluno copista, mas este pode ser superado. A exemplo disto, as aulas de reforços, o acompanhamento das produções do aluno ao final da aula seria imprescindível para o sucesso escolar destes. Para além disso, uma pressão do professor o ajudaria, considerando que estes geralmente têm dificuldades de interagir com os professores.

Icaro: “Eu... eu cheguei no 8º ano, sem aprender a ler, eu agradeço muito a minha professora, Denise né? Essa eu vou falar o nome, que eu... cara, eu gosto muito dela. E ela me ensinou, ela me ajudou muito a ler e a escrever, e a fazer continha de matemática, tudo que eu tenho eu agradeço a ela, porque eu aprendi o básico com ela, mas esse básico já está me ajudando, eu já consigo entender a matemática, a leitura minha melhorou muito, ela falava pra mim começar a ler em casa, e isso me ajudou, ela foi me ajudar, botando pressão em mim, falando que era pra eu fazer continha.

Icaro: É que nem a nossa, é... tipo assim, a nossa metade tá lá : Vai, você tem que ir, você tem que ir., mas a outra metade tá Que preguiça velho, deixa isso pra lá..

Os alunos da escola pública citam outro grupo de alunos conhecidos como bagunceiros ou indisciplinados, são aqueles alunos que mobilizam a bagunça em sala de aula. Tanto o aluno indisciplinado como o aluno copista são excluídos pelos professores. Diante dessas circunstâncias, os alunos concordam que, todo aluno bagunceiro já foi um aluno copista. Para eles, a princípio, o aluno fica quieto e no decorrer de sua trajetória escolar se torna o aluno engraçadinho que por fim acaba por atrapalhar a aula.

De acordo com estes alunos, a bagunça em sala de aula ocorre, pois não há nada a se fazer, já que, como citado anteriormente, o aluno indisciplinado foi aquele que teve dificuldades de aprendizagens. Portanto, enquanto permanece em sala de aula, em silêncio, passa a interagir com os colegas, por meio de conversas paralelas, contação de piadas, movimentação na sala de aula ou uso do celular, quando possível. Isto também pode ocorrer quando este aluno não gosta da disciplina por não conseguir compreendê-la.

Os adolescentes da escola pública enfatizam que estes alunos recebem um tratamento um pouco diferente dos outros grupos, pois além de serem excluídos, são expulsos da sala de aula. Embora haja interesse em aprender, este aluno não recebe a atenção do professor, somente de alunos que geralmente estão na mesma situação. Diante disso, os alunos explicam que o aluno indisciplinado ou bagunceiro passa a se sentir culpado pela situação que provocara, magoado com professores que agem desse modo, se sentem abandonados e desacreditados por si mesmos.

Icaro: É igual eu, ele... quando eu tipo, pego e falo assim Eu não quero nada., eu não estou dizendo Ah, eu não estou nem aí pra mim., ele só tira eu do meio de todo mundo ele fala Se você não quer, você fica aí., Eu já fui excluído altas vezes, não vou falar que eu não queria, queria ser excluído, pra mim... mas se ele pegasse no meu pé, eu iria com certeza, eu ia enxergar, eu falo isso porque eu sou um adolescente, eu ando passando por isso, eu sei o que eu estou sentindo, se tiver um impulso e ele falar pra mim, eu vou, eu não reclamo, tudo que... tipo, eu estou vendo que eu estou fazendo a coisa errada, eu tento corrigir ao máximo, ao máximo pra mim... andar no caminho certo.

Para os alunos que já foram considerados indisciplinados, compreendem a importância do professor, mas explicam que os sentimentos que tem pelos professores, sejam ele de afeto ou não, influenciam na relação e isso implica no interesse em assistir a aula de alguns professores, ou até mesmo se sentir motivados a estudar e evitar a bagunça.

O pensamento de desistir dos estudos passa então a ser frequente, até que ocorrem as faltas sucessivas e o não comparecimento mais à escola, mesmo que haja o interesse em estudar.

Nestes casos, os alunos pensam que o estudo não é uma realidade para si e a desistência se torna uma das alternativas mais viáveis para enfrentar a situação. Segundo esses adolescentes, a desistência ocorre em um número maior do nono ano para o ensino médio, pois, em séries anteriores eles são obrigados pelos pais a irem para a escola.

Icaro: Eu tenho um querido colega meu, que... ele... ele gosta de uma bagunça... ele olhou assim, ele olha tudo ao redor dele e fala que nada vai adiantar, ele já pensou altas vezes em desistir da escola, que nem, ele já reprovou uma vez, e ele reprovou, e ele falava assim que pelo simples fato dele não ter passado de ano, que ele não vai passar de novo e fica só pra trás, e ele fala que ele vai desistir, mas eu sempre tento ajudar ele pra ele não desistir, eu falo: Tudo bem, você vai parar agora? Você no nono ano, já está a 14 anos aqui dentro, daqui uns tempo você pode tá na faculdade, não desiste.

O nono ano é o último ano na escola para muitos desses alunos. Nota-se um sentimento de desesperança em relação aos estudos a mudança da situação. Com a idade de 14 e 15 anos muitos começam a trabalhar e até se propõe a estudar, no entanto, reconhecem que as dificuldades só aumentariam. Embora sempre destaquem a importância de dar continuidade aos estudos, quando continuam são os próprios colegas que os incentivam a prosseguir.

De acordo com os alunos da escola pública, os alunos considerados indisciplinados são rotulados pelos professores. O rótulo atribuído é citado pelos adolescentes como marcação. Em outras palavras, esse termo se refere ao aluno com atitudes de bagunçasna sala de aula. Isto ocorre, pois, os professores comentam entre si, e acabam todos tratando esse aluno igualmente. O aluno marcado ou considerado indisciplinado, conforme explicitam o grupo, pode estar sempre sozinho ou em grupo. Tanto em grupo como isolado são denominados como: povinho da bagunça, aluno perdido, alunos do fundão, povinho sem futuro, aluno que vai pro mal caminho, aluno que não faz nada, bagunceiro, reprovado.

Emanuele: Tem um aluno da nossa sala que... digamos que ele sempre foi um bom aluno e tá, mas aí é... ele fica, digamos no fundo, e no fundo onde ele fica, tem um povinho que não faz nada, que é aquele povinho da bagunça, só que esse nosso amigo, ele faz as coisas, e as pessoas ficam tipo cobrando dele Ai, sai daí que você vai se perder no mal caminho, que você vai... só que não, ele tá fazendo e tal, e o professor fica tipo Ah, deve ser porque... é tipo não querendo perder um aluno, mas, ele não tá perdendo, porque o aluno ele... o aluno faz, então é tipo meio sem noção

Flaviane: É tipo meio que fica julgando, Ah, quem senta no fundo é sem futuro né, que não faz nada., então fica mudando o pessoal de lugar, só que não tem nada a ver isso.

Pesquisadora: Tipo... esse... esse povinho da bagunça, que é povo do fundo, o que que eles fazem? Tipo assim, eles não conversam.

Icaro: Não, eles falam alto.

Flaviane: *Ficam falando alto, atrapalhando a aula, até aí tá tudo bem, mas agora ficar julgando um colega pelo fato de ser amigo deles e falando que vai entrar na onda deles é tipo, eu não acho certo, sabe? É quase igual tipo você andar com umas meninas, como eu posso falar? Que vai na festa, sai, gosta de... se você andar com elas você vai se tornar igual, tipo, eu não acho certo sabe? As vezes eu brigo muito, muito com a minha mãe por causa disso, porque a minha mãe acha que Ah eu ando com tal pessoa, eu vou seguir o exemplo dela., que nem exemplo é.*

Icaro: *É igual aula passada, é... eu comentei sobre, que eu ando com pessoas erradas, eu só fico no meio de pessoas erradas... eu só fico com pessoas que fumam, cheiram e isso, usa aquilo, bebe, mas eu mesmo, eu estou no meio mas eu não uso nada disso, eu sou diferente, cara, meu pai, minha mãe, meus professores, eles não conseguem entender que eu sou diferente, não estou no nível deles, eu sou, eu sou, não.*

Nesse sentido, os alunos destacam comportamentos que deveriam ser considerados indisciplina escolar, no caso dos professores, tais como: desrespeito com o aluno, atrasos, estresse, agressividade na comunicação, injustiça, usar o celular durante a aula, expulsar o aluno da sala de aula, estigmatizar ou marcar o aluno, culpabilizar o aluno, separa-los de seus pares, fazer divisão entre alunos bons e alunos ruins. Quando isto acontece, os alunos criticam que não há muito o que se fazer, a não ser resistir, pois, os professores são a autoridade na sala. Nessas circunstâncias, esporadicamente, alguns alunos reagem de forma mais agressiva partindo para violência, e que isso não seria correto.

4.6. Como se produz a indisciplina? Considerações, críticas e propostas

Os alunos da escola privada, explicam que o aluno é desrespeitado pela escola, quando não é ouvido, quando não pode expor seus pensamentos, questionamentos e não recebem devolutivas. Os alunos concordam que o respeito deve haver de ambas as partes e a liberdade de expressão deve se estender a todos. Em outras palavras, a democracia deveria ser uma das bases das relações estabelecidas na escola.

Juliana: *Acho que quando debate assim, aí alguns professores vem falar que na época deles não tinha essas coisas, não sei o que, que os alunos não eram assim, que os alunos respeitava os professores, mas tipo assim, igual a Melissa falou, os tempos mudaram algumas coisas que mudou, os anos se passaram e os alunos podem se expressar de várias maneiras, eu acho que de certa forma essas pessoas de maior idade deveriam respeitar as nossas opiniões, independente da forma que nos expressamos.*

Na perspectiva destes alunos, é perceptível que os professores não se flexibilizam ao receber a opinião de um aluno e há um certo saudosismo em relação ao modelo de escolarização em que o sistema era autoritário. A maioria dos alunos concordam que há situações em que o

professor não aceita ser refutado ou criticado em relação aos conteúdos. Desse modo, o conhecimento resultaria de uma imposição. Em outras palavras, os alunos compreendem que a ciência é um saber passível de questionamentos e assim desejam fazê-lo, porém, alguns professores não se disponibilizam para este modelo e os interpretam de modo equivocado.

Nesse sentido, respeito e diálogo deveriam prevalecer, pois assim, o pensamento dos alunos poderia se expandir ao se sentirem livres para discordar, questionar ou até mesmo concordar. Conseqüentemente, não haveria desrespeito ou violência na relação ensino-aprendizagem. Ainda explicam que isto se aplicaria em qualquer contexto das relações humanas.

Juliana: Acho que de certa forma a gente expressa nossas opiniões e eles não compreendem, da opinião que eles nos dá [...] mas tipo assim, acho que na minha opinião, eles deveriam entrar em consenso. Não em consenso, mais um respeitar a opinião do outro, entrando tipo, no consenso de que você tá certa e eu tô certa. Eu acredito numa coisa, você acredita em outra, e que deveríamos expandir nosso conhecimento pra depois poder debater, mas que isso não deveria entrar violência, desrespeito entendeu?

Os alunos, de modo geral, compreendem que a questão do aluno adolescente não ser ouvido ou não poder expressar a seu modo suas questões, perpassa por um processo histórico da juventude no Brasil. Com o conhecimento que já possuíam, esses alunos lembraram que, em um período da história no Brasil, os jovens não tinham liberdade de expressão. Os jovens se submetiam às condições e se silenciavam ou eram brutalmente calados. Para eles a história não pode se repetir diante dos direitos e liberdades já conquistados.

Grazielly: Pelos professores serem mais velhos. Na época que eles eram jovens como a gente, eles não podiam expor opinião deles porque os pais iriam ver que eles estavam respondendo e tudo mais. Mas hoje como o mundo mudou muito, os jovens estão colocando mais a opinião deles. E muitas vezes, você fala com respeito, mas eles pensam que é sem respeito, que a gente, sei lá, tá desrespeitando, não quer ouvir, não quer aceitar, mas não é. Assim como ele quer por sua opinião em público, a gente também quer expor nossa opinião. Se a gente fala qualquer coisa, a gente que tem que estar errado, a gente tem que aceitar só aquilo que eles tem como certo. Nossa opinião, como outras pessoas dizem, não vale de nada, é errada, só a deles, só a opinião deles que tá certa, Acho isso errado. Pode falar nada.

Em concordância com muitos aspectos citados pelos alunos da escola privada, os alunos da escola pública destacam a relevância dos estudos. Para eles, o estudo é a garantia de um futuro melhor, isto é, uma melhor colocação no mercado de trabalho. Para os alunos da escola pública, o professor tem primazia a apropriação do conhecimento. Isto inclui incentivar ou criar formas de estimular os alunos a se apropriarem deste conhecimento.

Na visão os alunos da rede pública, este conhecimento é avançado, no entanto, somente o considerado bom aluno tem tido acesso. O grupo enfatiza que todos devem ser ensinados e não excluídos do processo de aprendizagem. Portanto, cabe ao professor: motivar, cobrar, ajudar, impulsionar, ensinar, tirar dúvidas, explicar o conteúdo de modo que facilite a aprendizagem, acompanhar o desenvolvimento dos alunos com dificuldades e dar igualmente atenção para eles. Na perspectiva do grupo, um professor nunca deveria: excluir, abandonar, colocar para fora deixar para traz e cobrar do aluno sem explicar o conteúdo.

Diante deste contexto, “a escola, deste modo, deve fazer o seu papel para a formação de sua personalidade, ou seja, deve produzir necessidades de conhecimento sistematizado nos alunos” (ANJOS, 2017, p. 103).

Souza e Silva (2018) ainda afirmam que a sociedade produz modos de ser adolescente e determina assim sua condição social. Estes modos de ser são transmitidos por meio da linguagem aos adolescentes e estes internalizam esses modos. Vale aqui apontar que o processo educativo embora assuma essa lógica de prepará-lo para o mercado de trabalho, é capaz de ir, além disso, pois os conhecimentos apropriados pelos adolescentes produzem desenvolvimento humano.

Os alunos apontam a família como forma de explicar a produção da indisciplina. Explicam que a família exerce um papel fundamental na vida escolar dos alunos, por meio do acompanhamento e participação nas atividades propostas pelas escolas. No ponto de vista destes, a participação dos pais é um fator motivador para investirem nos estudos. Quando os pais não os acompanham, o aluno se sente incapaz e desmotivado”. Igualmente, explicam que sentem a necessidade de ajuda nas atividades escolares e de expressão de afeto na relação familiar. Para eles, isto colabora para que se dediquem e compreendam melhor a própria realidade vivenciada nas relações escolares.

Emanuele: Ah, não sei, tipo... depende da família, é que os professores não ligam pra ele, a família acha que é... é... um... a família tipo assim, não acompanha o aluno pra ver como é que ele está, pra ver o que é que ele está fazendo na escola e tal, aí isso acaba prejudicando o aluno.

Flaviane: É, ele pensa que tipo, ele é muito... como que eu posso falar? Muito incapaz de conseguir algo que ele quer, então isso acaba levando muito pra cabeça, então ele... ele coloca uma coisa na cabeça e ele pensa que é exatamente isso, mas na verdade não, ele simplesmente precisa de uma pessoa que está ali disposta a ajudar, a fazer com que ele enxergue as coisas diferentes, sabe?

Os alunos da escola privada relatam que, diante de um comportamento considerado indisciplinado, o aluno se torna marcado pelos professores, ou seja, rotulados. Por este motivo, quando se tornam rotulados os alunos discordam e se sentem revoltados, reprimidos e com raiva. Às vezes, o motivo pelo qual são considerados indisciplinados é a discussão em sala de aula. Alguns declaram não compreenderem o fato de não poderem expressar seus pensamentos mesmo sendo sobre assuntos concernentes à aula e outros do cotidiano. Vale mencionar que aplicam uma ressalva ao explicar que não são todos os professores que agem desta forma. Porém, os que assim o fazem são considerados por eles como professores chatos.

Lauany: Olha eu sinto um pouco de raiva e revoltada também por causa que eu não estou desrespeitando a pessoa e nem xingando ela e nem falando nada. Só estou expondo minha opinião que eu acredito e defendo que é contra a dela porque é diferente dela e, no mundo diversificado como a gente vive hoje, tem vários tipos de opinião e não vão ser iguais. A pessoa fica querendo colocar a opinião dela como certa. Ok, mas ela também tem que entender que eu também quero colocar a minha opinião como certa, aí isso rola muitas discussões.

Melanie: Daí por eles serem mais velhos que a gente a gente não pode responder aí a gente guarda meio que um rancor, aí já vem aquele professor chato novamente.

Melissa: Ou tipo, quando a gente vai fazer alguma piadinha com eles ou com um amigo, eles já acham que é para eles. Só que não é, pode ser para um amigo ou até mesmo uma piada de duplo sentido, talvez com ele, daí eles fazem a gente explicar, todo um xilique, uma bagunça lá, aí depois manda o aluno para fora, inventa um monte de coisa lá, aí fala não, a gente não quis dizer isso, meio que da boca para fora, ou a gente quis falar no outro sentido.

Nota-se que sentimentos como esses afetam o interesse dos adolescentes em assistir determinadas aulas. Para além disso, estes alunos afirmam se sentirem pressionados para terem alto rendimento escolar, pelo fato de estudarem em escola particular. Na perspectiva deles, são cobrados excessivamente pelos pais para apresentarem boletins com notas sempre altas. Porém, nem os pais, nem os familiares compreenderiam as reais condições e dificuldades que teriam. Tantos os pais como professores almejam os bons resultados, no entanto, desconsideram como vem se relacionando com o aluno adolescente.

Alguns alunos da escola privada ainda relatam que, no período de provas, as tensões aumentam e o estado emocional em que se encontram impede que tenham bom desempenho, pelo sentimento de medo de não obtê-la. Em casos de notas baixas, os alunos declaram se sentirem culpabilizados tanto pelos pais, quanto pelos professores. Ressaltam que apesar de ambos estarem relacionados aos baixos resultados devido ao modo como se relacionam, eles não reconheceriam seu papel no desenvolvimento do aluno.

Já os adolescentes da escola pública afirmam que os sentimentos de afeto contribuem para o desenvolvimento e aprendizagens entre o professor e o aluno, enquanto sentimentos como mágoa e raiva da escola ou dos professores causariam, em algum momento, situações de discussões que resultariam em violência entre alunos e professores, ou até mesmo com outros funcionários da escola. Para solucioná-la, os alunos afirmam que somente a reflexão de si mesmo e de como estas relações se estabeleceram é que os alunos mudariam de comportamento.

Os alunos explicam que professores orientam os alunos considerados “bons alunos” a não se enturmarem com os aqueles considerados indisciplinados para não se tornarem iguais. Por unanimidade, estes alunos afirmam que não acham correto e, também, não faz sentido esta conduta dos professores. Na verdade, acreditam que os professores tentam evitar uma “bagunça” generalizada e que estes “alunos bons” venham fazer o mesmo. Na perspectiva dos professores, o aluno bom seria aquele que fica quieto e presta atenção nas aulas e não interage com os demais alunos por meio de conversas paralelas. Os alunos não se veem como pessoas ruins a ponto de não permitirem que outros possam interagir com eles e, por isso, se sentem “julgados” erroneamente.

De acordo com os alunos da escola privada, ser aluno não é somente aprender a ler e a escrever ou memorizar os conteúdos. Ser aluno é construir um pensamento questionador, é pensar sobre o futuro.

Melissa: Parece que a gente é o errado e não eles, tipo, a gente tá num lugar diferente, do outro mundo, parece que num lugar isolados, só quem está certo podem ser os melhores. Assim não porque tem uma idade mais velha que a gente, que nós também não somos, ou seja, certo. Tem os dois lados diferente para o mundo e quando eles fazem isso, às vezes eu me sinto isolada, porque a minha opinião pode estar certa e a dele errada, mesmo ele sendo mais velho que eu..

Juliana: Acho que quando a gente é vivido, eu acho que a gente veio aqui não pra gente expressar nossas opiniões como a gente, mas só pra gente chegar aqui sentar e ler o que a gente deve ler, acho que isso é errado porque a gente deve abrir nossos pensamentos e poder perguntar, tirar nossas dúvidas e não só sentar aqui e ler a apostila, acho que isso é errado.

Melissa: Muitos professores falam também é... tipo, a gente vem pra escola só pra ler, ver, sentar e aprender. A gente não, também quer aprender outras coisas, com nossos amigos, colegas de outras salas que aprendeu a, tipo, a origem, de aprender, a conversar algo de como vai ser lá no futuro, tirar uma dúvida, a gente não sabe e vai perguntar pra alguém que sabe como os professores, é mais o menos isso.

Os alunos mencionam que os pais e professores acreditam que os adolescentes não teriam problemas ou dificuldades, cabendo a eles somente a atividade de estudar. No entanto, esclarecem que este pensamento é equivocado já que neste período, muitas mudanças

acontecem. Isto implica no surgimento de algumas dificuldades em lidar com as novas situações como, as amizades, os namoros e vestibular. Neste último caso, os adolescentes explicam que se sentem pressionados diante de uma escolha que por vezes são impostas.

Melany: É algo novo, né? Tem muita pressão das pessoas em torno de você tipo seus pais, às vezes seus professores, às vezes seu pai te compara com seu irmão, ah tipo: ele passou, você também tem que passar, você estudou a vida inteira na escola particular e na hora você não vai passar? Você tem que passar, é uma coisa que a gente quer, mas é muita pressão em cima da gente e a gente acaba ficando tipo transtornado, é bem ruim.

Mayara: Na verdade nossos pais querem: medicina, medicina, medicina. E eles não querem saber nossa opinião, muito ruim!

Melany: Tipo, eu não tenho algo assim formado que eu quero ser. Eu penso em três coisas, mas não tenho formado, formado o que eu quero ser. Eu quero o que eu vou seguir para minha vida, né? Tem que ser algo que eu goste, que eu quero e às vezes os pais não entendem isso! Como a colega falou que eles que querem muito, muito medicina pra você, mas não é o que você quer muita das vezes. Aí você acaba entrando naquilo que eles querem, tá para fazer os gostos deles

Grazielly: A minha mãe não me impõe muito a questão da Medicina. Na verdade, eu que sempre quis seguir na área da Medicina Veterinária ou da Psicologia. Agora com 14 anos eu pensei em Psicologia, mas minha mãe não quer.

Pesquisadora: Você disse 3 áreas que você gostaria. Você poderia dizer quais são elas?

Melany: Professora de dança, da polícia e gastronomia.

Anthony: Ah eu quero seguir um monte, porque é muitos anos de faculdade, aí não tem nem tempo pra curtir a vida [...] Mas o que eu quero acho que... o que eu quero, eu não sei, o que eu quero mesmo é Arquitetura. Mas eu tenho outros...

Beatriz: Às vezes eles sempre, alguns não, mais alguns falam: ah você tirou essa nota, falta de estudo. Mas eles não param pra pensar que você pode tá passando algum problema familiar, algum problema na escola em relação a amizade, porque amizade também prejudica o psicológico, às vezes você tá até com problemas amorosos e você tá prejudicando seus estudos e eles falam: ah você tirou essa nota porque você não estudou, mas na verdade não.

Alguns alunos associam este modo de se relacionarem com o aluno adolescente, devido ao fato de ignorarem as potencialidades no campo do pensamento que um adolescente tem. Para eles, os professores teriam dificuldades de aceitar o pensamento questionador e crítico do adolescente. Outros alunos afirmam sentir medo das consequências e, por este motivo, preferem se calar e com isso se moldar ao sistema da escola.

Lauany: Bom, primeiramente, eles repudiam porque acham que a gente tá desrespeitando eles e muitas das vezes o adolescente, ele quer expressar a sua opinião, eles expressam na frente

do professor, só que o professor não aceita e o aluno fica com medo, a se vai falar alguma coisa, aí vai falar pra coordenadora, diretora. Vai chamar meus pais, eu não tô a fim de levar bronca, nem nada, então ele acaba, basicamente, ele mesmo se reprimindo por fato do professor não entender.

Os alunos criticam a postura de professores que utilizam a pressão, a punição como forma de impulsionar o aluno a aprender, apresentar boas notas e controlá-los por meio do medo. Para eles, a aprendizagem se dá na relação com o professor e modo como o professor e o aluno se relacionam implica no baixo ou alto desempenho. Embora haja notas baixas, os alunos concordam entre si que há uma culpabilização somente do aluno e isentam os professores e todo o contexto.

De acordo com os excertos abordados, nota-se que uma das atividades principais na adolescência é a atividade estudo. Anjos e Duarte (2016) concordam com Vygotsky que a atividade de estudo é relevante para o desenvolvimento do adolescente, já que com esta atividade constitui-se a formação dos conceitos, consecutivamente, o pensamento por conceitos.

Anjos e Duarte (2016) explicitam que é na adolescência que o indivíduo desenvolve a capacidade de compreender conceitos mais complexos sem que haja a necessidade de elementos concretos, ou seja, aqueles visuais ou palpáveis. O modo de pensar, de ver o mundo e o sistemas de relações são transformados.

Os autores refletem que em uma sociedade capitalista em que se exige cada vez a qualificação de mão-de-obra dos indivíduos, o processo de escolarização na adolescência passa a ser concebido, somente, como meio de inserção no mercado de trabalho. Em consequência disto, o processo na qual deveria promover o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, acabam por afiliar-se a uma educação voltada para atender as demandas do mercado de trabalho e com isto, os estudantes se voltam para a escolha de uma carreira profissional, por isso os interesses nas disciplinas seriam direcionados para as áreas de possíveis funções no mercado de trabalho.

A inserção no mercado de trabalho compareceu nos dois grupos, e ambos expressam o estímulo dos pais sendo esta uma forma de agradá-los ou ajudá-los nas despesas familiares. Alguns adolescentes afirmam que, no Brasil, o trabalho como fonte de renda é proposto como forma de complementar a renda familiar, dependendo da situação socioeconômica da família. Com isso estabelecem um paralelo com o Estados Unidos da América e concluem que o modo de vivenciar a adolescência de um país para outro se diferem. Isto é mais evidente no grupo de

adolescentes da escola pública. Enquanto que para os adolescentes da escola privada não há incentivo dos pais para sua inserção no mercado de trabalho, somente na dedicação aos estudos.

Emanuele: Tem adolescentes hoje que, tipo assim, família tem uma vida estável, digamos assim, que os pais conseguem ser independentes sem ajuda. Mas tem famílias que seu pai já fala: você já vai trabalhar com 14 anos. Que é tipo a norma padrão para começar a trabalhar, aí começa a cedo a trabalhar.

Icaro: É igual nos Estados Unidos, os filhos já começam cedo a trabalhar. Depois que atingir os 18 anos que os filhos têm e são obrigados a sair de casa. Não obrigado, mas pedem para eles se retirarem para casa deles e viver a vida deles.

Henrique: Diferente daqui!

Icaro: Sim diferente daqui

Juliana: O que eu gosto é de ter um porte físico bom porque eu jogo futsal aí né? Aí o que eu não gosto é trabalhar.

Cristiane: Seja sincera.

Juliana: Eu não gosto de trabalhar, mas para ser justa com a minha mãe, eu trabalho.

Neste caso, a condição socioeconômica a que pertence o adolescente é determinante constitutivos para a vida. Diferente da escola pública, alunos da escola privada destacam que quanto mais tempo o aluno se dedica aos estudos, melhor é o desempenho escolar e a colocação no mercado de trabalho.

Melany: Por exemplo, para conseguir um emprego tipo maior, vamos dizer assim do que ele teria se entrasse com 11 anos, ele não teria conseguido um emprego tão grande. Se ele terminar os estudos, ele vai ter um conhecimento maior, ele vai conseguir entrar em áreas diferentes.

Pesquisadora: Você disse então, que quanto maior o tempo de estudo, melhor o trabalho que ele vai ter, é isso?

Mayara: Acho que sim.

Pesquisadora: Um melhor, melhor conhecimento. E esse conhecimento só ajuda para um melhor trabalho ou pra outras coisas?

Graziely: Melhor conhecimento pra vida, assim eu acho.

Pesquisadora: Pra vida? De que forma?

Melany: É tipo assim, as pessoas podem tirar tudo de você, mas o conhecimento ninguém pode tirar de você.

Melany: Que às vezes ele vai procurar emprego tipo, acho que tem que terminar o ensino médio em alguns, aí ele não vai conseguir aquele emprego por conta que ele não terminou os estudos.

Os adolescentes ainda compreendem a relevância dos conhecimentos apropriados na escola, pois é possível aplicá-los ao cotidiano. Um adolescente da escola privada destaca que o ensino escolar, está para além de uma colocação no mercado de trabalho.

Igualmente, explicam que estudos e trabalho não devem ser apropriados pelo adolescente com a idade de 11 anos, pois se assim for o aluno perderia o foco e não conseguiria se dedicar aos estudos. O trabalho para estes alunos parece representar ambiguidades, ao mesmo tempo que é um empecilho para os estudos, é uma forma de desenvolver algumas responsabilidades, independência e autonomia.

Melanie: A partir de uma certa idade tem que começar a procurar algum emprego né, não depender sempre do pai.

Maiara: Criar responsabilidade.

Melanie: Mas não com tipo 11 anos trabalhando, pelo menos eu não acho certo, acho tem que focar nos estudos nessa idade.

Antony: Tipo assim, por exemplo, uma aula de ciências, e aí vai ter uma palestra como se comportar uma situação de afogamento, aí se acontece de acontecer com a família, tipo, queimadura, como antigamente colocava pasta. Mas não é certo isso, queimadura de água viva, colocar urina, isso aí. Então aí a gente já vai saber que tem que levar pro hospital.

No que se refere ao mercado de trabalho, os adolescentes da escola pública concordam entre si que há, atualmente, várias entidades que oportunizam a inserção do adolescente no mercado de trabalho. No entanto, percebem que há um preconceito por partes das empresas em relação ao adolescente pobre da periferia. Para eles, as empresas teriam preferência em contratar adolescentes das regiões centralizadas ou até mesmo adolescentes da classe média, sob justificativa de serem qualificados.

Icaro: É, escola particular, eles estudam mais que nós. Não que eles são melhores que a gente, que eles pagam, que eles têm dinheiro, eles vão pro mercado de trabalho mais rápido que nós e nós aqui sofrendo. Ooh tem que ralar muito, ralar bastante pra quando chegar lá na frente, mostrar pra eles que a gente pode, que a gente é qualificado, consegue fazer o que eles estão pedindo, porque se não for isso, cara, você não consegue, você não vai longe, eles barram você na porta e falam você não pode, você é isso, você é aquilo.

Além da questão sócio-econômica, também aparece nas discussões a questão de gênero. Para eles, o mercado de trabalho coloca a mulher em uma condição desigual em relação ao homem, principalmente na questão salarial.

Icaro: E o preconceito na área de trabalho também, né? Homem tem muito mais oportunidade de trabalho que as mulheres.

Henrique: Eu acho que, na minha opinião, que a gente devia ganhar dinheiro pelo tanto que a gente trabalha, porque realmente não é justo seu trabalho ser um tanto e a pessoa trabalha o mesmo tanto que eu, então a gente tem que ganhar valor igual. Não é só porque o gênero dela é diferente que nós temos que ganhar valores diferentes.

Quando questionados sobre a inserção do adolescente no mercado de trabalho, grande parte dos participantes da rede pública discordaram sobre sua inserção na adolescência. Destacam que essa condição é proposta ao adolescente por motivos da condição socioeconômica da família. Nesse sentido, os adolescentes da classe média não teriam esta necessidade, ficando a critério dele escolher investir nos estudos ou auxiliar na renda familiar e, em decorrência disso, alcançar sua autonomia e independência. Os adolescentes da escola pública percebem que a condição da classe social determina o lugar que o adolescente ocupa no mundo do trabalho.

O adolescente pobre teria que trabalhar para ajudar a família na renda familiar, diferente do adolescente rico. Esta condição, para eles, resulta em desigualdades sociais e nos postos de trabalho e algumas profissões que ficariam a cargo dos ricos e outros somente para os pobres devido à qualificação profissional.

Embora considerem esta condição uma determinação das classes sociais no sistema capitalista, alguns adolescentes da escola pública apontam que a questão da inserção do adolescente no mercado de trabalho deveria ser uma decisão a ser tomada pelo adolescente e não uma imposição ou necessidade.

Emanuele: Eu creio que tipo assim, digamos que tem uma família rica que tem dois jovens lá, aí o pai deles vai deixar herança com eles, eles pagam escola particular, eu creio que esses alunos, se esses jovens, se eles não quiser tipo assim, ah eu quero trabalhar por vontade própria porque eles não precisam de dinheiro. Eu acho que variam deles, mas aí tipo assim, voltando pra uma família mais carente que precisa de dinheiro, precisa de dinheiro... pra se sustentar ou ajudar a mãe, ajudar o pai, ele tipo que meio que fica obrigado a trabalhar pra fazer isso.

Os adolescentes da escola pública também destacam a relevância do trabalho, pois este o tornaria independente financeiramente dos pais. Outro ponto importante para eles é a ideia de que a pobreza e o trabalho os tornariam mais humildes¹¹ do que os ricos, enquanto os ricos se

¹¹ Aqui os alunos concordam que a pobreza é uma condição que desenvolve habilidades e valores sociais que na riqueza não seriam possíveis. Parece aproximar-se da concepção de que o trabalho dignifica o homem.

tornariam mais egoístas pelo fato de acumularem mais capital do que os demais na sociedade. Diante disso, percebem as desigualdades sociais e destacam que os ricos têm acesso a privilégios aos quais a população pobre não tem. Igualmente, reconhecem que as desigualdades são disparadoras de sofrimento.

Emanuele: Eu acho também que tipo assim, como o rico tem uma qualidade de vida, ele consegue pagar a faculdade que ele quiser, pode fazer quantas faculdades ele quiser mais o pobre não, o pobre tem que estudar pra entrar num universidade, pra conseguir uma vaga ou fazer vestibular, eu acho né? Até conseguir aquilo que ele quer, então é mais sofrido e difícil.

Um aluno discorda ao afirmar que a condição da pobreza se trata de um modo de pensar e que seria possível superá-la bastando-se na mudança de pensamentos e estudos. Aponta que as desigualdades das classes sociais existem devido a escolha dos sujeitos cabendo a ele mudar a própria realidade.

Icaro: Eles trabalham pra mostrar que a família dele tem autonomia, tem poder suficiente pra ta ganhando o que ele ganha, né? Aí o pobre não, pensa que, ou até mesmo adolescente, o adolescente filho do rico ele pensa em ganhar, em sair, tá em outros países, o pobre não, sou pobre, vou ficar aqui pra sempre, vou ficar aqui pra sempre no mesmo lugar e vai ficar nessa mentalidade até... Até, quando resolver dar um jeito na vida deles.

Tal discussão demonstra que há, entre eles, a ideia de que é possível ao pobre ascender socialmente, caso deseje e se esforce, que é uma das bases do capitalismo, a meritocracia. Ao serem questionados sobre as profissões escolhidas, a fim de serem inseridos no mercado de trabalho, os adolescentes da escola pública demonstram indecisões, pois estão em um processo de escolhas entre trabalhar e estudar. Das profissões já decididas destacam: Agronomia e Nutrição. Das profissões que demonstram interesse e indecisão são: Medicina, Psicologia, Advocacia, Jornalismo, Técnico em Matemática, Arquitetura, Desenho.

Emanuele: Eu dos meus 7 anos até os 12 eu pensava em ser psicóloga, mas eu fico, tipo, indecisa. Agora eu não sei eu faço Medicina ou Psicologia porque eu gosto de, tipo assim, a Psicologia além de eu estudar só o corpo, a aparência, o corpo, ela estuda os sentimentos, o cérebro e isso é muito massa.

Icaro: Cara, eu ainda não tenho ideia.

Henrique: Agrônomo

Vale mencionar que o tráfico foi citado como uma posição de ocupação profissional. Os alunos relatam que já houve um aluno que afirmou desejar ser traficante.

Henrique: *Eu lembro até hoje, pra vocês ver como as coisas mudam, eu lembro uma vez a professora, deixa eu lembrar o nome da professora, aquela loira lá que você enfiou um lápis, Cícera, uma vez a Cícera perguntou pra gente o que que a gente queria ser, ele falou que queria ser traficante[Risos]*

Já os alunos da escola privada destacaram a pressão que recebem dos pais para seguir a carreira em Medicina. Nota-se que a Medicina não é um curso que estes adolescentes desejam, porém é a profissão mais sugerida ou imposta. Também apresentaram suas escolhas próprias tais como: Medicina, Medicina Veterinária, Psicologia, Arquitetura, Gastronomia, carreira Policial e Dança. Enfatizam que esta não é uma escolha fácil e que por essa dificuldade prevalece a escolha dos pais. Até o momento desta pesquisa, a cobrança maior para alguns alunos se refere à aprovação no processo seletivo para estudarem o ensino médio no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT).

Melanie: *“Porque é aquilo que você vai seguir para vida toda, né? Tipo, se você fizer um curso e muitas vezes você não gostar é claro que você pode ir e trancar e tentar outro, mas acho que você tem que seguir aquilo pra sua vida toda, algo bem difícil de você escolher e gostar. ”*

Melanie: *“Nesse momento é para passar para o IF, tipo oh: Tem que passar, você tem! Aí, tipo, direto, hoje mesmo eu falei com ela, que tipo, eu quero muito passar, por que é algo assim, se eu passar, eu sei que meus pais vão ficar orgulhosos e eu estudei a minha vida inteira numa escola particular, então eu acho que eu tenho que passar, né? ”*

Sobre as desigualdades de classe sociais, os alunos da escola privada e concordam que há diferenças em ser um adolescente pertencente à classe média e à classe baixa. Isto pelas condições materiais que um tem acesso e o outro não. Outros discordam ao explicitarem que o *status* social, para muitos adolescentes, é o mais relevante sendo ele pertencente ou não à determinada classe. No caso do adolescente pobre, seria uma forma de não se conformar com a condição socioeconômica que ocupa e, por meio da “ostentação”, o adolescente procuraria aparentar ser pertencente a uma outra classe.

Melissa: *Os pobres já é mais humilde, já tem uma diferença entre eles, não é só o dinheiro, mas também outros como: o físico e o mental. Porque a classe alta, muitos pensam só neles. Já o pobre, já pensa na família, já pensa no futuro.*

Grazielly: *Existe porque pode ser adolescente rico que é simples e humilde apesar de ser rico, mas outros, é super mimado, né? e os outros para eles não importam. E o pobre ele é simples, mas tem alguns que querem se achar rico, entendeu?*

No trecho acima, a adolescente considera que há diferenças, nos aspectos físico e mental, entre adolescentes de classe média e baixa, remetendo à ideia de que, por serem pobres,

as prioridades e as condições de vida materiais, os acessos, o tornariam diferentes nesses dois aspectos do desenvolvimento humano.

Os alunos da escola pública explicam que as desigualdades sociais os afetam no sentido de que não tem acesso à mesma Educação ofertada nas escolas privadas. Outros alunos discordam destas disparidades no ensino da rede pública e privada e apontam que há igualdade nos conteúdos, somente o modo e as condições em que o ensino é ofertado seriam diferentes.

Henrique: *Tipo, as escolas deles, não é julgando a minha escola, tá? Mas tipo, as escolas deles são melhores do que a nossa, o ensino deles é melhor entendeu?*

Emanuele: *É tipo assim, eles pagam pra ter uma Educação boa, mas o que eles estão aprendendo lá, nós também estamos aprendendo aqui, só que de um jeito diferente.*

Um dos adolescentes reflete que as desigualdades sociais produzem modos de pensar sobre a própria realidade e que diante das condições materiais, os adolescentes pobres poderiam não perder a perspectiva de um futuro melhor diante da pobreza.

Icaro: *O adolescente pobre ele pensa assim: Ah, o filho do rico ele tem mais chance que nós, a gente, porque a gente não vai conseguir, porque eles são mais qualificados, tem dinheiro, consegue pagar uma escola e tals e o adolescente pobre não, eu to aqui velho, pra que que eu vou se eu não vou conseguir chegar lá? Pra que que eu vou ta estudando? O adolescente ele desiste sem antes dele tentar, ele vê que aquilo não é pra ele, aí quando ele chegar lá na frente ele vai ver que nossa, eu podia ter estudado, eu podia ter conseguido chegar aonde é que ele chegou.*

Esta perspectiva de vida que o adolescente cita se refere à melhores condições de trabalho, ao conforto no usufruto dos bens, a Saúde, a Educação, Segurança, alimentação e formação profissional.

4.7. Adolescência e indisciplina, tem alguma relação?

Conforme alguns alunos anunciaram, a indisciplina é considerada pelos professores como associada à adolescência pelo fato de os professores apontarem as diferenças no comportamento do aluno adolescente de quando ainda eram crianças. Isto é, de um comportamento passivo e controlável para outro questionador e crítico. Outro aspecto notório, é o crescimento físico, sendo considerado pelos professores um divisor da infância e da adolescência.

Beatriz: *Mas eu acho que a indisciplina talvez seja um pouquinho fundamental! Porque se for aquele adolescente que é muito quieto e robotizado, que não faz nada, que é engessado,*

prejudica muito a vida dele. Depende da indisciplina, né? Se for muito exagerado aí, né? É errado. Mas tem que ser um pouquinho saidinho, sabe? Não dar aquela saidinha do padrão, assim, você tem que seguir todas as regras possíveis. Viver aquela fase que vai acabar rápido[...]. Aí, uma coisa errada que ele não fez, digamos que ele não fez nada ele pode fazer essa coisa e isso vai prejudicar muito mais do que ia prejudicar na adolescência ou ele vai fazer isso de forma errada e vai tentar agir como criança, não sabe lidar com aquela situação. Por exemplo, ele não foi para nenhuma festa, nunca foi numa festa, ele não foi para nenhuma festa quando era adolescente, aí quando ele é adulto ele vai para uma festa e acaba fazendo tudo de errado. Lá, bebe um que o copo tá ali.

Para os alunos da escola privada, a indisciplina escolar não possui relação com a adolescência. O que ocorre é que os adultos interpretam a busca do conhecimento como indisciplina. Esta busca é a necessidade que sentem de compreender o que na infância era incompreensível. Porém, são equivocadamente considerados indisciplinados quando questionam, não são ouvidos quando sugerem, por isso, seriam tratados ora como adultos, ora como crianças.

Melissa: Não, nada a ver tipo, a gente tá crescendo, cada dia aprende algo novo. Pra entender esse assunto, quando a gente era menor, a gente entendia, também, a gente queria também saber, a gente era mais inocente, pode dizer não sei lá. Hoje a gente já não é tanto... a gente já sabe a maioria das coisas, ai eles acham que antigamente era mais fácil. A gente quer discutir sobre algo e já quer saber mais profundo aquele assunto ou quando a gente tem aquele assunto que não sai da nossa cabeça só que a gente não entende, aí eles acham que o passado é mais fácil de explicar por que era mais fácil a gente entender.

Observa-se que os adolescentes da escola privada desejam dialogar com os adultos, com os professores sobre os diversos conhecimentos que adquirem quando percebem que ampliam a capacidade de reflexão e compreensão do mundo e de si mesmos, nestas relações. Estes adolescentes desejam aplicar o conhecimento que estão adquirindo na prática. Desse modo, as amizades estabelecidas com os pares se tornam acolhedores já que a condição de ser adolescentes lhes parece ser semelhante e nessa relação seriam compartilhadas as situações vivenciadas.

De acordo com os alunos da escola pública, a adolescência não está relacionada com a indisciplina escolar. Como já dito antes, a indisciplina está para além dos muros da escola, está para além de apenas uma causa ou a culpa do aluno. Nesse ponto de vista, a indisciplina é multifatorial. Os alunos reiteram que a indisciplina escolar é produzida em toda e qualquer relação e faz parte do desenvolvimento humano. Não somente alunos cometeriam atos de indisciplina, todos os envolvidos na escola estariam sujeitos a esta condição, pois para eles a

disciplina estaria ligada à perfeição e isto não é uma condição humana, todos errariam em algum momento, independente de qual seja o período da vida, inclusive os adultos.

Emanuele: Por isso que eu disse que na escola há indisciplina, porque tipo assim... temos esse guarda de portão, ele tem de ficar ali no portão, e vê se tem alguma coisa acontecendo na escola e vai como se fosse alguma coisa errada, como se tivesse, sei lá. Digamos que um aluno matando aula dentro do banheiro, aí ele vai lá e Moça, o que você está fazendo aqui? Então digamos que ele cuida do que está acontecendo na escola, mas aí voltando pra tipo a escola em si, acontece nas salas, acontece na coordenação, pode também acontecer na frente da rua, alguma briga digamos assim.

No que se refere à adolescência e indisciplina, alguns alunos discordam ao explicar que os adolescentes não internalizam os valores que a família transmite. Nesse sentido, o adolescente internalizaria os discursos sociais, de como devem ser. Culturalmente, o adolescente é percebido de modo pejorativo, e isto seria internalizado pelo mesmo como um modo de ser.

4.8. Democracia na escola: perspectivas dos alunos para as relações escolares.

Os alunos da escola privada sugerem como gostariam que fosse a relação entre alunos adolescentes e professores. Alguns alunos propõem que os professores se dediquem ao ensino, considerando as dificuldades individuais, já que as aulas expositivas fariam com que se apropriassem de uma grande quantidade dos conteúdos os quais não seria possível compreender em sua integralidade. Para resolver isto, propõem que os professores se aproximem dos alunos a fim de sanar as dúvidas. Como já dito antes, esta proposta comparece pelo fato de que alguns alunos demonstram medo ou receio de fazer questionamentos em sala de aula.

Juliana: Acho que pra tirar as dúvidas os professores poderiam ir de mesa em mesa pra não confundir a cabeça dos alunos. Isso é uma observação.

Outro elemento destacado por eles é a implementação de uma escola democrática em que tanto o aluno como o professor, a direção e funcionários teriam a possibilidade de dialogar e, juntos, pensar modos de se relacionarem e promover mudanças necessárias considerando as opiniões. A roda de conversa é proposta como forma de propiciar a participação de todos. O debate de opiniões é justificado como forma de promover a compreensão, o respeito e consequentemente a ajuda mútua.

De acordo com Boarini (2013) a indisciplina escolar é o resultado de relações sociais no ambiente escolar. No interior dessas relações, são produzidas regras de convívio a partir daquilo

que ocorre no cotidiano deste sistema de relações da comunidade escolar. Portanto, as regras ou normativas são de algum modo histórico pois, se perpetuam no modo que a instituição escolar lida com a indisciplina. A autora acima explica que as regras também são singulares a medida que se considera as transformações que no âmbito coletivo. Isto significa que, a indisciplina deve ser analisada como resultado de uma construção coletiva.

Depreende-se assim que o modo de analisar a questão da indisciplina escolar deve ser contextualizada e considerar toda a comunidade escolar para assim compreender as produções que foram sendo aplicadas como possíveis solução para a indisciplina escolar. Os alunos desta pesquisa evidenciam a necessidade de promover diálogos entre professores, alunos, gestores a fim de redefinir regras e percepções que se elaboram sobre o aluno considerado indisciplinado. Pois, percebem que o modo que a escola lida historicamente com o aluno indisciplinado não promovem realções saudáveis entre ambos e ocorre uma estigmatização, exclusão e conflitos entre ambos. Daí a relevância de analisar a indisciplina de forma contextualizada,

Juliana: Acho que um debate sobre opiniões deles e nossas opiniões.

Melissa: Eu acho que eles poderiam fazer uma roda pra entender o ponto de vista do aluno. O que acha que a gente pensa, do que a gente gosta. Ajudar a gente mais, assim como quando a gente na monitoria, a gente se ajudando. A professora podia passar mais revisão da prova.

A didática do ensino para algumas alunas, o processo de aprendizagem poderia ser atrativo, a fim de motivá-los aos estudos. As aulas são consideradas tediosas e por este motivo, dariam espaços para eventuais dispersões.

Juliana: Aulas mais divertidas, porque aulas divertidas chamam mais a atenção dos alunos, porque tipo assim eles num tentam conversar com a pessoa pra te animar, porque tem aulas que são bem chatas, bem tediosas, aí se tenta puxar assunto pra você se divertir.

Lauany: Aí você vai ter mais vontade de aprender por causa que, de uma forma divertida eles vão ver o conteúdo como uma coisa legal e vai dar mais vontade de aprender do que ficar toda hora lendo o mesmo texto.

Melissa: Tipo, fazer brincadeira de alguma disciplina, tipo fazer o de caça palavras ou uma música, tentar rimar as frases desse conteúdo pra aprender, aí você lembra daquela música que você aprendeu. Ai seria mais fácil de entender o conteúdo.

Os alunos reconhecem a importância do ensino e desejam se apropriar deste conhecimento, porém, consideram que o modelo pedagógico e os recursos que utilizam estão ultrapassados e não despertam o interesse em aprender.

No campo das sugestões, os adolescentes da escola privada sugerem que a respeito da indisciplina, os profissionais da escola deveriam promover meios de prevenir e combater bullying na escola. Os alunos concordam que este problema deva ser amplamente abordado, já que esta é uma ocorrência frequente, e o aluno não se sente acolhido no momento que procura providências junto à coordenação da escola. O bullying é considerado para esse grupo como um tipo de indisciplina escolar, sendo um dos principais. Sobre isto, explicam que o aluno que sofre bullying na escola é afetado psicologicamente e, nesta condição, se sente desmotivado a continuar os estudos. O respeito, a compreensão, o diálogo e o acolhimento são possíveis intervenções para serem trabalhadas em campanhas, rodas de conversas e outros meios de enfrentamento contra esse tipo de indisciplina na escola.

Lauany: E também acho que, na minha opinião, a escola deveria fazer campanha contra bullying e todo esse tipo de coisa que faz o aluno não querer ir pra escola ou ter vontade de aprender. Sair das mídias sociais por causa que a gente só faz trabalho sobre assunto, mas não é praticado, nem mesmo pela escola.

Melissa: E também os professores que falam sobre respeito, que não pode fazer isso, não pode fazer aquilo, sendo que ele fala sobre isso mais não age contra, tipo, eles até embasam a gente sobre isso, falando algo e quando a gente busca ele, ele finge que não vê.

Outra relevante proposta é a participação dos alunos na escolha do tema a ser trabalhado na escola. Alguns alunos apontam que, todo ano, a escola escolhe uma temática e desenvolve várias atividades a fim de conscientizá-los. Apesar de compreenderem a relevância do projeto, os alunos sentem a necessidade de participar ativamente de atividades que permitam articular a teoria e a prática de fato. Os alunos percebem que há uma contradição vivida na escola ao perceberem que os temas trabalhados não são cumpridos pela própria escola.

Antony: Tipo, a escola começou esse ano com sustentabilidade e de economizar água, não poluir o ar, essas coisas, mas eles mesmo não fazem isso, eu vou no lixo de papel tem garrafa vidros recicláveis, tem metal.

Lauany: E usam muito papel pra colar recado e prova, muitas coisas desnecessárias, aí isso acontece, isso é hipocrisia que eles fazem porque eles mesmos não fazem essa coisa sustentável. Acho que seria muito mais fácil ou mandar a mensagem pro grupo, não tem grupo, montar algum grupo da sala de aula pra tipo as pessoas anotar como se fosse tarefa, aí você gastaria menos papel ou a gente faz recadinho e faz lá e muita gente não usa, só pra gastar papel mesmo.

Melissa: Ter um projeto que a gente escolha o tema e não eles porque o tema desse semestre é regiões. Tá tudo bem, tem as regiões que estão extintas, onde tem água, onde tá faltando, tá isso é educativo, isso traz conhecimento, só que eu não tô entendendo, eu quero algo mais divertido como também trazer alguns projetos pra desenvolver, não só ficar escrevendo, passar o vídeo explicativo. Alguns professores são preguiçosos, entre aspas, só passam no quadro pro aluno copiar e às vezes passam um slide, aí dá trabalho, conecta depois desconecta.

Em concordância, outra aluna enfatiza a necessidade de haver aula com recursos que permitam articular a teoria e a prática tais como: passeios, aulas experimentais e recursos tecnológicos atualizados.

Juliana: Essa parte, sobre esse negócio de papel, eu e minha irmã tava brincando sobre ter greve da prova. Aí, tipo assim, eu entrei, comecei a me debater na minha cabeça, aí pensei em fazer uns negócio de fazer recadinhos. Não tão exagerado, de certa forma. Aí o professor passou e como era dia do meio ambiente, a gente poderia fazer tipo uma excursão em reservas pra gente poder saber como é que é na prática e não só no papel e eu gostaria bastante de tipo poder saber como é que é a forma de tipo os ambientalistas poder cuidar dos animais, cuidar dos, tipo, como que eles fazem pra poder não, não, tipo, não deixar os animais entrarem em extinção, como são tipo pra replantar, as técnica que você usa, a gente poder ver com os próprios olhos como a gente pode fazer reflorestar e como não deixar alguns animais não entrarem em extinção.

Sugestões para diminuir ou amenizar a questão da indisciplina também são apresentadas pelos alunos da escola pública como uma questão de valores a serem trabalhados nas relações estabelecidas na escola. As relações podem deixar de ser conflituosas se houver: uma relação colaborativa de ambas as partes, respeito, diálogo e incentivo. Depreende-se que estes alunos desejam ser ouvidos e suas opiniões sejam de fato encaminhadas.

Emanuele: Dar mais atenção pro...

Flaviane: Dar um incentivo...

Emanuele: Incentivar.

Icaro: Preste mais atenção no que o aluno quer, que ele tem que respeitar o aluno e o aluno respeitar ele, tipo, ele prestando atenção no aluno e vendo o que ele quer, o que o aluno sente, o que todos... eu sei que não tem como, se o... olhar e sentir o que todos os alunos querem, mas ele indo de um por um, dando aquela total atenção, se o tiro na perna que o aluno sente, ele vai saber o que fazer, e ter mais paciência, paciência... cara, é uma coisa que eu aprendi... essencial, eu aprendi com o meu professor, cara, a paciência que o meu professor tem, eu invejo ele, eu olho pra ele assim e penso assim Caralho, porque ele tem essa paciência? ele fala... o jeito dele falar com a pessoa, o jeito dele tratar, cara, maravilhoso, maravilhoso, muito bom, se eu fosse falar pros professores que... seguisse o exemplo do meu professor, cara, ele é uma... pessoa incrível.

No que se referem às dificuldades no processo de ensino e aprendizagem, os alunos que as têm afirmam que a eles sim, deveriam ser dedicadas a atenção e paciência do professor a fim de identificar as reais dificuldades, assim como, o sentimento do aluno em relação ao seu

próprio processo de aprendizagem. O professor nesta relação poderia identificar qual seria o modo de aprendizagem do aluno considerado indisciplinado. Para eles, o aluno indisciplinado, tem dificuldades de aprendizagem que podem ser superadas, isto, não seria culpa do aluno, mas de todos que deveriam participar do processo: a escola, os familiares, os pares, os professores e os alunos.

Icaro: Eu fui melhorando e tendo essa ajuda, com cada professor, os professores, eles foram me ajudando, pra não falar que eu não tive tanta ajuda de ninguém, eram os professores que conversavam comigo, falaram comigo, fui juntando tudo aquilo, fui analisando, e fui vendo que eu estava... eu observava que... aquilo que eu estava fazendo, estava errado! E os professores estavam tentando falar pra mim isso, desde antes, aí eu fui vendo aquilo e melhorando, trocando estilo de vida, atualizando, que nem na aula passada, atualizou.

O diálogo que foi proposto pelos alunos visa suprir suas demandas sem que sejam “marcados” por estarem questionando e propondo mudanças que contemplem também suas necessidades. Para isso, os alunos enfatizam que esta comunicação deve ser marcada pela “paciência” dos professores ao dialogarem.

A participação dos professores é sugerida como forma de potencializar o sentimento do aluno em relação ao seu processo de aprendizagem e relação familiar. Observam que há necessidade que esta interação ocorra para que melhor elabore sua condição nas relações escolares e também no seio familiar.

A mudança de alguns itens do regimento interno também foi proposta pelo grupo, já que algumas regras não fazem sentido para eles. Nem sempre são cumpridas pelos alunos, quando discordam o que gera sanção disciplinar.

Na opinião destes alunos, o Ministério da Educação (MEC) deveria mudar o modo de avaliar os alunos. Neste ponto de vista, a progressão continuada não contribui para o desenvolvimento da aprendizagem escolar. Na verdade, isto só melhora os índices de alunos aprovados ou supostamente alfabetizados, mas que, na realidade, o que ocorre é uma alta produção de dificuldades de aprendizagens que não foram superadas e indisciplina escolar. A reprovação não seria algo ruim, já que por um lado o aluno, os pais e professores se dedicariam um pouco mais diante de uma possível reprovação, pois isto parece incomodar a todos.

A fim de construir uma relação democrática no ambiente escolar sem anular a presença do aluno diante da indisciplina, os alunos se posicionam ao afirmarem que se dispõem a ajudar e colaborar com o professor se considerarem as reivindicações acima citadas. Vale destacar que os alunos compreendem a necessidade de estabelecer relações saudáveis na escola visto que, tanto o professor quanto o aluno, desejam o ensino e a aprendizagem. Para além disso, se

colocam à disposição de colaborar com o silêncio e de compreender o estado emocional do professor, que seria o estresse. Aqui os alunos apresentam o desejo de compreender e propiciar meios para que os professores possam ensina-los. Ainda sobre isto, a compreensão parte do princípio de que serão também compreendidos ao ouvi-los e, assim, contruir uma relação pautada pelo respeito, empatia e compreensão.

Para finalizar, os alunos da escola pública também ponderam que, caso haja alunos que não participem destas mudanças, os pais poderão ser comunicados e em última tentativa o Conselho Tutelar e por fim a suspensão. Vale destacar ainda que, geralmente, isto não ocorre pois, como já citado, professores costumam ignora-los como se não estivessem em sala de aula. Para eles, isso é um tipo de injustiça.

Por fim destaco aqui a perspectiva dos participantes desta pesquisa ao apontarem a importância dos adolescentes na participação de nossa pesquisa.

Icaro: Nossa muito bom.

Marisa: É porque a gente pode se abrir um pouquinho entendeu[...] Sim, e a gente pôde dar a nossa opinião.

Henrique: A gente fala aqui e a gente não é julgado aqui, a gente fala, fala, fala e não é julgado. Esse que é o bom.

Marisa: A gente pode falar o que a gente pensa sem ser julgado.

Emanuele: É um alívio, é como se você tivesse tirando aquilo um peso, expressando.

Marisa: É porque quando você tá em casa você não consegue falar muito, alguma coisa e não ser julgado. Aqui a gente pôde falar, a gente pode se abrir e vai todo mundo né concordar ou discordar e tamo aqui, tamo falando.

Anabele: Foi muito legal, também aprendi muitas coisas com eles, sobre opinião deles.

Os alunos relatam nos excertos acima que não são ouvidos na escola e revelam que isto ocorre também nas relações familiares. Diante disso, Checchia (2010, p.142) evidencia que os jovens também têm muito a ensinar tanto quanto os adultos, porém é preciso que sejam ouvidos. Quando a sociedade faz esse movimento de não ouvir o que eles têm a dizer sobre a sua própria realidade e condição, contribui para o sentimento de desrespeito e humilhação.

A oportunidade que tiveram, nesta pesquisa, mesmo que breve permitiu que estes adolescentes se sentissem acolhidos e por isto se sentiram confortáveis para apresentar críticas e propostas de como relacionar com os adolescentes.

CAPÍTULO V – DISCUSSÃO

Neste último capítulo serão abordados os temas desta pesquisa, cujo objetivo foi identificar a perspectiva que os adolescentes tinham sobre a adolescência e sobre a indisciplina escolar, assim como, comparar as concepções que há nas distintas escolas das quais os adolescentes estavam inseridos sendo em uma escola de região periférica e outra na região central do município de Várzea Grande, estado de Mato Grosso. Diante disto, a proposta aqui será articular os temas que foram abordados ao longo da análise a luz da perspectiva crítica em Psicologia Escolar.

De acordo com Ozella (2002), o psicólogo Stanley Hall foi o precursor da concepção da adolescência e a definiu como sendo uma etapa do desenvolvimento caracterizada por episódios de tormentos e conturbações provenientes dos impulsos da sexualidade. No entanto Ariés (1981), Ozella (2002), Bock (2007), Checchia (2010), Anjos e Duarte (2016), Leal e Facci (2016) referem-se a adolescência, primeiramente, uma condição de ser historicamente instituída devido às demandas capitalistas vigentes no século XVIII e culturalmente determinadas conforme a sociedade em que o adolescente estiver inserido. Isso significa que a adolescência é concebida como uma produção social, o que descarta a possibilidade de sua naturalização.

Em concordância, os estudos realizados por Abramo (2007) remonta às condições históricas em que a adolescência foi historicamente transformada a cada década no Brasil em um recorte temporal de 1950 a 1990. A autora destaca que a concepção que havia sobre os jovens em cada década também se modificava, conforme os diferentes momentos que viviam.

Rego (2013), Rigon, Asbahr e Moretti (2016) baseado na Psicologia Histórico Cultural, ao abordar o processo do desenvolvimento humano afirmam que o homem não nasce humano, ele se torna humano ao longo da vida nas relações que estabelecem com outros seres humanos mais desenvolvidos. Este desenvolvimento só possível devido ao desenvolvimento das funções psicológicas superiores que vão sendo transformadas quando o ser humano é posto em uma relação com o outro. Nesta relação o indivíduo não é passivo, ele transforma e também é transformado à medida que internaliza o conhecimento mediado pela linguagem, instrumentos e signos construídos e acumulados ao longo da historicidade humana. Por isso utilizou-se o termo tornar-se adolescente aqui nesta pesquisa. De acordo Saviani (2011), estas transformações ocorrem em um processo educativo que trata de uma relação de ensino e aprendizagem das quais sem esta condição não haveria desenvolvimento, pois é esta condição que nos difere dos animais.

O desenvolvimento do adolescente ocorre no momento em que desenvolve novos interesses. Estes novos interesses incluem o abandono dos interesses infantis para apropriar-se de novos elementos culturais que são produtos das atividades sociais. De acordo com Anjos e Duarte (2016) ao desenvolver estudos sobre a adolescência, Vygotsky explicava que neste período de transição o adolescente passa a ter novas necessidades culturais. As crises ocorrem neste momento, pois o adolescente passa a ter uma nova forma de pensar que permite que desenvolva conceitos por meio da atividade guiada que são os estudos. Portanto, a escolarização se torna extremamente relevante na adolescência já que esta potencializa o desenvolvimento humano.

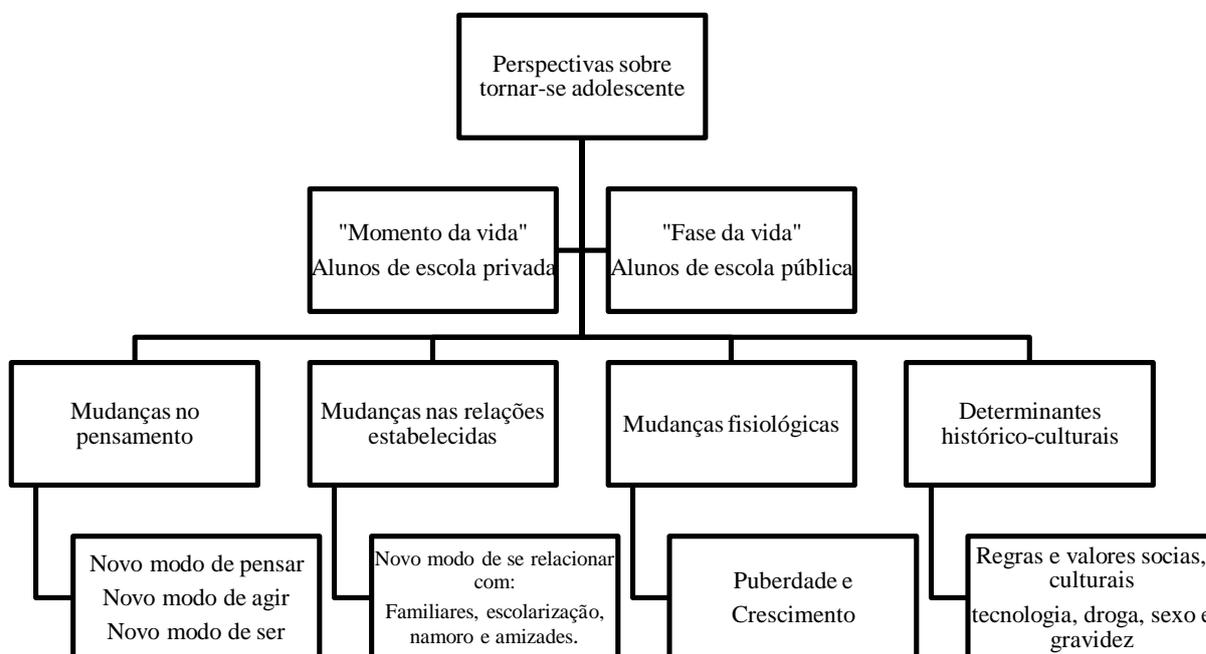
Estes novos interesses, conforme nos apontam Anjos e Duarte (2016), é notório quando os adolescentes verbalizam que a adolescência é uma fase ou um momento de curiosidades e descoberta e a perda de interesses pelo universo infantil. Ambos os grupos destacaram que perceberam mudanças no modo de pensar, isto é, no modo que passaram a compreender a vida, e o quanto isto implicou no modo em que agem em diversas situações.

Por unanimidade, os grupos perceberam que, com isto, gradativamente mudaram o jeito de ser, de se relacionar com as pessoas por compreenderem o modo que se estruturam os sistemas de relações. Nota-se que, ao compará-las, não há diferenças no que tange às mudanças que estes adolescentes estão vivenciando, exceto pela relação que estabelecem com os adultos. Aqueles que tem mais acesso e uma relação pautada pelo diálogo e compreensão se sentem acolhidos e apresentam menos conflitos nas relações com os adultos.

Sobre estas relações com os adultos, Anjos e Duarte (2016) ainda explicam que o novo modo de pensar instaura um período de crise que não se refere a crises emocionais, mas significa que surgem novas funções psicológicas superiores e com isso demarca uma virada no modo de pensar, de ser, na concepção de mundo e permite assim o autoconhecimento.

Os adolescentes, de modo geral, demonstram interesse em descobrir e vivenciar suas experiências tendo como modelo o modo de vida do adulto. Sobre isto, Anjos e Duarte (2016) explicam que, assim como na infância, o adolescente procura por imitação se apropriar de sua cultura que somente são possíveis a partir do pensamento por conceitos mediado pela atividade de estudo, pois, é na internalização dos conceitos sistematizados no processo de escolarização que suas funções psicológicas superiores são desenvolvidas como, por exemplo, a capacidade de abstração. Abaixo segue um fluxograma sobre como o adolescente enxerga o período da adolescência, aqui foram reunidas as concepções dos dois grupos e foram destacados os pontos citados por eles e renomeados em forma de fluxo.

Figura 3. Perspectiva de adolescente sobre a adolescência, 2019.



Um dos dilemas relatados tanto pelos adolescentes da escola pública quanto por alunos da escola privada se refere ao modo como são tratados pelos adultos, ora são tratados como criança, ora são tratados como adultos. Diante disso, alguns adolescentes, nos dois grupos, afirmam que desejam continuar sendo crianças apesar da impossibilidade devido os adultos inseri-los nesta condição de ser adolescente.

Já outros gostam da adolescência pelos ganhos que alcançaram nesse processo. Nesta condição, os adolescentes se interessam pelo modo de vida dos adultos e passam a produzir este modo entre seus pares. No que se refere a isto, Anjos e Duarte explicam que “uma das faces da atividade guia na adolescência é a comunicação íntima pessoal”.(ANJOS E DUARTE, 2016, p.198). Esta é a capacidade que o adolescente passa a desenvolver no que se refere a reprodução das relações existentes entre os adultos nas suas relações com os pares

Outros afirmam ser um período de muitas dificuldades visto que, o adolescente não teria voz, atenção e cuidados como na infância. Por outro lado, as responsabilidades aumentariam e este tem sido um demarcador para entrada e saída da adolescência. Quanto mais responsabilidades são atribuídas ao adolescente e este, por sua vez, se apropria delas, maior é a valorização pelos adultos, e a sua entrada para a adultez. No que se refere a isto, Anjos e Duarte (2016) explicam que esta inserção é histórica e cultural, o adolescente de fato não é mais uma

criança tampouco adulto, isto implica na compreensão de que está em transição e, por isso, o adulto se torna a referência do adolescente, do que ele vai construir enquanto indivíduo. De acordo com os autores, os adolescentes reproduzem o modo de vida dos adultos, já que são eles os modelos ou seres mais desenvolvidos, e isto é uma condição par o desenvolvimento humano. Os adolescentes passariam a imitar e reproduzir o modo de vida dos adultos entre seus coetâneos. Isto não é uma atividade simples e é possível que seja um processo sensível e doloroso. Ainda de acordo com Anjos e Duarte (2016, p. 199) “ o surgimento de um sentimento de maturidade, indicando a manifestação de seu autoconhecimento, deve-se a busca que o adolescente tem por um modelo ideal de ser humano, ou seja, uma referencia adulta”.

Os aspectos bilógicos também foram considerados como demarcador da adolescência, alguns adolescentes perceberam o crescimento de modo geral e, principalmente, por terem aumentado a capacidade de praticar atividades de alto rendimento¹².

Para os adolescentes de modo geral, o tratamento infantilizado, os conflitos, a perda da inocência, ausência de privacidade, a repressão, a falta de liberdade de expressão, de sair, a rigidez, a incompreensão, o controle por meio de punições e o fato de não serem ouvidos, dificulta o desenvolvimento de relações saudáveis e que permita o desenvolvimento de recursos psicológicos que facilitem outra forma de lidar.

Em uma sociedade capitalista, portanto, alienada, os adultos pouco se desenvolvem e este adulto alienado de si e sua condição nas relações produtivas, serão modelos para os adolescentes. Por isso o questionamento e o pensamento crítico, geralmente, não são aprimorados tampouco valorizados pelos adultos. O silenciamento dos adolescentes e a indisposição para ouvi-los nas suas curiosidades, indagações, problematizações nada mais é do que uma reprodução de um sistema que produz alienação social, ou seja, de si e da sua realidade. Esta é uma condição que o adolescente ocupa na sociedade das quais ele necessita para desenvolver-se. Para superar este modo de produção de subjetividades, temoso processo de escolarização desde que este esteja comprometido com a igualdade, justiça e com a transformação social na sua concretude. (ANJOS e DUARTE, 2016; MEIRA; ANTUNES, 2003)

Depreende-se com isto que o adolescente, nestas relações, resiste e reproduz os discursos e o modo de lidar com situações do cotidiano. Isto ocorre quando passam a se interessar por esses novos artefatos culturais. A sociedade por sua vez, acelera o processo dessa

¹² Na escola privada, o esporte foi citado como prática frequente nas aulas de Educação Física e fora da, como por exemplo, voley e futebol e além disso dança de balé. Enquanto que apenas um aluno da escola pública afirmou fazer um tipo de esporte, os demais desta escola apenas se dedicam a atividades domésticas.

integração ao modo de vida adulta, esta sociedade passa a atribuir significados sociais no modo de vida dos adolescentes.

No ponto de vista de ambos os grupos, situações como estas se tornam disparadoras de conflitos pois os adultos resgatam valores sociais e tentam instituí-los neste processo de transição da adolescência e desconsideram as mudanças históricas e culturais das quais os adolescentes estão inseridos. Portanto, os resultados aqui construídos também apontam que a experiência de ser adolescente varia de acordo com processos históricos e culturais subjetivos entre os adultos e os adolescentes. Os adultos tratam os adolescentes conforme foram tratados e idealizam um adolescente passivo, calado e obediente e que realizem seus objetivos que foram frustrados no decorrer da vida.

De acordo com CHECCHIA (2010, p. 122)

“Deve se então atentar para as singularidades implicadas nas distintas adolescências, ou seja, nas diferentes formas de vivenciar a condição de adolescente, com condutas e significações que apresentam variações de acordo com a classe social, a raça, o gênero e contexto sócio-histórico em que os jovens estão inseridos.

Não se trata de conflitos geracionais e, sim, de transformações históricas e culturais que implicam em um modo de ser, no acesso a bens culturais e materiais, e estas relações são, também, formas de impulsionar mudanças no campo do pensamento. Portanto “é precisamente com o auxílio dos problemas propostos, da necessidade que surge e é estimulada, dos objetivos colocados perante o adolescente que o meio social circundante o motiva e o leva a dar esse passo decisivo no desenvolvimento do seu pensamento. (VYGOTSKY 2000, p.170)

Os resultados apontam para os impactos emocionais que as atribuições pejorativas causam na vida do adolescente. Aparentemente poderíamos concordar com as tendências naturalizantes da adolescência, que este é um período demarcado por perturbações emocionais. Pois, a experiência de estar na adolescência foi associada à sintomas de depressão ou bipolaridade e foram citadas como forma de demonstrar como o adolescente se sente diante das relações estabelecidas que tem como resultado o conflito.

Por fim as atribuições pejorativas que a eles são dadas contribuem para a internalização dos discursos de que a adolescência é de fato um período de “aborrecências”.

Em quarto lugar as principais atividades desempenhadas na adolescência como, por exemplo, o estudo e o processo de inserção no mercado de trabalho. O estudo aparece nos dois grupos como uma forma de serem inseridos no mercado de trabalho e alçarem melhores cargos. Por estarem no nono ano do ensino fundamental, alguns alunos da escola privada declaram estar se preparando para adentrar o ensino médio no Instituto Federal de Mato Grosso ou posteriormente adentrar no ensino superior.

Os alunos da escola pública, apesar de desejarem continuar os estudos, a inserção no mercado de trabalho tem sido uma das preocupações mais frequentes a fim de alcançar autonomia. Alguns adolescentes compreendem que, em decorrência das greves, da estrutura física, da falta recursos pedagógicos atualizados, são prejudicados no momento de serem aprovados em processos seletivos como por exemplo, no Instituto Federal de Mato Grosso, assim como em universidades públicas ou em processos seletivos no mercado de trabalho. Alunos da escola privadas demonstram indecisões quanto ao futuro devido a interferência dos pais na escolha de profissões. De modo semelhante, alunos da escola pública apresentam indecisões na escolha entre seguir com os estudos ou trabalhar, casar, ter filhos ou comprar uma casa a fim de se tornarem independentes.

No que se refere a isto, Anjos e Duarte (2016, p.202) explicam que a educação escolar incorre em um grande erro ao direcionar os estudos dos adolescentes com vistas a manutenção do mercado de trabalho. Para o autor, isto é uma forma de “limitar a formação do indivíduo a um processo de reprodução de força de trabalho”. Para o autor, este modelo deve ser superado já que a educação potencializa para o desenvolvimento humano. De acordo com Vygotsky (2000, p. 171):

Onde o meio não cria os problemas correspondentes, não apresenta novas exigências, não motiva nem estimula com novos objetivos o desenvolvimento do intelecto, o pensamento do adolescente não desenvolve todas as potencialidades que efetivamente contém, não atinge as formas superiores ou chega a elas com um extremo atraso.

Por isso a relevância do processo de escolarização na adolescência, Anjos e Duarte (2016) enfatizam que um educação escolar que não promove a superação de uma sociedade capitalista, da divisão social do trabalho está fadada a formação de indivíduos alienados a sua condição social e também fadados a vender sua força de trabalho somente para sua sobrevivência, nas quais geram a divisão de classes sociais e suas desigualdades

Nessa direção, as desigualdades sociais foram mencionadas pelos adolescentes em ambos os grupos quando afirmaram que percebem a distinção das classes sociais em que uma têm mais privilégios e a outra não. Alunos da escola pública nos revelam que o adolescente da periferia sofrem preconceito tanto nos espaços públicos como em entrevistas de emprego e, dificilmente, são contratados para vagas em que os concorrentes são de classe média e residem na região central da cidade. Enquanto os adolescentes da escola privada percebem diferenças no modo de se vestir e nas prioridades que, para eles, seriam o estudo, porém para os que moram em regiões periféricas restam-lhe a inserção no mercado de trabalho devido a necessidade de auxiliar no sustento familiar.

Outro modo de reprodução de desigualdades foram as relacionadas à questão de gênero. Alunos da escola pública percebem que, desde a infância, as questões de gênero são delimitadas. As meninas percebem que os meninos têm mais liberdade que elas. Atividades domésticas também são mais atribuídas a elas do que aos meninos. A menina adolescente é tratada pelos meninos de forma pejorativa, enquanto que os meninos têm mais liberdade para sair, para estabelecer amizades e menos atividades domésticas.

Outro ponto a ser destacado se refere ao acesso às políticas públicas, os adolescentes da escola pública fazem críticas à corrupção, à falta de investimento do governo na Educação e em políticas que favoreçam a juventude. Declaram não ter conhecimentos de políticas que auxiliem o adolescente a ter inserção na política e que contribuam para seu desenvolvimento. Dos serviços públicos mencionados como: o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Conselho Tutelar, Estatuto da Criança e do Adolescente (E.C.A) e o Centro de Referência Especializada da Assistência Social (CREAS), os adolescentes de ambos os grupos revelam que só tem conhecimento do Conselho Tutelar (alunos da escola pública) e do Estatuto da Criança e do Adolescente.

A criação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, considera a adolescência até aos dezoito anos de idade. No artigo 3º deste estatuto, tanto a criança quanto o adolescente devem ter acesso aos direitos fundamentais como: de liberdade, da proteção integral, e a todos os dispositivos que lhe viabilize as oportunidades que lhes propiciem o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual, social e a dignidade. (BRASIL, 1990). Outras políticas advindas desta lei deveriam se tornar acessíveis e contemplar as demandas da juventude brasileira. No entanto, é preciso repensar a essência de cada projeto, de cada política pública direcionadas à eles. Pensar a condição de ser adolescente também requer ouvi-los, requer sua participação nessa construção, exige que ocupem seu lugar enquanto cidadãos. Diante do não reconhecimento das leis e programas que amparam e protegem os adolescentes, questionamos como a sociedade tem contribuído para que a juventude se aproprie do seu papel enquanto protagonista social? Não seria o caso de superar os estereótipos atribuídos à adolescência e propiciar meios para que se apropriem destes espaços na sociedade, já que são os adultos (pais, professores entre outros) quem mediam o acesso e o desenvolvimento dos adolescentes? Ou estamos apenas conduzindo para que sejam adultos de sucesso no mercado de trabalho?

A exemplo disto, o processo de escolarização dos adolescentes de modo geral é conduzido para a formação profissional especialmente aos alunos da escola pública. Em concordância, os estudantes consideram sua relevância, principalmente pela colocação no mercado de trabalho e a aplicação em atividades cotidianas. No tocante a isto, Anjos e Duarte

(2016) ao citar Elkonim (ano), explicam que os interesses nas atividades de estudo devem ser criados no adolescente, pois a atividade de estudo a princípio não é um interesse do adolescente visto que não percebe que há um significado ou utilização imediata. Nesse sentido, a escola teria a função de promover meios das quais os adolescentes desenvolvam e direcionem seus interesses para os estudos.

Nessa concepção o papel do educador, como mediador no processo de aprendizagem e desenvolvimento, é extremamente importante, visto que pode proporcionar o conhecimento científico ou complexo, sem desconsiderar o conhecimento cotidiano do aluno, pois quando o aluno adquire o conhecimento científico, o seu pensamento supera e amplia a percepção de sua realidade e essas são condições propícias para o desenvolvimento humano. (FACCI, 2015)

As concepções sobre indisciplina escolar são consideradas pelos alunos de ambas escolas como um fenômeno cuja responsabilidade seja apenas aluno e sim de todos os integrantes da escola. Sobre isto, a grande questão de nossa pesquisa seria identificar como, quem, onde e quando a indisciplina escolar é produzida na escola. Sobre isto, os alunos explicam que as regras ou regimento interno da escola são relevantes para a organização e deveria produzir relações saudáveis o que, por diversas vezes, ocorre é o inverso, produzindo indisciplina. As regras geralmente não são cumpridas, devido ao fato de não contemplarem as necessidades dos alunos. Nas ocasiões que uma das regras não são cumpridas, uma série de fatores colaboram para o conflito ocorrer e alguns casos chegar à violência. A fim de evitar conflitos, os alunos sugerem o diálogo, o respeito, a compreensão e a dedicação de ambas as partes, para solucionar a questão da indisciplina.

No entanto, as regras geralmente não são cumpridas, devido ao fato de não contemplarem as necessidades dos alunos. Nas ocasiões em que uma das regras não são cumpridas, uma série de fatores colaboram para o conflito ocorrer e alguns casos chegar à violência. A fim de evitar conflitos, os alunos sugerem o diálogo, o respeito, a compreensão e a dedicação de ambas as partes, para solucionar a questão da indisciplina.

O aluno da escola pública considerado indisciplinado se sente, abandonado, esquecido, isolado, desesperançoso, desanimado, desmotivado em relação ao seu próprio processo de escolarização, visto que, a representação que professores têm, segundo os próprios alunos considerados indisciplinados, é que eles seriam: desinteressados, bagunceiros, causadores de desordens, sem perspectivas para o futuro e, ainda, influenciadores em potencial para o desajuste de comportamento de outros alunos.

Para eles, a indisciplina é produzida nas relações, portanto é coletiva. A indisciplina seria caracterizada por atitudes de desrespeito, gritaria, agressões verbais ou física. Assim,

segundo os alunos, o modo como a escola lida com a indisciplina só contribui para o fracasso escolar, aumenta a produção da indisciplina, produz exclusão, evasão escolar no ensino médio e a violência.

Os alunos considerados indisciplinados na escola privada também revelam que se sentem humilhados, amedrontados, reprimidos, desajustados, culpabilizados, desmotivados, confusos diante das dúvidas, estressados e silenciados. Alguns alunos evitam confrontos por motivo das punições, por medo das reprovações e das queixas para com os pais. Outros se opõem a cumprir algumas regras por encontrarem nelas incoerências. Para os alunos considerados indisciplinados nesta escola, o professor rotula o aluno, sob a perspectiva de que ele seja: o conversador, o questionador ou o bagunceiro. No entanto, no posto de vista destes alunos, a indisciplina escolar é vista sob duas perspectivas: a indisciplina segundo o professor e a indisciplina na visão do aluno. No ponto de vista destes adolescentes, podem ser consideradas indisciplina: o bullying, piadas e gritarias. Para o professor seria: a conversa paralela, os questionamentos, interrupções durante a explicação, movimentação em sala de aula, uso de celular, desobediência, a autoridade do professor, não usar o uniforme completo, dentre outros já citados ao longo deste trabalho.

Os alunos da escola pública reproduzem crenças de que a família seria a responsável pelo comportamento aprendido da indisciplina. Rompem com essa perspectiva ao perceberem que a indisciplina não deve ser direcionada apenas ao aluno e, sim, no modo que se relacionam; nas condições materiais das famílias; nas concepções que professores carregam sobre o aluno; nos saberes pedagógicos que não são resgatados para compreender suas dificuldades do aluno e, assim, pensar modos que viabilizem suas potencialidades. Os alunos também expressam discordância ao modelo autoritário e almejam um modelo democrático nas relações escolares.

Inicialmente para compreender o termo indisciplina é preciso compreender que a indisciplina é culturalmente e historicamente constituída e, por esse motivo, não pode ser considerada universal. Nessa perspectiva, não há uma definição estática, pois ela sofre variação tanto numa perspectiva individual como social. O que se afirma é que há uma multiplicidade na conceitualização desse fenômeno que é passível de transformação, decorrentes das significações atribuídas pelos sujeitos e sociedades. Essa variação ocorre devido ao fato que, nas diversas sociedades ela está intrinsecamente ligada aos valores sociais, a um período histórico, às classes sociais, às instituições e essa variância pode ocorrer até mesmo dentro de uma mesma camada de uma determinada sociedade. (REGO, 1996)

Um ponto importante a destacar são as diferenças entre os grupos, pois, nota-se considerações distintas nos alunos da escola pública, quando alguns reconhecem a condição

social da pobreza pela negligência e corrupção do poder público que se reflete na escola, com as políticas públicas, compreendendo que é isto que produz desigualdades sociais, que produz violência ao terem seus direitos violados, negligenciados ao serem desassistidos. Isto reflete no contexto escolar quando a Educação é abandonada pelo governo que não remunera seus professores com o devido reconhecimento, que não garante recursos materiais para a escola pública, que não garante o provimento de outras políticas que superem as desigualdades, pois isto, é condutor da produção do fracasso escolar, da evasão escolar no ensino médio, das violências na escola, e da exclusão como bem refletido pelos alunos da escola pública.

Enquanto que os alunos da escola privada pouco reconhecem as desigualdades existentes entre a classe pobre e a classe rica, afirmam que adolescentes pobres seriam humildes e se dispõem a trabalhar para auxiliar nas despesas domésticas, porém alguns não aceitariam esta condição e buscariam aparentar pertencer a outra classe como se estivessem inconformados pelo não acesso aos mesmos bens.

Os aspectos que não foram aprofundados nesta pesquisa são referentes às questões sexual e de gênero sendo que, apesar de abordada, os adolescentes timidamente tocaram no assunto. Outro eixo temático que apesar de ter sido abordado foram as questões relacionadas ao racismo e preconceito. Podemos inferir que houve um silenciamento por parte dos alunos da escola privada, que incorre no fato de nunca terem vivenciado ou reconhecido situações de racismo.

Para finalizar, a indisciplina escolar deve ser compreendida como uma produção das relações estabelecidas no contexto escolar, deve ser compreendida como produção nas relações no contexto escolar atravessadas por questões históricas e sociais. Sendo assim, a adolescência não está, de modo algum, na gênese da indisciplina escolar, tampouco na estrutura familiar. Tanto a adolescência quanto a indisciplina escolar foram historicamente construídas, culturalmente determinadas e associadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando esta pesquisa se iniciou, constatamos que, nos estudos sobre adolescência, havia uma predominância de linhas teóricas que compreendiam a adolescência como uma fase do desenvolvimento humano das quais são demarcadas pela puberdade, pelas desestabilizações emocionais e conseqüentemente por relações conflituosas. Teorias como estas são consideradas biologizantes e naturalizantes, sob o ponto de vista teórico da Psicologia Histórico-cultural, pois contribuíram para a cristalização de conceitos e da condição de ser adolescente e com isso tem sido estigmatizados, patologizados e socialmente estereotipados.

Diante disso, outra problemática surge destas considerações no contexto escolar que se refere a alta frequência de atos de indisciplina nas dependências de escolas públicas e privadas incluindo os adolescentes. A partir dos estudos realizados em uma revisão bibliográfica constatou-se que esta tem sido uma das grandes queixas dos profissionais da educação.

Assim, direcionamos essa pesquisa para o contexto escolar e elencamos os seguintes questionamentos: o que vem a ser a indisciplina escolar? Há de fato correlação com a adolescência? O que os adolescentes pensam sobre ser adolescente e a indisciplina escolar? Nesse sentido, nos propomos a ouvir os próprios adolescentes, considerando sua realidade, sua historicidade na condição de ser adolescente e sua percepção acerca da indisciplina. Sendo assim consideramos que os questionamentos elencados nesta pesquisa foram respondidos mediante a sua realização por meio da natureza desta pesquisa, o instrumento utilizado, o método de análise e o respaldo teórico para interpretação dos dados.

Para respondê-las desenvolvemos esta pesquisa qualitativa que nos possibilitou captar essas concepções e como são afetados enquanto adolescente no processo de ensino-aprendizagem já que são recorrentes nas escolas as rotulações. Portanto, destacamos a relevância de compreendermos como pensam, vivenciam e percebem a sua realidade no ambiente escolar, bem como na construção da sua subjetividade frente aos estereótipos que a sociedade os atribui. Diante disto, constatou-se que o objetivo geral foi efetivamente atendido pois conseguimos analisar as concepções que adolescentes tinham sobre a adolescência e sobre a indisciplina escolar nos contextos de escolas públicas e privadas. Para além disso, elencamos quatro objetivos específicos, o primeiro foi identificar a visão que os adolescentes tinham da adolescência, este objetivo foi atendido pois no grupo focal os adolescentes expressaram suas opiniões e apontaram como tem sido vivenciar a adolescência. O segundo objetivo foi identificar a opinião que os adolescentes tinham acerca do fenômeno da indisciplina na escola das quais também foi atendido ao ser abordado no segundo encontro do grupo focal. Os alunos

efetivamente abordaram o tema de forma aprofundada contribuindo assim para a compreensão de uma produção da indisciplina escolar nas relações escolares.

O terceiro objetivo foi investigar o modo como era produzido a indisciplina na escola. Este objetivo assim como os demais, foi atendido ao nos apontar que não se trata de causas e sim de produção a partir do modo que professores, alunos, e demais colaboradores da escola se relacionam durante a história de vida escolar destes estudantes e, também, considerando as regras, valores, a cultura escolar constituída na escola.

Já o último objetivo foi comparar se haveria diferenças na perspectiva sobre adolescência entre alunos adolescentes e isso foi atingido pois, na realização dos grupos focais, cada grupo trouxe tanto a perspectiva individual como aspectos que consideram vivenciar de modo similar.

Neste sentido, esta pesquisa partiu da hipótese de que tanto a adolescência quanto a indisciplina escolar são modos de produções das relações construídas histórica e culturalmente e estabelecidas na escola e na sociedade. Durante o trabalho verificou-se que, a concepção de disciplina e indisciplina na perspectiva dos alunos está relacionada aos valores culturais como respeito e empatia, tanto na relação professor–aluno, como na relação aluno-escola. As regras são concebidas como importantes e necessárias, porém para os adolescentes participantes desta pesquisa, estas regras deveriam em partes contemplar seus interesses como a conversa, a interação entre seus pares, o uso de boné, celular, a não obrigatoriedade de uniformização, discussões teórico-práticas, a dedicação no ensino igualmente para todos, entre outros. Portanto a nossa hipótese foi efetivamente confirmada ao constatar que a questão da indisciplina escolar não é um fenômeno inerente à adolescência e sim produzida nas relações escolares.

Avaliamos que nossa hipótese foi confirmada pois verificamos que a indisciplina escolar não um fenômeno inerente a maturação biológica do estudante adolescente e toda produção da indisciplina escolar tem a participação dos integrantes da escola que instituem regras que regulam e normatizam os comportamentos nesse contexto. Nesta condição, os estudantes reavaliam estas regras e normativas culturais da escola e como não são ouvidos passam a resistir a elas, cada um ao seu modo, e nota-se que isto afetam as relações no contexto escolar e consolidam perspectivas pejorativas relacionadas ao adolescente.

Os resultados nos apontaram para a necessidade de desconstruir as concepções naturalizantes, patologizantes e preconceituosas referentes à adolescência e a construção de novas práticas no contexto escolar a fim de resgatar os saberes pedagógicos e construir reflexões e uma *práxis* com os alunos e não para os alunos.

Verificou-se que a noção de adolescência pelos adolescentes está relacionada a um modo de apropriações de artefatos culturais, há reproduções e rupturas de discurso sociais que há sobre a adolescência na atualidade. Além disso, a produção de modos de ser adolescente em decorrência das múltiplas determinações históricas e culturais.

Foram apresentadas críticas e propostas dos adolescentes sobre o tratamento recebido na condição de não serem mais crianças e nem serem adultos nos diversos contextos da vida do adolescente. Identificou-se os impactos emocionais e o sentimento dos adolescentes, frente às mudanças ocorridas neste período. Foram propostos meios de melhorar a relação com o adolescente pautada pela democracia, diálogo, respeito e compreensão

Constatou-se relações de autoritarismo tanto no âmbito escolar como familiar, demarcada pela falta de liberdade de expressão nas discussões, pela falta de esclarecimento nas proibições, pela falta de respeito nas punições. A conduta do adolescente foi reconhecida em diversos contextos como afronta à autoridade do adulto, porém, para o adolescente, a indisciplina comparece como meio de resistência ao que está imposto. No que se refere à produção da indisciplina escolar, os alunos apontam que todos os participantes são incluídos, pois esta é resultado de relações estabelecidas no contexto escolar.

Observou-se que, ao serem tratados ora como crianças e ora como adultos em nada contribuem para a compressão de que lugar ocupam e o adolescente passa a buscar demarcar este lugar ao seu modo. Modo este que é comparado, constantemente, com o de seus responsáveis. Nesse sentido, as cobranças pela maturidade, compromisso, responsabilidade são atributos exigidos e que, gradualmente, o adolescente se percebe satisfazendo estes requisitos, no entanto isso não é percebido pelos adultos, o que desperta uma série de sentimento considerados ruins nesta experiência. Verificou-se que os adolescente apresentam dificuldades para lidar com as novas mudanças que ocorrem neste período e contam com apoio de seus pares na superação destas, por isso destacam a relevância das relações de amizade que geralmente são acolhidos entre si no contexto escolar.

Apontamos aqui as limitações diante da metodologia aplicada, pois poderíamos ter utilizado um formulário pesquisa socioeconômico a fim de considerar estas condições dos adolescentes nas distintas classes sociais.

No que se refere às dificuldades principais, consideramosas que se referem à aceitação do convite das escolas privadas para a participação da pesquisa. Percebeu-se que outras escolas públicas que tomaram conhecimento sobre esta pesquisa também se interessaram e se dispuseram a participar, enquanto que das seis escolas privadas convidadas apenas esta escola

se dispôs. Notou-se certo estranhamento ao explicar que a pesquisa ouviria os adolescentes e não os professores, gestores ou coordenadores da escola.

Recomendamos ampliar o campo de produção de dados para outros contextos como por exemplo, com adolescentes em medida socioeducativa. Para além disso aprofundar nas questões relacionadas ao gênero (LGBTI+) e as relações raciais. Outro aspecto seria o processo de desenvolvimento da adolescência em interface com adoecimento psíquico em adolescentes, considerando os relatos de alunos sobre a automutilação e depressão e a sua condição social.

Sendo assim considero a experiência enquanto pesquisadora no campo da Educação, na área de Psicologia Escolar e Educacional concluída com êxito. Enquanto pesquisadora destaco a importância da continuidade de realizar pesquisas no contexto escolar a fim de construir metodologias teórico-prática que dêem visibilidade aos adolescentes brasileiros e assim construir práticas comprometidas com a realidade da Educação no Brasil. Espera-se com isso contribuir com o rompimento de teorias naturalizantes e biologizantes que contribuem para a reprodução de estereótipos do adolescente incluindo a indisciplina escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo: ANPED/PUC-SP, n. 5 e 6, p. 25-36, 2007. Número especial: Juventude e Contemporaneidade.

ANJOS, Ricardo Eleutério dos. A Educação escolar de adolescentes e a formação dos conceitos científicos. **Temas em Educação e Saúde**, [S.l.], v. 7, mar. 2017. ISSN 2526-3471. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9556>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas, v. 12, n. 2, p. 469-475, Dec. 2008. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572008000200020&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 21 nov. 2019.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cad. Pesqui.** São Paulo, v. 46, n. 161, p. 664-692, Sept. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742016000300664&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 ago. 2019.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. Brasil: catequese e início da colonização. **In: História da Educação e da Pedagogia geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna. 2006.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. O Brasil do século XVII. **In: História da Educação e da Pedagogia geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna. 2006.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. Brasil de Colônia a Império. **In: História da Educação e da Pedagogia geral e Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna. 2006.

ARIÉS, P. **História social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC 2ª ed., 1981.

BARBOSA, Eveline Tonelotto; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sentidos do Respeito para Alunos: uma Análise na Perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 255-270, June 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932015000200255&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 ago. 2019.

BARBOUR, Rosaline. Grupos Focais: Coleção Pesquisa Qualitativa. **In: Introdução aos grupos Focais**. Tradução: Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.19-56.

BOARINI, Maria Lucia. Indisciplina escolar: uma construção coletiva. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 123-131, June 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141385572013000100013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 01 ago. 2019.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-76, June 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572007000100007&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 01 ago. 2019.

BORBA, Francisco S. (org.). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo, Editora UNESP. 2004.

BOTLER, Alice Miriam Happ. Injustiça, conflito e violência: um estudo de caso em escola pública de Recife. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 716-732, Sept. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742016000300716&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 01 ago. 2019.

BRASIL. **Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.html. Acessado em: 01 Jun 2018.

CHECCHIA, Ana Karina Amorim. **Adolescência e Escolarização numa Perspectiva Crítica em Psicologia Escolar**. São Paulo-Campinas: Alínea. 2010.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAZZANI, Maria Virgínia Machado; CUNHA, Eliseu de Oliveira; LUTTIGARDS, Polyana Monteiro; ZUCOLOTO, Patrícia Carla Silva do Vale; SANTOS, Gilberto Lima dos. Queixa escolar: uma revisão crítica da produção científica nacional. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 18, n. 3, p. 421-428, dez. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000300421&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 out. 2019.

DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/indole/>. Acessado em 11 fev 2020

DUARTE, Newton. A historicidade do ser humano e o esvaziamento da individualidade na sociedade capitalista. In: **Aprender a aprender: Crítica às Apropriações Neoliberais e Pós Modernas da Teoria Vygotskyana**. 5. ed. rev. Campinas –SP: Autores associados, 2011

CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte. Representações sociais de professores sobre indisciplina no ensino médio e técnico. **Psicol. educ.**, São Paulo, n. 36, p. 93-106, jun. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752013000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 01 ago. 2019.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; A intervenção do psicólogo na formação de professores: Contribuições da psicologia Histórico-Cultural. In: MARINHO-ARAUJO, Claisy Maria (Org.). **Psicologia Escolar** -Novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática. 2º edição revisada. São Paulo. Alínea. 2015.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; ABRANTES, Angelo Antonio; MARTINS, Lígia Márcia. **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico - do Nascimento À Velhice**. Campinas-São Paulo. Editora: Autores associados. 2016.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; ANJOS, Ricardo Euletério; DUARTE, Newton. A adolescência inicial: comunicação íntima pessoal, atividade de estudo e formação de conceitos. In: **Periodização Histórico-Cultural do Desenvolvimento Psíquico - do Nascimento À Velhice** (pp.241-266). Campinas/SP: Autores Associados, 2016.

FRELLER, Cintia Copit. Trabalhando com pais sobre indisciplina escolar: um desafio para o psicólogo. Disponível em < <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2001t.PDF>. 2001>. Acessado em: 10 set 2019.

GODOY, Célia et al. A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky. *Rev. psicopedag.* São Paulo , v. 23, n. 72, p. 241-247, 2006 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862006000300008&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 10 nov. 2019.

GATTI, Bernadete Angelina. Introduzindo o grupo focal. In: **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília-DF: Liber-livro, 2005.

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KINALSKI, D.D.F; PADOIN S.M.M; NEVES E.T; KLEINUBING R.E; CORTES, L.F. Grupo focal na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Rev Bras Enferm**.

2017;70(2):443-8. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n2/pt_0034-7167-reben-70-02-0424.pdf. Acessado em 01 go 2019.

LEAL, Zaira. F.Rezende. Gonzáles; FACCI, Marilda. Gonçalves. Dias Adolescência: Superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In: LEAL, Zaira. F. Rezende Gonzáles; Facci, Marilda. Gonçalves. Dias. SOUZA, Marilene Proença. Rabello. **Adolescência em foco: Contribuições para a Psicologia e para a Educação**. Maringá: EDUEM, 2014

MEIRA, Marisa Eugenia Melillo. Construindo uma concepção crítica de Psicologia Escolar: Contribuições da pedagogia Histórico-Crítica e da Psicologia sócio-histórica. In: MEIRA, Marisa Eugenia Melillo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. **Psicologia Escolar: Teorias Críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MEIRA, Marisa Eugenia Melillo. Psicologia Escolar: Pensamento Crítico e práticas profissionais. In: TAMANACHI, Elenita Rício; PROENÇA, Marilene; MEIRA, Marisa Eugenia Melillo. **Psicologia e educação desafios teórico-práticos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo. A crítica da psicologia e a tarefa da crítica na psicologia. Rev. psicol. polít., São Paulo , v. 12, n. 23, p. 13-26, jan. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2012000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 jul. 2020.

MELLO, Suelly Amaral. Algumas contribuições da escola de Vygotsky para a compreensão dos problemas de indisciplina na escola. In: GARCIA, W. G., GUEDES, A. M. (Org.). Núcleos de ensino. São Paulo: UNESP, 2003. p.70-78. Disponível em: < <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2002/algumascontribuicoes.pdf> > Acessado em: 23 mai 2018.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MIRANDA, Luciana Lobo et al. Pesquisando com jovens na escola: desafios da pesquisa-intervenção em dois contextos escolares. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 245-254, Ago. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572016000200245&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 01 ago. 2019.

MOLON, Susana Inês. Introdução de Vygotsky na psicologia. In: MOLON, Susana Inês. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURA, Manoel Ori eosvaldo de; ARAÚJO, Elaine Sampaio; SOUZA, Flávia Dias de; PANOSSIAN, Maria Lucia; MORETTI, Vanessa Dias. A atividade orientadora dde ensino

como unidade entre ensino e aprendizagem. In: MOURA, Manoel Ariosvaldo de (org) **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. 2º edição: Campinas-São Paulo, Autores associados, 2016.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M.L.J. (coord); KOLLER, S.H. (org). **Adolescência e Psicologia**: concepções práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia, 2002.

PESSOA, C. T. Ser professora”: um estudo do sentido pessoal sobre a atividade docente a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Obutchénie: **Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 2, p. 1-8, 14 nov. 2019.

REGO, Teresa Cristina. A indisciplina e o processo educativo: Uma análise na perspectiva Vygotskyana. In: AQUINO, Julio Groppa; REGO, Teresa Cristina; **Indisciplina na escola**: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 13ª edição. 1996. p.85. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8532305830>. Acessado em: 12 Mai 2019.
REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da Educação. Petrópolis: Vozes, 24. ed. 2013.

RIGON, Algacir José; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. MORETTI, Vanessa Dias. Sobre o processo de humanização. In: MOURA, Manoel Ariosvaldo de (org.). **A atividade pedagógica na teoria histórico-cultural**. 2º edição: Campinas-São Paulo, Autores associados, 2016.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão. **Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, n. 4, p. 15-30, July 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1993000100003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 14 out. 2019.

SANTOS, Maria de Fátima de Souza; CRUZ, Fátima Maria Leite; BELEM, Rosemberg. Adolescentes podem ser alunos ideais? **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, p. 173-193, Sept. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982014000300008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 ago. 2019.

SAVIANI, Dermeval. Sobre a Natureza e Especificidade da Educação. In: SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11ª.ed. rev.— São Paulo-Campinas: Autores Associados, 2011

SILVA, Luciano Campos da; MATOS, Daniel Abud Seabra. As percepções dos estudantes mineiros sobre a incidência de comportamentos de indisciplina em sala de aula: um estudo baseado nos dados do SIMAVE/PROEB 2007. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 58, p. 713-729, Sept. 2014. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782014000800010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 01 ago. 2019.

SOUZA, Luciana. Karine. de. **Treinamento em Análise Temática: Fundamentação teórica e conceitual**. Curso ministrado em 24 de maio de 2018, Cuiabá (MT), pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Mato Grosso. 2018.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 15 fev. 2020.

SOUZA, Candida de; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. **Psicol. Estud.** Maringá , v. 23, e2303, 2018 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722018000100228&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 1 Abr. 2019. Epub Oct 14, 2019.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acessado em on 31 Jul 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (org.). **Violência e preconceitos na escola**: contribuições da Psicologia. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2018.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo. Editora Martins Fontes. 1ª edição. 2014.

VYGOTSKY, Lev, Semenovitch. Implicações Educacionais. In: **A formação social da mente**. Editora Martins Fontes. 7ª edição. São Paulo 1991.

VYGOTSKY, Lev, Semenovitch. O instrumento e o símbolo no desenvolvimento da criança. In: **A formação social da mente** Editora Martins Fontes. 4ª edição. São Paulo 2007.

VYGOTSKY, Lev, Semenovitch. Estudo experimental do desenvolvimento dos conceitos. In: **A construção do pensamento e da linguagem**. Editora Martins Fontes. 4ª edição. São Paulo 2000.

XAVIER, Luizani Benedita; COTRIN, Jane Teresinha Domingues. O atendimento psicológico à queixa de indisciplina escolar na rede de saúde: reflexões críticas. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 19-39, jan. 2018. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682018000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 jan. 2020.